

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
FACULDADE DE LETRAS - FALE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

JOSEFA MARIA DOS SANTOS

**MEMÓRIAS SOCIOCULTURAIS E SEUS EFEITOS DE SENTIDO: UMA PROPOSTA  
DE PESQUISA-AÇÃO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DO POVOADO  
BOCA DA MATA- ATALAIA/AL**

Maceió  
2019

**JOSEFA MARIA DOS SANTOS**

**MEMÓRIAS SOCIOCULTURAIS E SEUS EFEITOS DE SENTIDO: UMA PROPOSTA  
DE PESQUISA-AÇÃO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DO POVOADO  
BOCA DA MATA- ATALAIA/AL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, na área de concentração em Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa em Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, para defesa pública, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra, em 2 de abril de 2019.

**Orientador:** Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho.

Maceió  
2019

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

S237m

Santos, Josefa Maria dos.

Memórias socioculturais e seus efeitos de sentido: uma proposta de pesquisa-ação com alunos do ensino fundamental II do povoado Boca da Mata-Atalaia - AL / Josefa Maria dos Santos. – 2019.

180 f. : il. color.

Orientador: Helson Flávio da Silva Sobrinho.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 135-138.

Anexos: f. 139-180.

1. Análise do discurso. 2. Memória sociocultural. 3. Efeitos de sentido. 4. Ensino fundamental II – Alagoas. 5. Práticas escolares. I. Título.

CDU: 801:37.046.14

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS	 PROFLETRAS
---	---	--

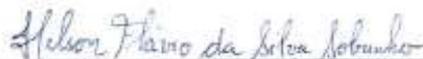
## TERMO DE APROVAÇÃO

JOSEFA MARIA DOS SANTOS

Título do trabalho: "MEMÓRIAS SOCIOCULTURAIS E SEUS EFEITOS DE SENTIDO: UMA PROPOSTA DE PESQUISA-AÇÃO COM ALUNOS DO EF II DO POVOADO BOCA DA MATA-ATALAIA/AL"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos, em 02 de abril de 2019, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador/a:



Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:



Profa. Dra. Belmira Rita da Costa Magalhães (PPGLL/UFAL)



Profa. Dra. Ligia dos Santos Ferreira (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 02 de abril de 2019.

Aos meus filhos e neto pelo amor incondicional.

À minha família pelo incentivo e admiração.

## AGRADECIMENTOS

Inclina o teu ouvido, e ouve as palavras dos sábios, e aplica o teu coração à minha ciência.  
Provérbios. 22: 17

[...] Até aqui nos ajudou o Senhor. I Samuel.  
7:12

Ao meu Deus fiel, por me capacitar e orientar, quem esteve comigo em todos os momentos, desde o dia da prova para o ingresso até a finalização deste curso;

Aos meus filhos, pelo apoio, em especial ao meu filho Jakobson por ouvir-me nos momentos de frustrações, pelas orientações, incentivo, e também, por ajudar-me na digitação dos trabalhos;

À minha família, por sempre acreditar no meu potencial e pelas palavras de encorajamento.

Ao meu amigo, professor Jackson, por informar-me sobre o PROFLETRAS, bem como, pelo estímulo para eu fazer o curso;

À turma 4 do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFAL), em especial aos meus colegas, Quitéria e Hébio, pelos momentos de alegria, de conhecimentos e de ânimos compartilhados;

Aos professores do curso de mestrado, por transmitirem com maestria e dedicação os conhecimentos que alicerçam o curso, assim como, os esclarecimentos, os conselhos e as interações extraclasse;

Ao meu orientador, prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho, por contribuir com as correções e as orientações pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa que deu origem à dissertação;

Gratidão às professoras Dra. Lígia Ferreira e Dra. Lídia Ramires, pelas orientações que contribuíram, significadamente, para com o resultado deste trabalho ao participarem da minha banca de qualificação;

Gratidão ao secretário do PROFLETRAS, Pedro Holanda, pelas informações e esclarecimentos dados durante este período;

À CAPES, pela concessão da bolsa;

Aos meus alunos, aos moradores do povoado Boca da Mata, em especial ao Sr. Batalha e sua esposa D. Dulce, pelos relatos orais concedidos. A toda comunidade escolar: direção, coordenação, colegas professores e funcionários que contribuíram direta e indiretamente para realização deste trabalho;

Às prefeituras da cidade de Atalaia e da cidade de Satuba, por conceder-me redução da carga horária de trabalho para que eu pudesse me empenhar e me dedicar aos estudos do curso, à produção e ao desenvolvimento deste trabalho.

Portanto, tal como apreender a amplitude do passado é um desafio para o ser humano, ativar a memória também o é, pois a memória, além de incomensurável, é mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes se confirmam e usualmente se renovam.

(Lucilia Delgado)

O ensino-aprendizagem de uma língua nos permite não só acompanhar o aluno em seu desenvolvimento, mas também intervir nas situações de dificuldades como mediadoras entre os conhecimentos já apropriados pelos alunos e os conhecimentos potenciais.

(Joaquim Dolz)

## RESUMO

Esta dissertação apresenta a análise dos efeitos de sentido da memória sociocultural do trabalho e da educação do povoado Boca da Mata em Atalaia-AL com alunos do Ensino Fundamental II de uma escola pública municipal. Este trabalho decorre da pesquisa do PROFLETRAS/UFAL que se iniciou através de estudo com grupos de alunos, realização de entrevistas temáticas relacionadas à história, à família, ao trabalho, à educação e às formas de brincadeiras e diversões com os moradores mais antigos da comunidade. Essas entrevistas, além de fotografadas, foram gravadas em áudios e vídeos e constituíram material para as atividades didáticas. A hipótese deste estudo é de que a construção do conhecimento da história do povoado e da sua realidade sociocultural podem sensibilizar os alunos para a importância do estudo e, sobretudo, despertar para a pesquisa na educação básica, contribuindo, assim, para a melhoria do ensino-aprendizagem da língua pelos recursos relacionados ao multiletramento por eles vivenciados. Nessa direção, esse estudo tomou como embasamento os trabalhos sobre dialogismo e polifonia (BAKHTIN, 2009); sobre memória e representações sociais (MORIGI, 2012; VON SIMSON, 2006); memória e identidades (POLLAK 1992; DELGADO, 2003) e sobre a teoria dos gêneros discursivos e dos multiletramentos (ROJO, 2010, 2012), entre outros. A metodologia utilizada para pesquisa foi classificada como qualitativa, fundamentada no método dialético com abordagem da pesquisa-ação. Com a conclusão desta pesquisa, alcançamos os objetivos esperados que apontaram para possibilidades de mudança pedagógica e para a motivação dos alunos quanto à importância dos estudos a partir da produção de conhecimento da história do lugar onde vivem. A proposta apresentou-se como positiva, principalmente, na contribuição em transformar a práxis, não apenas da professora pesquisadora, mas também de toda escola. Ademais, a resposta para a questão de pesquisa que resultou neste trabalho, é profícua, de que a construção do conhecimento da história da comunidade e da sua realidade sociocultural podem sim, modificar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental II de uma escola pública municipal e, conseqüentemente, melhorar as práticas escolares a partir do ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Memória sociocultural. Efeitos de sentido. Práticas escolares.

## ABSTRACT

This research presents analysis of the sociocultural memory's effects of sense about work and education of Boca da Mata village at Atalaia- Al in a municipal school and its activities of 7th-grade students. This work comes from PROFLETRAS/UFAL that has given through students groups analysis and thematic interviews related to the history, to the family, to the job, to the education and to the fun and games ways, with the community elders. Besides photographs, these audio and video interviews were recorded, and it was used for gathering data to didactic activities of this research. This study hypothesis is that the construction of knowledge about the history of the place and sociocultural reality might sensitize the students about studies relevance, beyond awake the interest to search in basic education, in this way, contributing to teaching/learning improvement of language through resources related to multiliteracies lived by them. Thereunto, this study had references from the works about dialogism and polyphony (BAKHTIN, 2009); memories and social representations (MORIGI, 2012; VON SIMSON, 2006); memories and identities (POLLAK, 1992; DELGADO, 2003) and about discursive genders and multiliteracies theories (ROJO, 2010, 2012), among others. The research methodology applied is classified as qualitative, substantiated on dialectical method with the action-research approach. Through this research conclusion, the goals aimed were reached, which led to pedagogic change possibilities and the students' motivation about the value of lecture from the place's historical knowledge production where they live. The proposition was presented as positive, mainly, in transforming praxis contribution, not only the researcher-teacher but the whole school. Furthermore, the answer for this research's issue, it is meaningful, that the construction of the knowledge of the history of the community and its socio-cultural reality can, yes, modify the teaching-learning process of the elementary school students of a municipal public school and, consequently, improve the school practices from the Portuguese language teaching.

Key- words: Sociocultural memories. Community. School activities.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A vila de atalaia foi criada em 1º de fevereiro de 1764.....	66
Figura 2 - Atalaia já foi conhecida como Vila Real de Bragança.....	66
Figura 3 - Igreja de N. S. da Conceição atualmente.....	66
Figura 4 - 1º capela em homenagem a N. S. das Brotas construída por Domingos J. Velho...66	
Figura 5 - Vista parcial de Atalaia em 1958.....	67
Figura 6 - Comércio da antiga província.....	67
Figura 7 - Primeiro banco da cidade .....	67
Figura 8 - Centro da cidade ainda como Vila Real de Bragança .....	67
Figura 9 - Primeira ponte de madeira para travessia do rio Paraíba .....	67
Figura 10 - Atual ponte que une o centro da cidade .....	67
Figura 11 - Centro da cidade de Atalaia antigamente .....	68
Figura 12 - Antiga empresa SUDENE- Superintendência do desenvolvimento do Nordeste..68	
Figura 13 - Primeira e única escola estadual até os dias de hoje- E. E. Floriano Peixoto.....68	
Figura 14 - Trevo de acesso à cidade.....	68
Figura 15 - Prefeitura Municipal de Atalaia.....	68
Figura 16 - Centro da cidade.....	69
Figura 17 - Centro da cidade e a Igreja N. Senhora da Conceição.....	69
Figura 18 - Trabalhadores rural no corte de cana.....	69
Figura 19 - Usina Brasileiro.....	69
Figura 20 - Decadência da Comp. Metalúrgica de Alagoas-COMESA .....	70
Figura 21 - Usina em Atalaia .....	70
Figura 22 - Companhia Metalúrgica de Alagoas – COMESA, em Atalaia nos anos 70.....	70
Figura 23 - Usina Brasileiro.....	70
Figura 24 - Usina Ouricuri.....	70
Figura 25 - Usina Brasileiro (engenho).....	70
Figura 26 - Usina Uruba atualmente.....	71
Figura 27 - Usina Ouricuri.....	71
Figura 28 - Pátio da escola .....	79
Figura 29 - Frente da escola .....	79
Figura 30 - Salas de aulas.....	80
Figura 31 - Faixada da escola.....	80
Figura 32 - Pátio da escola .....	80
Figura 33 - Biblioteca da escola .....	80
Figura 34 - As salas de aulas em chamás .....	81
Figura 35 - O interior das salas de aulas .....	81
Figura 36 - As salas de aulas.....	81
Figura 37 - Processo de reconstrução após incêndio.....	81
Figura 38 - Reconstrução das salas de aulas.....	81

Figura 39 - A escola reconstruída após o incêndio.....	82
Figura 40 - Os alunos do 7º ano e a professora.....	84
Figura 41 - Alunos fazendo a prova da OBMEP.....	84
Figura 42 - Alunos na sala de aula da primeira escola (antigamente).....	84
Figura 43 - Turma do 7º ano: A professora e os alunos em roda de leitura.....	84
Figura 44 - Centro da comunidade – Rua principal.....	89
Figura 45 - Igreja Católica da comunidade.....	89
Figura 46 - Rua principal e acesso aos fundos da escola.....	90
Figura 47 - Posto de gasolina do povoado.....	90
Figura 48 - Povoado Boca da Mata.....	90
Figura 49 - Igreja Assembleia de Deus do Povoado Boca da Mata.....	90
Figura 50 - Povoado Boca da Mata.....	90
Figura 51 - Povoado Boca da Mata/Sucupira.....	90
Figura 52 - Grupos G3 e G4 em entrevistas na residência do Sr. Batalha e D. Dulcinete.....	99
Figura 53 - Grupo G2 em entrevista na residência da Sra. Maria Alda.....	99
Figura 54 - Colhendo fotografias antigas na casa da D. Dulce.....	99
Figura 55 - Colhendo fotografias antigas na casa da D. Dulce.....	99
Figura 56 - Turma do 8º ano.....	104
Figura 57 - Turma do 8º ano .....	104
Figura 58 - Turma do 8º ano.....	105
Figura 59 - Turma do 8º ano às margens do povoado.....	105
Figura 60 - Turma do 8º ano no gramado.....	105
Figura 61 - Turma do 8º ano na Sucupira.....	106
Figura 62 - Turma do 8º ano na Sucupira.....	106
Figura 63 - Praça da bíblia.....	106
Figura 64 - Aluno lendo os relatos orais.....	109
Figura 65 - Alunos produzindo o livro.....	109
Figura 66 - Alunos produzindo o livro.....	109
Figura 67 - Alunos produzindo o livro.....	109
Figura 68 - Alunos ilustrando o livro.....	110
Figura 69 - Alunos ilustrando o livro.....	110
Figura 70 - Alunos ilustrando o livro.....	110
Figura 71 - Depoimento do Senhor Batalha.....	112
Figura 72 - Alunos expondo o livro.....	112
Figura 73 - Livro produzido pelos alunos.....	113
Figura 74 - Cartaz apresentação.....	113
Figura 75 - Diretora apresentando o projeto.....	113
Figura 76 - Pessoas da comunidade e da SEDUC.....	113
Figura 77 - Pessoas ilustres da comunidade compoendo a mesa.....	113
Figura 78 - Alunos da escola D. D. C.....	113

Figura 79 - Apresentação dos alunos do 6º ano.....	114
Figura 80 - Apresentação dos alunos do 5ºano.....	114
Figura 81 - Alunos cantando o hino nacional.....	114
Figura 82 - Professores da EMDDC.....	114
Figura 83 - Maquete da EMDDC.....	114
Figura 84 - Maquete do povoado Boca da Mata.....	114
Figura 85 - Fotos do povoado Boca da Mata.....	115
Figura 86 - Reportagem sobre o projeto.....	116

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>MEMÓRIAS SOCIOCULTURAIS.....</b>	<b>20</b>
2.1	A memória e suas potencialidades na interface da construção sociocultural.....	20
2.2	Construção da identidade .....	24
2.3	Relatos orais e/ou nas narrativas orais.....	26
2.4	Cultura patriarcal como constituinte de nossa cultura.....	29
2.5	Educação no Brasil e suas práticas escolares.....	33
2.6	A linguagem e o ato de pensar.....	38
2.7	Prática escolar cotidiana e letramento escolarizado .....	41
2.8	(Multi) letramento(s): conceito, natureza, tipos e implicações pedagógicas.....	46
2.9	A escrita em sala de aula como prática de ensino .....	55
<b>3</b>	<b>RESGATAR O PASSADO PARA (RE)SIGNIFICAR O PRESENTE: HISTÓRIA SOCIOCULTURAL DE ATALAIA.....</b>	<b>61</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>72</b>
4.1	Natureza da pesquisa .....	72
4.2	Contexto da pesquisa .....	75
4.2.1	A escola .....	75
4.2.1.1	O trágico incêndio da escola.....	77
4.2.2	Os alunos.....	82
4.2.3	A professora.....	84
4.2.4	A comunidade.....	88
4.3	Procedimentos de Geração de Registros.....	91
4.4	Sequência Didática.....	92
4.4.1	Exploratória ou de sondagem.....	93
4.4.1.1	Observação participante na sala de aula e fora da sala de aula .....	93
4.4.2	Aplicação didática .....	95
4.4.2.1	Primeira etapa – Entrevistas.....	95
4.4.2.2	Segunda etapa - Gênero narrativo – Memórias .....	101
4.4.2.3	Terceira etapa – Fotografias.....	103
4.4.2.4	Quarta etapa - Oficinas literárias: produção e ilustração do livro “Boca da Mata: um povoado em construção”.....	107
4.4.2.5	Quinta etapa - Culminância do trabalho em equipe.....	111
<b>5</b>	<b>RELATOS ORAIS: O POVOADO BOCA DA MATA CONDUZIDO PELAS MEMÓRIAS DOS SEUS HABITANTES.....</b>	<b>117</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>122</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAS.....</b>	<b>132</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>135</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>139</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A cultura é intrínseca à vida do sujeito. Ela se constitui das relações do sujeito com o mundo que o cerca, a qual contribui para o fortalecimento da formação pessoal e social desse sujeito. A escola como contexto transformador, também auxilia nessa formação. Para isso, é necessário atentar para a história sociocultural dos educandos, compreendê-la e adequar as práticas escolares de acordo com a realidade desses sujeitos.

Sendo assim, este trabalho apresenta um estudo sobre os efeitos de sentido da memória sociocultural do trabalho e da educação com alunos do Ensino Fundamental II de uma escola municipal do povoado Boca da Mata em Atalaia/AL. É uma pesquisa de abordagem qualitativa fundamentada no método dialético, cuja abordagem é a pesquisa-ação, a qual se iniciou por meio do trabalho com grupos de educandos que fizeram entrevistas aos moradores mais antigos da comunidade com temáticas relacionadas à história, à família, ao trabalho, à educação e às brincadeiras/diversões. O interesse acadêmico da pesquisa foi de contribuir para a transformação e melhoria do processo de ensino-aprendizagem e despertar a importância dos estudos e a pesquisa na educação básica.

Acerca do papel da escola, das práticas escolares, e precisamente, em sala de aula, tenho observado o desinteresse, a passividade e a falta de perspectivas desses educandos. Dado que, sou professora de Língua Portuguesa e trabalho há 11 anos neste município; e, há 3 anos nesta escola, geralmente, ensino os alunos do 7º ano. Em minhas práticas cotidianas em sala de aula enfrento vários problemas como os já citados, e ainda, com o agravante de ter educandos que não sabem ler nem escrever, visto que estão no 7º ano. Não obstante, deparei-me com questionamentos como: “estudar pra quê?” “Eu não vou sair daqui não!” E quando são exigidos a estudarem e a se prepararem para a vida social, alguns respondem “Homi, eu quero cortar cana como o meu pai mesmo!”, repetindo, assim, as posições sujeitos nas relações de trabalho.

Ainda sobre meu cotidiano na escola, surpreendo-me com os hábitos tradicionais incorporados no aprender deles, que até a posição das carteiras eles não gostavam de mudar, e ouvia reclamações do tipo “só a senhora faz isso!”. Nesse simples gesto, percebi a resistência às mudanças. Com isso, observei também, que quando eu não escrevia no quadro e solicitava deles alguma produção textual ou leitura no livro didático, ouvia muitas reclamações e muitos

se negavam, pois estava concebida a ideia de sujeito passivo, de apenas copiar e, conseqüentemente, ter as respostas dadas pelo professor, como uma forma mecânica de aprendizado.

Outro fato curioso chamou-me à atenção: a mãe de um educando foi convocada a vir na escola para ser informada de que seu filho não queria fazer as atividades solicitadas na aula de Língua Portuguesa. Quando expus o assunto a ela, respondeu-me que seu filho não gostava de estudar porque “puxou” a ela, pois ela mesma afirmou que também não gostava de estudar e que também era “bruta” com os professores dela, assim como o filho estava sendo agora. Esse fato me fez refletir: Será uma herança cultural?

Diante dessa e de outras situações ocorridas no meu dia a dia escolar, tenho observado como ainda está enraizada a cultura patriarcal na vida social e familiar dos meus alunos, assim como no contexto escolar e nas práticas de ensino-aprendizagem em sala de aula. Também tinha uma postura patriarcal, no sentido do poder, de dar mais importância a decodificação (alfabetização) do que ao letramento (outros conhecimentos), como afirma: “Muitos programas de alfabetização e letramento tem sido criticados na esfera acadêmica, por partirem de uma visão de mão única, etnocêntrica, que busca levar luz à escuridão, tornar ‘iletrados’, letrados”.(STREET apud FRITZEN, 2012, p. 66).

O sistema educacional público cobra muito mais quantidade do que qualidade, com isso a escola valoriza apenas um tipo de letramento, que é a aquisição do código, da alfabetização, da escrita e não o conhecimento de vida, de mundo desses educandos.

A tradição de manutenção de segredos para controlar o acesso ao conhecimento, e conseqüentemente, manter o poder e o controle sobre os outros, incorporou a escrita. Desta forma, o letramento apropriado foi transformado de forma a atender às características sociais e culturais e a reafirmar as hierarquias de acesso às informações e de poder. (TERZI, 2007, p.65).

Observo as práticas pedagógicas hierarquizadas que vêm da Secretária Municipal de Educação de Atalaia (SEMED) um planejamento único a ser seguido por todas as escolas do município. De dois em dois meses, os professores do município se reúnem para fazerem este planejamento - Professores Multiplicadores de Experiências - PEMEX. O discurso é: “melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)” e que nós professores

devemos nos empenhar para atingir este índice, independente das condições que nos é ofertada e da realidade do nosso alunado.

Em nossa escola, enfrentamos dificuldades de recursos do governo, devido à escola apresentar um número pequeno de alunos. Temos apenas 15 alunos no 9º ano, 12 alunos no 8º ano, 18 alunos no 7º ano, 22 alunos no 6º; e muitos desses alunos na idade de Ensino de Jovens e Adultos (EJAI), somando o total de 66 alunos no Fundamental II. Muitos programas educacionais destinados ao Ensino Fundamental II como a Prova Brasil e outros, não se realizam por causa dessa quantidade mínima de alunos, pois o Governo e todo o sistema educacional público se preocupa com números, índices, independentemente de se preocuparem com as questões sociais.

Outro fator preponderante é a oligarquia existente no município, vista em todos os setores sociais, e sobretudo na educação, pois muitos funcionários são indicados por intermédio dos interesses políticos, principalmente professores sem formação adequada para exercer a função em sala de aula. Com isso, toda a educação fica alienada a este sistema.

Sentia-me frustrada com o resultado das minhas aulas e de fazer parte daquela rotina metódica e entediante para mim e para os educandos. Tinha uma consciência voltada para o tradicionalismo, pois sou fruto desta prática que para minha realidade funcionou, mas nesta não, e via meus alunos o tempo todo querendo conversar, olhar o celular, procurando qualquer meio para sair da sala de aula.

Eu observava que eles eram muito críticos quando falavam dos candidatos, das ruas esburacadas, da escola, do jogo de futebol (principalmente quando havia clássicos), da diferença entre os bairros Sucupira e Boca da Mata, dos professores (principalmente dos faltosos), da minha aula que eu “escrevia muito”, entre outras. Nunca parei para dar voz a eles, e sim somente para impedi-los de se expressarem.

Com o ingresso no PROFLETRAS, deparei-me com o estudo de Rojo (2010; 2012) sobre a importância dos multiletramentos e passei a entender que poderia ensinar Língua Portuguesa a partir da vivência dos meus alunos. Percebi que a mudança também deveria partir de mim, e que poderia aproveitar os diversos letramentos que eles traziam para a sala de aula, e daquilo que eles gostavam de fazer para aplicar os conceitos linguísticos do letramento culto. Como afirma Rojo:

[...] as práticas de letramento contemporâneos envolvem: por um lado, a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro lado, a pluralidade e diversidade cultural trazida pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação. (ROJO, 2010, p.1).

Após estudar esses conceitos chego em minha sala de aula com outra visão e mais aberta à discussão e a ouvi-los mais. Coloquei-os em uma roda e fomos conversar sobre o contexto social deles e o que eles gostavam de fazer e me surpreendi com a fala de um dos alunos que disse: “aqui (referindo-se ao uso do celular e à rede social) a gente aprende também, a gente aprende a ler e a escrever!”. Dessa forma, encontrar os caminhos para melhorar as práticas escolares, levando em consideração a política e a realidade sociocultural desses alunos, chego a seguinte pergunta: a construção do conhecimento da história da comunidade e da sua realidade sociocultural podem modificar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental II de uma escola pública municipal e melhorar as práticas escolares a partir do ensino de Língua Portuguesa?

Portanto, diante de tantos problemas encontrados no processo de ensino-aprendizagem, em especial, na escrita e na leitura desses alunos, antes de tudo, será necessário redimensionar as práticas de ensino e criar meios para incitá-los a melhorar. Sendo assim, busquei a resposta para esse questionamento através do estudo teórico e da pesquisa interventiva na comunidade. Uma vez que o objetivo principal da pesquisa que deu origem a esta dissertação é de conhecer a realidade sociocultural dos estudantes, apreender a sua cultura para melhor interação professor e aluno, e também, mostrá-los sobre a importância social e cultural deles para um estímulo visionário e o fortalecimento de seus ideais.

Considerar os multiletramentos inerentes à vida do educando, através da sua aquisição de mundo e integrá-los às práticas de ensino da Língua Portuguesa como meios de facilitar e ajudar a compreensão desse ensino, tornando-os mais acessíveis e interessados pelas aulas de português e pelo seu cotidiano escolar, dessa forma produzindo mudanças no ensino-aprendizagem dos alunos e da professora. Contribuir também para incentivar a escola às mudanças pedagógicas de acordo com a realidade que se apresenta, numa sequência de inovação a cada dia, com os novos letramentos para a transformação de uma prática retrógrada através da educação.

A pesquisa visou ainda: “Aproximar-se dos ausentes, compreender o que se passou, conhecer outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar que representam possibilidades de entrelaçar novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores.” (ALTENFELDER; ALMEIDA, 2014, p.18 – CENPEC).

Diante disto, concernente a algumas ciências que serão envolvidas neste estudo, a metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa e alcançar os objetivos propostos, foi a abordagem qualitativa da pesquisa, a qual envolve os estudos na área de ciências humanas e sociais, cujo foco está na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos a sua ação.

Neste sentido, dentro dos vários tipos de abordagem qualitativa, adotei o método dialético da pesquisa-ação, a qual busca não apenas compreender ou descrever os significados às ações dos sujeitos, ou seja, o mundo da prática; mas sobretudo transformá-lo.

De acordo com Ghedin e Franco (2011), a condição para essa modalidade de pesquisa é o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, e nelas as mudanças serão negociadas e geridas no coletivo.

Ao ler Terzi (2007), percebi que o caráter etnográfico da pesquisa dela tem aproximação com algumas particularidades da minha pesquisa no que diz respeito ao enfoque à cultura patriarcal, visto que Terzi traz uma descrição do contexto histórico sobre a relação do letramento colonial, dominante, autônomo e ideológico e também sobre as relações de poder, a estrutura oligárquica que envolve a política, a educação e a sociedade do município de Inhapi que supostamente não é diferente do município de Atalaia, objeto da minha pesquisa.

De acordo com André (2012), etnografia é uma descrição cultural (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagem, significados); mas em relação à educação o que se tem feito são estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito. Em sintonia com esta reflexão Ghedin e Franco (2011, p. 220) afirmam:

A pesquisa-ação, estruturada de acordo com seus princípios geradores, é eminentemente pedagógica à medida que o exercício pedagógico se configure como uma ação que confira caráter científico à prática educativa com base nos princípios éticos que visualizem a contínua formação e emancipação.

Segundo os autores, os princípios geradores da pesquisa-ação são: transformação, participação e formação. Então, a respeito disto, adotei algumas características de descrição, contudo não foi o procedimento principal, uma vez que a etnografia descreve e a pesquisa-ação transforma.

Portanto, este trabalho se constitui de cinco seções, a saber: seção 1, está a introdução. Seção 2, apresento as principais referências teóricas, as quais embasaram o estudo aqui proposto. Nesta seção, abordei o assunto memória sociocultural dividido em quatro subtemas: A memória e suas potencialidades na interface da construção sociocultural; Construção da identidade; Relatos orais e/ou nas narrativas orais; Cultura patriarcal como constituinte de nossa cultura; Educação no Brasil e suas práticas escolares; A linguagem como representação do pensamento; Prática escolar cotidiana e letramento escolarizado; (Multi)letramento(s): conceito, natureza, tipos e implicações pedagógicas e, por fim, A escrita em sala de aula como prática de ensino. Na seção 3, dentro da perspectiva sociocultural, fiz um resgate da memória sociocultural do município de Atalaia.. Seção 4, está a metodologia com: natureza da pesquisa; contexto da pesquisa e sequência didática. Na seção 5, os relatos orais; na seção 6, a análise dos resultados e na 7, as considerações finais.

## 2 MEMÓRIAS SOCIOCULTURAIS

A memória por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é o caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas.  
Lucilia Delgado

### 2.1 A memória e suas potencialidades na interface da construção sociocultural

Retomo ao título **“Memórias socioculturais e seus efeitos de sentido: uma proposta de pesquisa-ação com alunos do Ensino fundamental II do povoado Boca da Mata em Atalaia/AL”** para ressaltar a importância do estudo sobre este tema e, assim conhecer os valores socioculturais dos alunos e a possível relação advinda socioculturalmente desses valores, os quais repercutem nas minhas práticas de ensino-aprendizagem no cotidiano escolar.

Neste sentido, sobre a memória sociocultural, trago os estudos nas reflexões feitas por Pollak (1992), Morigi (2012), Delgado (2003) e Von Simson (2006). Estes autores falam sobre “memória, identidade e representações sociais”. No estudo de Pollak (1992), ele trata do problema da ligação entre memória e identidade social com enfoque no âmbito das histórias de vida, ou de história oral.

Morigi (2012) traz uma reflexão sobre a memória social e sua articulação com as representações sociais e o papel desta como mediadora na construção dos sentidos das manifestações da cultura imaterial. Delgado (2003) fala da relação entre o tempo, a memória e a identidade; de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história e, por último, Von Simson (2006) aborda o assunto com várias classificações de memórias e, também, fala do centro de memória da UNICAMP e da importância deste para a reconstrução da história da sociedade campineira.

Saliento também, a importância do estudo de Maturana e Verden-Zoller (2004) sobre a influência da cultura patriarcal e sua repercussão em nossas vidas até os dias atuais. Maturana (2004) traz reflexões sobre “o que é uma cultura”, “mudança cultural”, “cultura matrística e cultura patriarcal”, “origem do patriarcado”, “A origem da democracia” e a “democracia de hoje”.

Na introdução deste trabalho, afirmo que a cultura está intrínseca à vida do sujeito, ou seja, nascemos dentro de uma cultura que se articula através dos valores familiares, sociais, políticos, religiosos, intelectuais, entre outros. Estes valores são transmitidos ao longo da nossa vivência. A partir daí, passamos a assimilá-los e construímos, assim, a nossa memória sociocultural, a qual se reflete na nossa maneira de ser e de viver.

Diante deste exposto, Morigi (2012) fala que os valores impostos pelo modelo da sociedade de consumo passam a vigorar e envolvem mudanças de comportamento e de relacionamento. É neste sentido que justifico o meu estudo sobre este tema tão relevante para compreender: os valores, as mudanças, o comportamento e as relações sociais nas quais me insiro, sobretudo, na atuação escolar.

Então, adentro ao assunto memória sociocultural com alguns conceitos sobre memória. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, memória é “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência.” (ALTENFELDER; ALMEIDA, 2014, p.27 – CENPEC). Enquanto Neves (1998, p. 218 apud DELGADO, 2003) fala do conceito de memória de uma forma abrangente e polifônica em todas suas potencialidades:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidade e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação.

Diante deste tão vasto conceito, o qual engloba várias possibilidades de definição de memória, cabe aqui, trazer algumas definições e estudos relacionados à memória e sobretudo à sociocultural, pois esta concerne ao estudo proposto.

Para Morigi (2012), a memória é uma construção social, produzida pelos homens a partir de suas relações, seus valores e de suas experiências vividas. Ela não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas, com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída. Ainda segundo o autor, a memória pode ser compreendida de diversas perspectivas científicas como,

por exemplo, na Sociologia e na Psicologia Social, posto que nestas ciências, ela pode ser concebida pelo seu caráter sociocultural.

Para Pollak (1992), a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, e que também há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Sobre essa herança da memória, ele diz que ela é em parte, pois não se refere à vida física da pessoa, mas também, ela sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada. Por isso ele afirma:

É perfeitamente possível que por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória herdada [...] podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. (POLLAK, 1992, p.2).

Ainda sobre a herança da memória a qual está mais relacionada à questão da identidade do indivíduo, assunto que veremos mais detalhadamente em outra seção, o autor diz que essa herança não se trata apenas de herança material, mas também no sentido moral, a qual ele atribui aos valores familiares a constituição e continuidade desta identidade herdada.

Von Simson (2006) conceitua memória como a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.). A autora, também, conceitua as várias classificações de memórias como a memória individual ou subjetiva; a memória coletiva ou social e as memórias subterrâneas. Considero, relevantes, assinalá-las neste contexto.

De acordo com a autora, a memória individual ou subjetiva é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social em que esse indivíduo foi socializado. Neste sentido, Pollak (1992) diz que inicialmente, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Entretanto, ela deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social.

Para Jodelet (2002), citado por Morigi (2012), a representação da memória se origina em um sujeito (individual ou coletivo) imerso em condições específicas de seu tempo e espaço, e refere-se a um objeto. Esta representação dá-se através da cultura, da comunicação e da inserção nos níveis socioeconômico, institucional, educacional e ideológico.

Ainda de acordo com Von Simson (2006), a memória coletiva ou social é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Esta, sendo expressa nos lugares da memória que são os monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade. Para complementar este assunto sobre os lugares da memória, Pollak (1992, p. 2) acrescenta:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal [...] um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da fala real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração.

Sobre este tipo de memória, tem-se falado muito. Entretanto, este não é o cerne do assunto em estudo, (refiro-me aos lugares da memória), mas também está associado a ele.

Sendo assim, continuo tecendo o conceito de memória coletiva ou social através de Morigi (2012), o qual afirma que a memória coletiva é caracterizada por um intenso componente afetivo que surge da interação e das experiências entre os membros da comunidade. Ela envolve sentimentos de pertença e identidade, visto que a construção de laços sociais permanentes, mantidos com relativa firmeza entre os indivíduos está diretamente ligada à coesão garantida pelos valores (familiares, religiosos, de classe etc.) que unificam determinados grupos.

Por fim, Von Simson (2006) conceitua memórias subterrâneas ou marginais como sendo as que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade. Elas geralmente se concentram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais dominados para os quais são transmitidos de geração a geração. Este tipo de memória é aquela que a história escrita não tem interesse em divulgar. Essas memórias só se revelam dentro do contexto familiar ou do seu grupo específico ou através da história oral. Por isso, é fundamental que mais pesquisadores se interessem por este assunto para resgatar fatos acontecidos socialmente que podem significar de alguma forma esta nova geração.

Diante das suas potencialidades e de seus múltiplos significados, a memória conflui às dimensões superiores da vida: humanista em sua essência; dialética em sua propensão transformadora; dilacerada múltipla e plural, em sua sociabilidade. (DELGADO, 2003, p. 17).

Posto isto, continuarei anuindo sobre memória na próxima seção com o subtema Construção da identidade.

## 2.2 Construção da identidade

[...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e reconstruir nossa identidade. (BOBBIO, 1997, apud DELGADO, 2003, p.16).

A nossa identidade é formada por influência dos acontecimentos advindos do nosso redor, ou seja, como já vimos, estes acontecimentos são os diversos fatores que envolvem os contextos familiares, os sociais e os culturais que são constitutivos da memória. A partir da nossa existência nos tornamos únicos como seres; assumimos nossa identidade e de acordo com Brait (2009), imprimimos nossa marca, nossa singularidade, nossa participação no ser. Após o reconhecimento como ser único e intransferível, a minha posição no mundo me confere responsabilidade, torno-me sujeito único e participativo no ser cultural. Peculiar a isto, Bakhthin (2009) denominou este ser como o ser do pensamento:

O ser do pensamento é dado pelo seu conteúdo e obedece ao princípio de identidade: revela algo que é uno, idêntico a si mesmo e que é indiferente às singularidades dos sujeitos. Mas o ser universal e idêntico a si mesmo que revela a teoria é o ser possível. Já o dever do pensamento é a adesão irrevogável do sujeito singular que promove assim a sua participação no ser. O sujeito singular que pensa um pensamento participa do ser universal e idêntico completando-o e atualizando-o exatamente com aquilo que não é idêntico nem repetível: o ser real no acontecimento único do ato de pensar. (BAKHTIN, apud BRAIT, 2009, p. 23).

Comente a isto, de acordo com a citação que deu início a este tópico, o passado é a base para reconstrução da nossa identidade, sendo este, conduzido e alimentado por nossas memórias. Para Morigi (2012), grande parte dos saberes da cultura popular são transmitidos através da oralidade e ocorrem de pai para filho, de um grupo para o outro e de geração para geração. “A transmissão dos valores culturais e da tradição ocorre através da memória social dos grupos que compartilham um mesmo tempo e um mesmo espaço geográfico”. (MORIGI, 2012, p.186).

Para o autor, o sentido da identidade consiste nos arranjos e rearranjos constantes dos vestígios, dos fragmentos de acontecimentos passados. Concernente a isto, Delgado (2003) vai muito mais além quando diz que o indivíduo antes mesmo de nascer recebe influência da memória e, esta se realiza junto às memórias coletivas para produzirem o conhecimento histórico.

A memória em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registraram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. (DELGADO, 2003, p.19).

Enfim, independentemente de termos o conhecimento científico, a cada dia vivenciamos e compartilhamos aprendizados e costumes que nos são apresentados e ou assimilados, mesmo sem ter consciência deles. Estes aprendizados são chamados por Pollak (1992) como acontecimentos vividos por tabela, que são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo, que é quase impossível saber se participou ou não.

Para Pollak (1992), a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, ou de acordo com os critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade que se faz por meio da negociação com os outros. Por isso, essa construção, segundo o autor, não deve ser entendida como essência de uma pessoa. Desse modo, apoio o autor, pois a construção da nossa identidade não depende só de nós mesmos, mas de vários fatores adversos à nossa própria vontade; como fora elencado acima.

Ainda, segundo o Pollak, a memória é um elemento constituinte de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é, também, um fator importante para dar continuidade e coerência na reconstrução de uma pessoa em si ou na de um grupo. Conforme ele afirma: “Por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo trabalho necessário para dar a cada membro do grupo – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência”. (POLLAK, 1992, p.7).

Portanto, a nossa identidade pode ser (re)construída a medida que interiorizamos o conhecimento de nossa história de vida através dos relatos de nossos antepassados com a colaboração da memória processada e internalizada nas nossas raízes sociais. Para Fritzen

(2012), a identidade do ponto de vista histórico e não biológico, não possui um núcleo fixo, seja ela social ou cultural, mas se refaz se deslocando, num processo de construção que ganha forma nas relações com o outro. Darei continuidade a este assunto a seguir a partir dos relatos orais e/ou as narrativas orais.

### **2. 3 Relatos orais e/ou nas narrativas orais**

Penso que a história de vida apareceu como instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança, os momentos de transformação

Pollak

Os relatos orais e/ou as narrativas orais são histórias contadas pelas pessoas mais velhas da família, de um grupo social e/ou de uma comunidade com o objetivo de perpetuar através da memória os valores e/ou os acontecimentos familiares, sociais e as culturas imateriais de uma sociedade. Desta forma, contribuem para manter e (res)significar o presente e projetar o futuro da sociedade. “A história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fonte do conhecimento, mas principalmente do saber.” (DELGADO, 2003, p. 23).

Sendo assim, ampliarei as discussões dentro deste contexto, com a contribuição dos autores citados nesta fundamentação teórica. Posto isto, sobre as narrativas, Delgado (2003) afirma:

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso integram a cultura de diferentes comunidades. São peculiares, incorporam dimensões materiais, sociais, simbólicas e imaginárias. Plenas de dimensão temporal tem na experiência sua principal fonte. (BENJAMIN, 1994, p.98, apud DELGADO, 2003, p. 22).

Diante desta definição e explicação sobre narrativas orais e a sua importância para a significação do sujeito no mundo; sinto-me enriquecida por tal explicação, contudo não me limitarei apenas a esta; mas, ela coadunará com as demais que explorarei.

Então, sobre este tipo de memória, Von Simson (2003) diz ser das “sociedades da memória” que existiram no passado antes do volume de informações que circulam, hoje, nas mídias impressas e/ou eletrônicas. Contudo, ainda existem sociedades que o acesso a estas informações são muito restritos. Então, com relação aos relatos orais ela afirma que:

a memória é organizada e retida pelo conjunto de seus membros, os quais se incubem de transmiti-la às novas gerações cabendo aos mais velhos, devido a sua maior experiência e vivência, o importante papel social de “guardiões da memória devido a sua maior experiência e vivência. (VON SIMSON, 2006, p.3).

A autora também afirma que a transmissão dos fatos e vivências retidos nas memórias dos mais velhos são fundamentais para a sobrevivência do grupo. Entretanto esse papel social dos idosos foi sendo perdido ao longo dos tempos e, sobretudo, na contemporaneidade. Nesse contexto, Delgado (2003) confirma que as informações de hoje são descartáveis muitas vezes e reduzem-se as possibilidades do saber, diluem-se os substratos da vida e a perda das referências; diferentemente da narrativa que contém em si uma força ímpar.

É nas narrativas orais que a interação com os idosos, além de transmitir saberes às novas gerações, favorece a afetividade. Pois, segundo Delgado (2003) é através da fala, da escuta e da troca de olhares que compõem a dinâmica desse processo único e essencial à vida humana.

Para Pollak (1992), não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. Para ele, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita, visto que o trabalho do historiador é feito sempre a partir de alguma fonte. Segundo o autor, na Europa, a primeira geração dos pesquisadores que trabalharam com história oral, veio da sociologia demográfica e da análise quantitativa da mudança social. Sendo assim,

é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. Por exemplo, hoje podemos abordar o problema da memória de modo muito diferente de como se fazia dez anos atrás. [...] E na medida em que, através da história oral, a crítica das fontes torna-se imperiosa e aumenta a exigência técnica e metodológica, acredito que somos levados a perder, além da ingenuidade positivista, a ambição e as condições de possibilidade de uma história vista como ciência de síntese para todas as outras ciências humanas e sociais. (POLLAK, 1992, p. 8).

Neste sentido, todas as formas de registros históricos, seja por fonte oral ou por fonte escrita, devem-se ser vistos como fator preponderante para dar sentido e continuidade à vida

das pessoas de um grupo ou de uma comunidade. Apesar das exigências da crítica científica, não se faz este tipo de ciência sem a participação da oralidade dos sujeitos envolvidos em tal estudo. Por isto, estes registros são fundamentais para o estudo das ciências humanas, sociais e da linguagem.

Ainda neste sentido, a história escrita se preocupa com a marcação cronológica do tempo para registrar os acontecimentos vividos pela sociedade, enquanto que a história oral não se atém a datas, ela é pois espontânea.

Destarte, Pollak (1992) diz que a história está se transformando em *histórias*; histórias parciais e plurais; até mesmo sobre o aspecto da cronologia. Segundo o autor a história oral é uma realidade concreta e, dar a palavra àqueles que jamais a tiveram reabilita o subjetivo frente ao objetivo; com isso, cria-se uma oposição entre história oral e história social quantificada que para ele, isso, não é uma oposição e sim uma continuidade potencial.

Concernente a isto, Delgado (2003) diz que, apesar de distintas, tanto a história como a memória possuem um substrato comum que são antídotos do esquecimento, ou seja, são fontes imortais. Para complementar, ainda segundo a autora: tempo, memória, espaço e história caminham juntos e são suportes do ser humano; servindo de esteios na construção de sua identidade com o objetivo principal de contribuir para evitar a perda de suas referências enquanto ser do mundo.

De acordo com o exposto, os relatos orais e ou as narrativas devem continuar sendo explorados por pesquisadores ou mesmo por essa geração mais nova para que não somente através da história científica, mas também através das histórias de seus antepassados adquiram saberes inimagináveis que justificam fatos ou ações que ocorrem em seu cotidiano; os quais são explicáveis através dessa interação com os narradores que transmitem conhecimentos cultural e até intercultural.

Ainda reforço esta composição com a citação de Delgado (2003) que diz:

As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, se alimentam. Narrativa, sujeitos, memórias, histórias e identidades. São a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a História em construção. São memórias que falam. (DELGADO, 2003, p. 23).

Concordo com a autora e acrescento que isto é imprescindível para dar sentido a nossa existência e nos faz reconstruir o presente através do passado e nos direciona para o futuro. Portanto, tomarei os relatos orais dos moradores do povoado Boca da Mata como suportes da memória sociocultural (objeto desta pesquisa), para redimensionar o conhecimento do povoado em estudo e o meu cotidiano escolar. Por conseguinte, também torna-se plausível na próxima seção tratar um pouco sobre o patriarcalismo, o qual ainda se reflete em nossa sociedade.

## **2. 4 Cultura patriarcal como constituinte de nossa cultura**

Existem vários conceitos e definições sobre o que é cultura. Dentre eles, a do autor Maturana (2004, p. 33): “[...] é uma rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de convivência humana como uma rede de coordenações de emoções e ações”. Concordo com o autor, pois esta definição se assemelha à memória como constituinte e definidora da convivência humana.

Desse modo, a memória é influenciada pela cultura patriarcal no seu modo de transmissão dessa cultura. A memória, assim como a cultura patriarcal, é autoritária e conservadora. Nós, brasileiros, herdamos esta cultura e até hoje, ela é reproduzida como herança em nossas vidas, sendo impostas através dos costumes sociais, das tradições e, sobretudo da política.

A respeito disto, segundo Maturana (2004), a origem do patriarcado se deu através dos povos, cujos ancestrais haviam se tornado patriarcais no curso de sua própria história; por conseguinte, eles trouxeram-na à Europa.

Diante disto, Maturana (2004) examina a cultura do patriarcado europeu (do qual somos herdeiros) como:

[...] o patriarcado surgiu como uma mudança na configuração dos desejos que definiam nosso modo de coexistência em meio a um viver matrístico. O patriarcado ocorre no domínio das relações humanas como um modo de ser humano; não é uma forma de vida “econômica”, é uma maneira de relação entre seres humanos, uma modalidade de existência humana. (MATURANA, 2004, p. 85).

A base do patriarcado é o poder econômico nas relações das classes sociais. De acordo com a definição do autor de que o patriarcado “é uma maneira de relação entre os seres humanos”, interessa-me, pois, este assunto porque busco conhecer um pouco “esta maneira de relação dos seres humanos”, em relação ao meu cotidiano, ao dos alunos e ao da comunidade Boca da Mata.

Para Maturana (2004), a cultura patriarcal se caracteriza pela forma como coordena nossas emoções e como transforma o nosso cotidiano em um modo de coexistência que valoriza mais a competição, a luta, o poder, as hierarquias, a autoridade etc., ela se justifica quanto ao controle e à dominação dos outros por meio da sua verdade. Então, por ser autoritária, por valorizar mais a hierarquia e o poder em nossa sociedade, interfere negativamente nas ações e no comportamento dos sujeitos desta cultura, ou seja, das classes sociais. Não há harmonia, nem desenvolvimento social saudável ao se valorizar, mais, este tipo de cultura.

Pois, segundo Maturana (2004), é uma cultura que interfere no relacionamento das famílias em relação às exigências no trabalho, na competitividade etc.; interfere no desenvolvimento fisiológico e psíquico da criança no que diz respeito a autoconfiança em si mesma e a perda ao respeito pelos outros; interfere na relação homem/mulher, criando uma oposição entre ambos; interfere na criança e, conseqüentemente, no adulto na busca de uma relação de aceitação mútua que não aprenderam a reconhecer etc., são muitos aspectos negativos contundentes que transmitem a nossa cultura patriarcal. Alusivo a estas questões, Brait (2009, p. 38) considera:

Há, portanto, lugar para impostura de um sujeito cujas ações seriam assim desprovidas de caráter ético. Uma primeira forma de impostura parece estar indicada em PFA quando Bakhtin recusa o refúgio naquilo que denomina a humanidade histórica com os valores que ela adota em um determinado momento. O fato de ser contemporâneo dessa humanidade, de viver num mundo e numa cultura em que tais valores sejam adotados como dominantes, não me exime da responsabilidade de reconhecê-los ou não em meu pensamento-ato.

É dessa maneira que vivemos a cultura patriarcal, apesar de vivermos em uma democracia, ela está imposta na sociedade, na política e na educação com práticas de controle e de dominação do outro. Democracia esta, apenas desejável ou vivida em parte, conforme afirma Maturana (2004, p.95), “a atual prática da democracia como coexistência neomatrística

responsável, no respeito mútuo e no respeito à natureza que implica a sua realização, permanece em muitas das nações como mero desejo literário, ou só é realizada de modo parcial”.

Não quero me ater à discussão direta sobre democracia, pois não é o foco deste tema, porém tem a ver, por ela existir em nossa sociedade com práticas sociais estabelecidas. Ademais, muitas das nossas ações e comportamentos dentro de nossa sociedade são justificadas pela sistematização democrática. Para Morigi (2012), são as representações sociais que intervêm na vivência e na prática, as quais se manifestam nos formatos societais, nas hierarquias, nas posições sociais; elas circulam em torno das instituições, dos símbolos e dos arquétipos formando parte destas. Entendo que, de acordo com o autor, estas representações sociais aludem ao sistema patriarcal.

Por fim, em nossa cultura, democracia e patriarcado, embora distintos se coadunam na transmissão cultural. Assim sendo, Maturana explica:

[...] Uma cultura é, de modo inerente, um sistema homeostático para a rede que a define. [...] É em relação a essa dinâmica conservadora do patriarcado que a origem da democracia constitui um caso peculiar de mudança cultural já que ela surge em meio a este como uma ruptura súbita das conversações de hierarquia, autoridade e dominação que o define. (MATURANA, 2004, p.86).

De acordo com o autor, a cultura segue uma linhagem transgeracional na maneira de viver da comunidade, ou seja, elas são sistemas conservadores e, o patriarcado não é uma característica própria do ser do homem; é um modo de vida, por isso é uma cultura. Ainda para Maturana a história da humanidade é determinada pela emoção e pelas preferências, nas quais se constituem as culturas. Conforme, Morigi (2012, p. 182): “A transmissão da tradição, através da memória, que possibilita a produção dos sentidos compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídos que constrói aquilo que reconhecemos como parte da cultura humana”.

Assim, como cultura é também memória:

Cultura é memória, pois é a cultura de uma sociedade que fornece os filtros através dos quais os indivíduos que nela vivem possam exercer o seu poder de seleção realizando as escolhas que determinam aquilo que será descartado e aquilo que precisa ser guardado ou retido pela memória porque, sendo operacional, poderá servir como experiência válida ou informação importante para decisões futuras. (VON SIMSON, 2006, p.2).

Diante do exposto, a cultura patriarcal também é uma memória, pois ela é um modo de viver, como já fora explicado, que nos é transmitida assim como a memória o é. Essa transmissão cultural diz respeito à sobrevivência do convívio social. Então, uma pessoa ao nascer não escolhe sua cultura, entretanto ao permanecer nela inconscientemente, adota-a como sua, ou seja, a medida que nos desenvolvemos nela, podemos (re)construí-la com nossas atitudes e escolhas. “São tantas as possibilidades de redefinição das relações humanas, que nada impede que se tente eliminar a assimetria, a desigualdade, visando a um maior bem-estar das pessoas enquanto seres humanos, plenos de potencialidades”. (SAFFIOTI, 1987, p. 97).

Nesta perspectiva, apesar de vivermos numa cultura patriarcal, ela pode ser modificada, ou redimensionada, a partir da forma como nos posicionamos política, social e cultural enquanto ser constitutivo dessa cultura. Para Maturana (2004, p. 114), a única saída para essa situação é a recuperação de nossa consciência de responsabilidade individual por nossos atos ao percebermos de novo que o mundo em que vivemos é configurado por nosso fazer’.

Para Morigi (2012), pensar a memória como uma reconstrução do passado, com base em quadros sociais bem definidos e delimitados, leva-nos a afirmar que ela é tecida por nossos afetos e por nossas expectativas diante do devir, concebendo-as como um foco de resistência no seio das relações de poder e servindo para a manutenção dos valores de um grupo social. Ainda segundo o autor, uma cultura é tão rica quanto mais saberes comuns permita integrar. Por isso, devemos valorizar e respeitar todas as culturas e/ou as suas representações artísticas e culturais.

Na próxima seção, acrescento uma reflexão sobre práticas escolares, visto que é o cerne desta pesquisa, pois a motivação para tal proposta, como professora de Língua Portuguesa é investigar, conhecer e aplicar os conhecimentos advindos desta área na construção do saber linguístico. Então, na seção a seguir farei uma sucinta retrospectiva (memória) da educação no Brasil e suas práticas escolares.

## 2. 5 Educação no Brasil e suas práticas escolares

A memória atualiza e presentifica o passado, uma vez que é retenção, mesmo inconsciente ou encoberta da experiência vivida e dos sentimentos preservados.

Lucilia Delgado

Nas práticas escolares, inicio retomando a história da educação no Brasil através do autor Francisco Filho (2001), o qual fala sobre os acontecimentos históricos, sociais e políticos desde a expansão comercial e territorial da Europa Ocidental até a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Ele aborda também, a educação em todas as constituições brasileiras e traz reflexões sobre as teorias que mais influenciaram nossa educação. Então, continuemos, agora, com nossos estudos sobre alguns aspectos relevantes na história da educação no Brasil. De acordo com o relato histórico feito por Francisco Filho (2001) foi a partir das grandes navegações que as instituições sociais, políticas, econômicas e culturais europeias foram impostas a grande parte da humanidade e, uma dela foi a nossa; configurando-se, assim, a nossa cultura patriarcal.

Sabe-se que a educação do Brasil tem essa origem devido à vinda dos portugueses, como colonizadores, ao nosso país. Iniciou-se com os Jesuítas na catequização dos índios e, logo depois para os filhos da elite colonial com o ensino propedêutico que visava à preparação para os estudos complementares na Europa. Esses estudos eram determinados pelo *Ratio Studiorum* (ordem de estudos) e seguiam as seguintes disciplinas: *Currículo Teológico* (quatro anos); *Currículo Filosófico* (três anos) e *Currículo Humanista* que corresponde ao nosso atual ensino médio. A duração deste curso era de cinco anos, mas, na prática, durava de seis a sete anos.

Nesta época, segundo o autor, os estudos eram de cinco horas por dia, divididos em manhã e tarde. Quero, ainda, ressaltar de como era a metodologia e o ensino de línguas. Este versava sobre Latim, Grego, prosa e poesias. A nossa Língua Portuguesa (local), só foi aceita e introduzida no currículo muitos anos depois, sendo modificada pela *Ratio*.

A metodologia era baseada em lições decoradas e com alguns castigos. As aulas, especificamente, as de Língua Portuguesa eram iniciadas com uma preleção (explicava-se o

que o aluno teria de estudar); depois, nas classes elementares de gramática e após a leitura e resumo dos textos, o professor explicava, tirava as dúvidas e, também, aceitava o diálogo.

Feito esta retrospectiva, quero avançar na história sem me ater, precisamente, na história do desenvolvimento e das transformações políticas e socioeconômicas do Brasil, na qual a educação está inserida e sofreu influência destas, até os dias atuais.

No entanto, quero dar ênfase nas práticas escolares, foco deste tema. De acordo com Francisco Filho (2001) os primeiros colégios e universidades foram implementados graças a nossa primeira constituição e o ensino primário passou a ser gratuito, mas foram fundadas poucas escolas para ensino elementar. Com isso, o ensino dos mais pobres ficava sob o encargo de suas próprias famílias. Entretanto, para a elite havia os colégios confessionais. Nesse período a instrução pública gratuita para ensinar a ler e a escrever ficou quase esquecida. Sobre a formação de professores para o ensino elementar, segundo o autor, tem-se pouca informação. O que se sabe é que os letrados da elite faziam parte do quadro docente das faculdades.

O Colégio D. Pedro II, fundado em 1837, no Rio de Janeiro, atendia a elite agrária, escravocrata e patriarcal e tinha um currículo enciclopédico que se referia mais à cultura europeia do que a nossa. Ainda, segundo o autor, anos depois, foram criadas as escolas denominadas Escolas Normais para a formação de professores do ensino elementar.

Ao longo dos anos, desde o início da nossa constituição até aos nossos dias, a educação brasileira passou por várias adaptações e reformas. Destaco uma das últimas, antes da Era Vargas que foi a Lei chamada de Rocha Vaz. De acordo com Francisco Filho (2001), tal Lei foi reacionária e conservadora, mantinha o controle ideológico sob o Estado, fazia inspeção escolar e policiava os afazeres de professores e alunos, criando inclusive a disciplina Moral e Cívica como obrigatória nas escolas primárias e secundárias.

Ainda nesta época, conforme o autor, “a educação era livresca e acadêmica, a avaliação e os métodos de ensino eram tradicionais, imperavam na prática os castigos físicos e a memorização de textos clássicos”. (FRANCISCO, 2001, p. 117). Tal contexto denota a influência de um regime sociopolítico capitalista e patriarcal, conforme afirma Saffioti (1987):

No Brasil, assim como em todas as sociedades regidas pelo patriarcado-racismo-capitalismo, as escolas ensinam, em geral, aquilo que as classes dominantes determinam, quer diretamente, quer através do Estado. Evidentemente, os conteúdos ensinados e os métodos autoritários de ensino

visam a preservação das posições de mando ocupadas pelo patriarca branco, adulto e rico. (SAFFIOTI, 1987, p. 103).

Havia a Associação Brasileira de Educação – ABE, cuja associação promoveu o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, o qual pedia gratuidade, obrigatoriedade, co-educação, plano nacional de educação, escola dinâmica, alegre e viva para atender às aspirações do crescimento urbano.

Consoante ao autor Francisco Filho (2001), além das reformas, houve alguns modismos ou teorias que influenciaram na educação brasileira. Então, ancorada em seu estudo, apresentarei um resumido panorama do Período histórico com as principais teorias e/ou movimentos que contribuíram para influenciar e até modificar a pedagogia das nossas escolas brasileiras.

A começar pela colonização e o Mercantilismo (da escola jesuítica), como fora citado; a Escolástica através da filosofia de Santo Tomás de Aquino forneceu as bases epistemológicas para o pensamento católico e a linha de trabalho a ser seguida pelos inicianos (a educação humanista); a Humanística (do psicólogo Carl Rogers), a princípio, fora mal interpretada pelos mestres que imaginavam transformar as salas de aula em sessões de psicoterapia.

O Iluminismo que era um movimento intelectual centrado na ciência e na racionalidade crítica do pensamento filosófico, recusava os dogmatismos religiosos e políticos; o Império e o Liberalismo Econômico (Liberal e Conservador), a escola recebeu a influência do enciclopedismo francês – era necessário estudar de tudo um pouco, mesmo sem aprofundar o conhecimento.

O positivismo (de Comte e Durkheim), uma teoria europeia, marcou presença na formação da elite, como também nos movimentos importantes da nossa História: a Proclamação da República e a Libertação da Escravidão. Essa teoria é sustentada pela ideia de racionalidade em todos os setores. Ela analisa que os países passam por três grandes estágios de desenvolvimento: o Religioso, quando tudo é explicado pela religião, mito ou magia; o Metafísico, quando o homem tem algumas noções de conhecimento, mas ainda não ultrapassou a subjetividade; o Positivo ou racional, quando tudo é resolvido pela ciência.

Os princípios positivistas também marcaram as escolas, os intelectuais, os militares e até a nossa Bandeira Brasileira com a faixa escrita em verde Ordem e Progresso. Estas

palavras foram usadas para representar o pensamento positivo ou o império da ciência, como o é, assim, conhecido.

O Behaviorismo (de B.F. Skinner) fornecia as bases epistemológicas (teorias), buscava explicar os fenômenos da comunicação linguística e da significação na língua em termos de estímulos observáveis e respostas produzidas pelos falantes em situações específicas. Nesta teoria, a aprendizagem era pensada como mudança de comportamento, através de condicionamentos. Junto a teoria de Pavlov (teorias psicofisiológicas), conhecida como condicionamento clássico e a teoria de Skinner, como condicionamento operante. Ela influenciou também nas duas principais leis educacionais: a Lei 5540/68 – para o ensino superior e a Lei 5692/71 para o ensino de 1º e 2º graus. A pedagogia denominou essa teoria de tecnicista.

A Montessoriana (por Maria Montessoriana) com a filosofia da espontaneidade, autoconfiança, do respeito mútuo. Segue o liberalismo pedagógico de Rousseau que a criança aprende naturalmente. Essa educação mudou o pensamento de muitos professores que adotavam os princípios da educação tradicional. Hoje, ela é observada e estudada com atenção.

Na Escola Nova, a pedagogia começou a pensar em uma escola alegre, dinâmica, onde o aluno não fosse objeto do ensino, com discussão, trabalho em grupo, escola laica e co-educativa. Esta Escola provocou grandes mudanças na educação: abriu caminhos para novas teorias e para novas práticas educacionais, porém ela foi muito mal interpretada pelos professores como uma pedagogia não conteudista e prejudicial ao ensino.

O Construtivismo (de Vygotsky, Piaget, Gramsci, Emília Ferreiro e outros), suas ideias principais são: o aluno constrói o seu próprio conhecimento; é sujeito e não objeto da história; o conteúdo é um meio; a função principal da escola é formar cidadãos e transformar a sociedade pelo conhecimento.

Entre essas reformas, modismos (teorias) e decretos. Enfim, chegam à atual e vigente Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira – LDB, com a primeira Lei 4024/61, criada em 1948, por Clemente Mariani, e somente após treze anos foi instituída. Por conseguinte, paralelamente, à aprovação da LDB, criou-se o Conselho Nacional da Educação – CNE e, com ele foi elaborado o primeiro Plano Nacional da Educação – PNE. Sobre este decreto da 1ª LDB, o autor faz um resumo:

A Lei 4024/61 era liberal em suas concepções, com forte influência da Escola Nova. Dividia o ensino em: Ensino Pré-primário: para crianças de até 6 anos de idade; Ensino Primário: com duração de 4 anos, para crianças de até 7 anos ou mais; Ensino Secundário: formado por dois ciclos, o Ginásial com 4 anos e o Colegial com no mínimo 3 anos de estudos. Abrangia todos os cursos técnicos da estrutura antiga. Tinha um currículo diversificado em 3 partes. Uma parte era de âmbito nacional, outra parte de livre escolha dos conselhos estaduais de educação e uma outra parte de escolha local, pela própria escola. (FRANCISCO FILHO, 2001, p.108).

Observa-se que não houve muita diferença na divisão do ensino com relação a atual LDB, exceto com o currículo. Houve, apenas uma mudança na nomenclatura deste ensino. Se comparamos a primeira Lei 4024/61, LDB com a atual Lei no 9.394/1996, veremos que há uma continuidade no que diz respeito à educação básica; não vou fazer aqui uma análise entre as duas, contudo, quero apenas ressaltar as mudanças na nomenclatura para a divisão do ensino na educação básica, hoje temos:

Art. 4o O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental; c) ensino médio; II – educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; (LDB – Lei no 9.394/1996).

Posto isto, temos leis e decretos todos visando uma melhor educação para a sociedade brasileira com o intuito de melhorar os índices de analfabetismo que ainda são assustadores em nosso país comparado aos países desenvolvidos socioculturalmente. Como professora do ensino fundamental da educação básica, vejo no setor público, um descompromisso.

Não quero entrar nesta discussão, que é extensa, no entanto, ainda falta muito para chegarmos a ter uma educação de qualidade para todos. A começar pela família que é a base para orientar, assistir e incentivar aos filhos e, conseqüentemente, a escola cumprindo suas atribuições juntamente aos professores imbuídos e comprometidos com o seu ofício; buscando se qualificar para melhorar a sua prática; por fim, o poder público com o compromisso assistencial para dar suporte a toda essa estrutura, no que diz respeito às ações que levem às mudanças, ao crescimento e à melhoria do ensino público.

A respeito do contexto histórico da educação brasileira Francisco Filho (2001, p. 198) resume:

[..] até 1930, tivemos o ensino brasileiro direcionado para a formação de elite latifundiária; de 1930 a 1995, um ensino seletivo, excluindo os alunos

mais pobres e em 1995 começa uma nova fase, quando a escola pública passa a excluir menos, através da repetência e da evasão, mas discrimina o aluno pobre quanto a qualidade do ensino.

Ainda neste sentido, o autor critica o sistema de ensino público e as escolas brasileiras, até a década de 1995, como depósito de alunos pobres, conteúdo e professores pobres, até mesmo de conhecimento, improvisado do componente curricular e falta de funcionários. Em favor disto, ainda complemento, não quero generalizar, mas, atualmente, vinte e cinco anos depois pouca coisa mudou. Houve algumas melhorias e avanços, principalmente, o tecnológico; porém, ainda não alcançou a todos. Em muitas escolas do Brasil, principalmente, as da periferia encontramos muitos problemas como os citados pelo autor e outros mais agravantes como a violência nas escolas. Ressalto o que diz Street sobre este assunto:

Dentro da escola, a associação da aquisição do letramento com o desenvolvimento de identidades e posições sociais específicas; o privilegiamento da língua escrita sobre a oral; a interpretação da consciência “metalinguística” em termos de práticas letradas específicas e terminologia gramatical; e a neutralização e objetificação da língua que disfarçam seu caráter social e ideológico – tudo isso tem de ser entendido como processos essencialmente sociais: eles contribuem para a construção de um tipo particular de cidadão, um tipo particular de identidade e um conceito particular de nação. (STREET, 2014, p.144).

Portanto, para finalizar, observa-se ao longo da história da nossa sociedade que a educação brasileira está vinculada à política para atender aos interesses das oligarquias predominantes em nossa cultura. Com isso, a sociedade carente que depende desse sistema de ensino é penalizada e, fica aquém de ter a qualidade de ensino desejável e proposta teoricamente como modelo ideal e representável para o desenvolvimento social, político e econômico do nosso país.

## **2. 6 A linguagem e o ato de pensar**

Trago Bakhtin (2009) que fala sobre a filosofia moral, a ética e o sentido do pensamento. Neste sentido, o interesse nesta abordagem é a minha singularidade em relação ao outro, ao problema em questão, ao lugar do outro. É através da linguagem por meio de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais que comunicamos as ideias e/ou os

sentimentos e interagimos socialmente. Para tal comunicação utilizamos a língua falada e a língua escrita como suporte linguístico desta linguagem.

Concernente a isto, todos estes aspectos da linguagem está na comunicação dos sujeitos, pois a construção dos significados de inúmeros eventos sociais se dá a partir dessa linguagem. Assim, em “para uma filosofia do ato” (PFA) – Brait (2009), fala sobre a filosofia moral, a ética de um pensamento e o sentido do pensamento. Brait analisa esses temas para explicar a singularidade do ser diante do outro, do coletivo. Segundo a autora PFA, trata do ato de pensar ou de uma criação teórica e artística como unidades de cultura.

Neste sentido, Morigi (2012, p. 185) diz que a linguagem e a cultura estruturam e organizam os nossos pensamentos:

Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação da memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.

Diante disto, as produções sociais que envolvem o homem como ser e a sua construção identitária dentro do seu meio de interação é o que constitui a filosofia moral, mencionada por Brait (2009). Sobre esta filosofia, explica Brait (2009), ela está relacionada ao mundo moral, no qual se orienta a base de sua participação singular no ser. Este é, pois o mundo dos nomes próprios, dos objetos, das datas cronológicas particularidade da vida. Neste sentido, Marx (2010, p. 97) diz que “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência”. Dessa forma, para Brait (2009, p. 33), “[...] O que há de reprodutível e de idêntico a si mesmo na cultura deve encontrar o irreprodutível de uma existência singular”.

Sobre ética de um pensamento teórico e ao ato de pensar em Bakhtin, Brait (2009, p. 22) explica: “O ato de pensar é sempre singular e diz respeito a um sujeito único. Somente o ato de pensar pode ser ético, pois é nele que o sujeito é convocado”.

Atenho-me a esta explicação em relação ao ato de pensar, pois é singular e único ao sujeito que pensa. Entendo que somos seres pensantes, dotados de inteligência e capazes de abstrair conhecimentos através da interação com o ato de pensar e, através do nosso pensamento crítico ou ideológico possamos conviver socialmente integrados e participativos,

enquanto ser ativo deste meio. Como afirma Brait (2009, p. 22). “O conhecimento sem ato é um dado abstrato e parcial. Para que um conhecimento seja pleno é necessário que alguém pense. O ato é o movimento do pensamento, é o seu vir-a-ser”.

Em minhas aulas de Língua Portuguesa, quando proponho alguma atividade de produção textual ou qualquer outra que exija de meus alunos que eles pensem e eles reclamam que não sabem; eu costumo falar: “você são seres pensantes, não são robôs programados para apenas reproduzir, ou copiar e colar”. A respeito disto, Brait (2009, p. 33) explica:

Por que devo pensar? Porque preciso dar, doar de mim ao ser da cultura. Doar aquilo que somente minha singularidade de sujeito concreto num contexto real consegue ver e pensar. Preciso “dar notícias de mim em meu nome”, [...] “dizer a que vim”. Não tenho nenhuma justificativa para não pensar ou não criar aquilo cujas condições de possibilidade advêm da minha singularidade enquanto sujeito.

Assim, a medida em que o sujeito pensa um pensamento e o reproduz, ele contribui para deixar a sua marca como ser único e insubstituível que ele é, ou seja, ainda segundo a autora, o sujeito deve pensar porque deve participar do ser desse pensamento e reconhecer um conhecimento como seu e o assina. Esta assinatura em Bakhtin, (apud BRAIT, 2009, p. 25): “é o atestado da passagem do sujeito por um dado espaço-tempo: ser real e concreto que se apropria de seu contexto, assumindo-o em um ato”.

Para Brait (2009), não é possível teorizar o ato, mas é possível dizê-lo ou expressá-lo através da linguagem em sua potencialidade de dizer. A linguagem está relacionada ao ato de pensar pela sua naturalidade de se deixar marcar pelas singularidades existentes em cada ato de pensar. Ainda segundo a autora, a linguagem é muito mais adaptada à verdade própria de cada um do que à verdade teórica, ou seja, a linguagem que expressa a singularidade do ser, ela é natural e plena; a linguagem teórica e abstrata, ela é artificial e construída.

Concernente à linguagem expressa na singularidade do ser como natural e espontânea, concreta que cada sujeito tem; para expressá-la, ele necessita da língua e, esta, como citada no início tem suas formas de representatividade. Deste modo, a linguagem se ancora nos processos linguísticos e metalinguísticos da língua para dar funcionalidade à expressão e à comunicação desta. Alusivo a isto,

A autoconsciência sobre a língua e a elaboração de termos específicos para descrevê-la são vistas como parte do desenvolvimento cognitivo, levando ao pensamento crítico, ao desprendimento e à objetividade, e se considera óbvio

que pôr a língua por escrito facilita esses processos. (Olson, Hildyard e Torrance, 1985, apud STREET, 2014, p.131).

Para a autora, a literatura contemporânea dá muita ênfase à consciência metalinguística e que o desenvolvimento desta está associado à aquisição do letramento. Para ela, apesar da importância da consciência metalinguística; esta, não está peculiarmente associada ao letramento e nem se concentra em características sintáticas e formais da língua, mas está associada a outros aspectos também. “Não entendemos “ideologia” linguística no sentido fraco de referência a “ideias sobre a língua, embora elas sejam obviamente importantes, mas num sentido mais forte que abrange a relação entre indivíduo e a mediação da relação através de sistemas de signos”. (STREET, 2014, p. 143).

Neste sentido, entendo que a linguagem recorre à consciência metalinguística e/ou aos recursos linguísticos para se expressar em diferentes relações dependendo do contexto em uso. Por exemplo, na escola utilizamos uma linguagem particular ao contexto escolar. Isso se evidencia em Street (2014), não só no discurso dos professores e dos textos escritos como também na sala de aula, nas paredes e no fluxo de papelada burocrática.

Portanto, a linguagem em sua forma de se expressar é dinâmica e se adapta às situações e aos diferentes contextos sociais em que é empregada.

## **2. 7 Prática escolar cotidiana e letramento escolarizado**

Apono André (2012) para tratar das questões da prática escolar cotidiana, visando encontrar alternativas para o redimensionamento do saber e do fazer docentes. Ainda segundo a autora, ela busca nesta obra apontar a contribuição que os estudos do tipo etnográfico, voltados ao cotidiano escolar, vêm oferecendo para repensar e reconstruir o saber didático.

Nesse sentido é que acrescento aos meus conhecimentos essa linha de pesquisa apoiando-me na contribuição que os estudos nesta área oferecem para o pesquisador. Visto que, como sujeito deste meio quero tirar proveito de todo este processo no que diz respeito ao saber didático, inclusive, transformar minhas práticas pedagógicas e alcançar os objetivos esperados ao final da pesquisa. Nesta direção, também recorro a Ghedin e Franco (2011), com os estudos sobre questões e métodos na construção da pesquisa em educação, os quais falam

da pedagogia da pesquisa-ação como uma modalidade de pesquisa que visa a tomada de mudanças conscientes dos sujeitos e do processo durante sua aplicação. Então,

É também por isso que tal metodologia assume o caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de libertar-se de mitos e preconceitos que organizam suas defesas contra a mudança e reorganizam sua autoconcepção de sujeitos históricos. (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 214).

Ademais, segundo os autores, a pesquisa-ação deve partir de uma situação social concreta a modificar e inspirar-se nas transformações advindas sob a influência da pesquisa. Por isso, tomo-a como principal guia para desenvolver esta pesquisa, uma vez que, o objeto fundamental desta é a transformação da práxis. Sobre esta modalidade de pesquisa, aprofundo mais comentários na seção “metodologia”.

Ainda dentro deste contexto trago os estudos de Street (2014), Terzi (2007) e outros, que falam sobre letramentos, como por exemplo, o letramento escolarizado/dominante. A proposta de Street (2014) está em sintetizar e analisar os aspectos do modelo ideológico de letramento, os problemas do modelo culturalista como oposto ao modelo ideológico e as dificuldades que têm surgido com o conceito de multiletramentos.

Neste sentido, Terzi (2007) faz uma reflexão sobre o letramento “dominante”, considerado ideológico e universal e de como as pessoas reagiram a esse modelo de letramento e transformaram as suas práticas cotidianas. O foco de interesse na obra de Terzi são as condições de recepção de resultados de um trabalho de intervenção desenvolvido à luz de uma perspectiva discursiva. Com base neste foco que envolve as abordagens metodológicas de intervenção e uma perspectiva discursiva, tomo-o como exemplo para explicar e desenvolver a metodologia proposta aqui neste projeto.

No processo educativo, a prática escolar cotidiana é caracterizada pelo envolvimento direto do professor com o aluno e, essa prática se define no ensino-aprendizagem com a interação professor-aluno por meio da mediação, para que este se aproprie dos conhecimentos estudados. “Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo o sistema da instrução pública. Um cidadão que não tenha essas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social”. (ALTENFELDER; ALMEIDA, 2014, p.10 – CENPEC).

Para André (2012), a dinâmica da sala de aula deve levar em conta a história pessoal de cada indivíduo: as condições em que se dá a apropriação do conhecimento; a situação concreta do aluno e as condições concretas do professor. Portanto, neste processo interativo de ensinar e de aprender, envolve outros aspectos como os cognitivos, os afetivos, os éticos, morais e os de ordem mais ampla que constitui a base estrutural do contexto escolar, conforme André:

A configuração que vai assumir o contexto escolar é decisiva, pois ela afeta diretamente a forma de organização do ensino na sala de aula. Por outro lado, essa configuração vai ser grandemente afetada por determinações do social mais amplo, com o qual esse contexto se articula. Por exemplo, por influências mais indiretas, como as políticas educacionais, as pressões e expectativas dos pais e da população com respeito à educação escolar, ou mais diretas como a posição de classe, a bagagem cultural e os valores de cada sujeito que faz parte desse contexto. (ANDRÉ, 2012, p. 43).

Sendo assim, levando em consideração todos esses fatores que envolvem a dinâmica do ensino-aprendizagem, o estudo da prática escolar deve se preocupar em aprimorar e reconstruir a cada dia essa dinâmica e com isso alcançar os seus objetivos no fazer pedagógico. Nesta perspectiva, segundo André (2012, p. 42), esse estudo “deve envolver um processo de reconstrução dessa prática, desvelando suas múltiplas dimensões, refazendo seu movimento, apontando suas contradições, recuperando a força viva que nela está presente”.

Diante disto, o processo educativo que envolve a dinâmica das práticas escolares se compõe por três relevantes dimensões: a institucional ou organizacional, a instrucional ou pedagógica e a sociopolítica/cultura. Para a autora, essas três dimensões devem ser consideradas como uma unidade de múltiplas inter-relação. Pois é através dela que acontece a dinâmica social expressa no cotidiano escolar.

Entretanto, como vimos, o fazer pedagógico de qualidade não depende somente da pedagogia do professor, mais de todo um complexo sistema intrinsecamente ligado. Embora, com maior relevância à metodologia da prática escolar, por ser o cerne dos acontecimentos desta. Para André (2012), está num movimento constante da prática para a teoria e numa volta à prática para transformá-la.

A prática escolar que considera o letramento escolarizado ou dominante é aquela que se ancora na pedagogia escolar, considerando-o como o modelo ideal ou ideológico. Culturalmente, a tradição de se controlar o conhecimento e de manter o poder sobre o outro se

deu a partir da escrita. Com isso, segundo Terzi (2007), o letramento apropriado foi transformado para atender as características sociais e culturais e reafirmar as hierarquias de acesso às informações e de poder. “Nosso interesse é explorar os modos como, tanto em casa quanto na escola, as concepções dominantes de letramento são construídas e reproduzidas de tal maneira a marginalizar as alternativas e, sugerimos a controlar os aspectos cruciais de linguagem e pensamento”. (STREET, 2014, p. 121).

O letramento escolarizado é moldado às suas habilidades preexistentes, conforme afirma Street (2014, p. 124): “à medida que o letramento é acrescentado ao rico repertório comunicativo já existente nas sociedades receptoras, elas o adaptam e corrigem segundo os significados, conceitos de identidade e epistemologias locais”.

De acordo com a pesquisa feita por Street (2014) sobre o letramento na educação, as escolas gastam muito tempo na exibição dos procedimentos escolares e que as outras variedades de práticas letradas fora da escola costumam ser desvalorizadas. Para ela a pedagogia não se dá apenas na sala de aula, mas também cada vez mais em práticas domésticas associadas à escrita e à leitura.

Neste sentido, para Terzi (2007), este tipo de letramento considerava a existência de um único letramento, universal e neutro, capaz de promover grande desenvolvimento cognitivo e estimular a ascensão social e o progresso econômico. Neste aspecto, Street (2014) confirma que esse modelo é disseminado e interiorizado como um conjunto separado de coisificar competências neutras desvinculado do contexto social.

Com isso, ainda, segundo a autora, a construção e interiorização do modelo autônomo de letramento se consegue por meio do distanciamento entre língua e sujeito (a língua é tratada como se fosse uma coisa); privilegiamento (confere status à leitura e à escrita como superior comparado ao discurso oral) e a filosofia da linguagem (parece neutralizar os estabelecimentos e as fronteiras para os elementos do uso da língua. Para a autora, “No cerne dessa linguagem na sociedade contemporânea, existe um compromisso ininterrupto com a instrução. É ele que emoldura e constrói o que designamos aqui por “pedagogização” do letramento”. (STREET, 2014, p. 143).

Concernente a todos esses contextos para a autora, existe um traço comum subjacente aos processos culturais e ideológicos mais amplos. Desse modo, ela fala de um desses traços

que é a pedagogização do letramento a qual vai além do letramento escolar como em casa e na comunidade:

[...] e com a conceitualização do letramento fora da escola e da pedagogia. O letramento está de tal modo encaixado nessas instituições na sociedade contemporânea que as vezes é difícil nos desvencilharmos delas e reconhecer que, a maior parte da história e em grandes setores da sociedade contemporânea as práticas letradas permanecem encaixadas em outras instituições sociais. (STREET, 2014, p. 122).

Para a autora a pedagogização do letramento ficou associada às noções de ensino aprendizagem na escola e não aos outros tipos evidenciados. Nesta reflexão sobre o letramento adquirido fora das instituições educacionais, percebemos a importância desses letramentos como coadjuvantes principais para a aquisição do letramento escolarizado, ou seja, o sujeito traz consigo uma gama de conhecimento peculiar à sua realidade, através do seu convívio familiar e social.

Para Street (2014), o letramento não precisa ser associado à escolarização ou com a pedagogia, visto que existem outros usos e significados de letramentos. Sobre este assunto, falarei de alguns tipos de letramentos e/ou multiletramentos na seção a seguir. Ainda dentro desse contexto de letramento proposto por Street (2014) é interessante acrescentá-lo às nossas práticas pedagógicas com intuito de aprimorar as aulas de Língua Portuguesa e contribuir dessa forma, para a melhoria do ensino aprendizagem.

[...] como seres passivos adotariam os usos sociais e as formas da escrita ensinados passando a fazer uso desse conhecimento adquirido em suas atividades cotidianas. [...] esse letramento é transformado pelos participantes a fim de adequá-los às características culturais, aos valores, às necessidades locais. (TERZI, 2007, p.163).

Para explicar essas transformações, a autora mostra como os múltiplos letramentos e a prática destes na adaptação dos usos sociais influenciaram mudanças nas práticas de escrita e de leitura em um modelo considerado ideológico. Segundo a autora “A avaliação dos projetos deixa, assim, de ser sobre o impacto do letramento de sujeitos supostamente passivos reprodutores do conhecimento adquirido e passa a ser sobre as consequências do letramento”. (TERZI, 2007 p. 164). Para ela, os sujeitos envolvidos nas práticas de letramentos não são tabula rasa, mas incorporam o letramento às práticas existentes, ou seja, ao conhecimento adquirido por outros letramentos sem a concepção de letramento escolarizado.

## 2. 8 (Multi) letramento(s) - conceito, natureza, tipos e implicações pedagógicas

Aponto para a abordagem de multiletramentos feita por Rojo (2010 e 2012), cuja autora fala da pedagogia dos multiletramentos como diversidade cultural e de linguagens na escola.

Ao ler os textos de Rojo (2010 e 2012) sobre os multiletramentos e de Terzi (2007) sobre transformações do letramento nas práticas locais, os quais me influenciaram na escolha do tema desta pesquisa, apesar de que são muitos os problemas no meu cotidiano escolar; como principalmente, o não saber ler nem escrever de alguns dos meus alunos. Entretanto, identifiquei-me com a proposta de Rojo (2010 e 2012) sobre os novos letramentos e num “*click*” surgiu em minha mente que meus alunos possuem multiletramentos adquiridos fora da sala de aula e que eu poderia utilizá-los para melhorar a minha prática pedagógica e, conseqüentemente, o ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa.

Antes de falar em multiletramentos, trago uma reflexão sobre alguns tipos de letramento, visto que são muitos.

Com o desenvolvimento dos estudos do letramento, influenciado por outras áreas como a Antropologia e, principalmente a Sociolinguística, a variação cultural das práticas sociais e das concepções sobre a escrita levou à consideração de múltiplos letramentos e da interferência destes na adaptação dos usos sociais da escrita. (TERZI, 2007, p. 164).

A palavra letramento é singular e inerente à pedagogização da língua falada e escrita à qual está inserida nos estudos das práticas escolares e sociais. Apesar da associação com a palavra alfabetização são distintas, mas se coadunam. Para Soares (1999) há diferença entre letramento e alfabetização, aquele não se refere à aquisição do código da escrita com o sentido de alfabetizar, mas vai além dessa aquisição. De acordo com uma das verdades, alfabetização é ensinar a aprender a ler e a escrever e que letrado é aquele versado em letras erudito.

Soares (1999) diz que a diferença entre alfabetizado e letrado é que o primeiro nomeia aquele que aprendeu a ler e escrever e o segundo nomeia aquele que aprendeu a se apropriar da leitura e escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam. Ou seja, o indivíduo adquire o código que é representado pelo som/fala em grafemas, o qual envolve os processos cognitivos, linguísticos e psicológicos. Apropriado dessa técnica, ele se torna autônomo e passa a interagir nos processos sociais através da escrita que é o letramento.

O termo letramento significa **literacy** que vem do latim *littera*(letra)-*cy* (denota qualidade, condição, etc).

[...] *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita neste conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES,1999, p. 17).

De acordo com este conceito de literacy o indivíduo ou grupo social que tem o domínio da escrita e da leitura assume uma outra postura diante das questões que lhe são apresentadas socialmente em detrimento daquele que não a possui. “[...] Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever; o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (SOARES, 1999, p. 18).

Dessa forma, entende-se que o indivíduo que possui conhecimento de mundo que interage com as práticas sociais cotidianas ou vive em um ambiente letrado com acesso à leitura, à tecnologia, à economia, à política, mesmo sem saber ler e escrever, mas faz uso desse conhecimento, então, ele é considerado letrado. Também entende-se que o indivíduo pode até possuir o domínio da leitura e da escrita e ser alfabetizado, mas não interage com as práticas sociais e nem faz uso da leitura e da escrita para desenvolver-se socialmente, logo, é iletrado.

Existem vários estudos sobre letramento, com diferentes conceitos e tipos, mas que se completam como por exemplo: letramento autônomo, ideológico, literário, digital, linguístico, etc., os quais, os resumirei a seguir.

Street (1993) citada por Ribeiro (1999, p. 269) diz que o modelo autônomo de letramento é que a escrita encerraria em si o poder de transformar as pessoas e a sociedade, o qual prioriza os gêneros textuais como o mais apropriado para as práticas sociais através da escrita. E o modelo ideológico compreende o letramento como um fenômeno cultural complexo, cujos efeitos estão relacionados dos contextos sociais em que se realiza e interessa-se pela diversidade das práticas culturais relacionadas a escrita.

Presume-se que o letramento autônomo é quando o indivíduo adquire a técnica da escrita e da leitura para tornar-se independente quanto a interação social ou quanto a interação com as demandas cotidianas. O letramento ideológico o indivíduo não necessita ter o

conhecimento da escrita ou da leitura, entretanto, ele adquire conhecimento de mundo (social) e interage com as práticas sociais com as quais ele está inserido. Como por exemplo na política, na tecnologia, na cultura, na comunicação...etc. Neste sentido, Soares (1998), citada por Ribeiro (1999, p. 269), distingue este conceito em duas dimensões: a individual e a social. A dimensão individual é a posse individual de capacidades relacionadas à escrita e à leitura que incluem um amplo conjunto de habilidades de compreensão e interpretação. A dimensão social diz respeito as práticas sociais de letramento que envolvem a escrita e a leitura em contextos determinados. Esta afirmação só comprova a importância da escrita e da leitura como uma ferramenta para o desenvolvimento sociocultural do indivíduo.

Em relação ao letramento literário Souza e Cosson afirmam: “O letramento literário integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita [...] tem uma relação diferenciada com a escrita [...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. (SOUZA; COSSON, p. 102).

Com isso, o indivíduo que tem acesso à leitura demonstra ter mais capacidades cognitivas e habilidades em outras áreas de conhecimento, tornando-se mais letrado do que aqueles que não têm. Para Souza e Cosson o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, ou seja, é ter o domínio da palavra nas produções textuais a partir dela mesma (a palavra). Soares, (1991), citada por Souza e Cosson (p.103), “adequada escolarização da literatura é aquela que conduz à práticas de leitura que ocorrem no contexto social, atitudes e aos valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar”.

Sendo assim, é importante formar leitores críticos e independentes que possam se utilizar do conhecimento adquirido através do hábito de ler, para se posicionarem dentro do contexto social no seu cotidiano como cidadãos letrados, como afirma Souza e Cosson (p. 106) sobre o objetivo do letramento literário escolar que é formar leitores capazes de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive. “Em uma sociedade letrada, os eventos de letramento são múltiplos e o sujeito está imerso em diferentes situações de uso significativo da leitura e da escrita, sendo a escola uma das principais responsáveis na constituição desta imersão”. (CALIU, 2004, p. 335).

Sabe-se que a escola é a principal responsável pela imersão do sujeito neste mundo da leitura por ser o local em que se concentra a pedagogização desse letramento, mas não é a única, visto que, o aluno chega na escola com vários letramentos, ou seja, com multiletramentos.

O letramento digital é o tipo mais recente de letramento, o qual se dá pelo domínio e habilidades no uso da internet e das máquinas digitais. Este letramento envolve um sistema de mídias composto por livros, tevês, celulares, computadores e seus aplicativos. Houve uma evolução na forma de representar a escrita desde a sua invenção até os dias atuais, passando pela impressão na pedra, couro, madeira, pergaminhos, impressos (papel)... E agora nas máquinas digitais.

De acordo com Ribeiro (2009, p. 22), o computador foi inventado há pouco mais de 40 anos e há pouco mais de 10 anos entrou nas casas das pessoas, nas escolas e passou a fazer parte do nosso cotidiano. Hoje é mais do que necessário a inclusão digital das pessoas como requisito para a interação social (no trabalho, nos estudos etc.).

“[...] o uso do computador e da internet é tão sócio-histórico quanto os usos que se fizeram do livro, do jornal, da revista e da televisão”. (RIBEIRO, 2009, p. 28).

Existem pessoas que não sabem ler nem escrever, mas têm domínios e habilidades com equipamentos digitais e fazem uso desses equipamentos para se inserirem na vida social e tecnológica que, na atualidade, demandam. Existem outras pessoas letradas em outras formas de letramento como, por exemplo, sabem ler e escrever, mas não tem o domínio do letramento digital, ou seja, são analfabetas digitais. Essas pessoas têm dificuldades de lidar com os equipamentos, pois exigem conhecimento técnico e motor.

Letramento digital é a porção do letramento que se constitui das habilidades necessárias e desejáveis desenvolvidas em indivíduos ou grupos em direção à ação e à comunicações eficientes em ambientes digitais, sejam eles suportados pelo computador ou por outras tecnologias de mesma natureza. (RIBEIRO, 2009, p. 31).

O letramento linguístico é o conhecimento que inclui a teoria gramatical classificatória de unidade e funções da língua. Isto é, ter o domínio e o conhecimento das funções e possibilidades significativas dos diferentes recursos da língua, como o conhecimento sobre o léxico, o uso das variedades da língua nas práticas de linguagem na sociedade, o uso das categorias textuais (tipos, subtipos, gêneros e espécies), dos princípios discursivos.

Para ser letrado um falante deverá aprender e trabalhar pelo menos com os conhecimentos e habilidades linguístico – discursivas. Há várias competências e habilidades que precisam ser automatizadas e dominadas na aquisição da escrita e elas se organizam em níveis que são desenvolvidos um por vez, mas também ao mesmo tempo. (TRAVAGLIA, 2015, p.163).

De acordo com Travaglia, a pessoa que tem o letramento linguístico não deve apenas produzir e interpretar textos, mas deve saber como este processo funciona a partir da utilização adequada da menor unidade significativa da língua que é o morfema letra/som até a formação das palavras e suas relações para a formação de um texto com todos os itens lexicais, que a linguística dispõe para formação daquilo que o falante quer transmitir através do texto. “[...] não é possível um letramento adequado sem conhecimento linguístico amplo e diversificado”. (TRAVAGLIA, 2015, p. 167).

Este tipo de letramento está diretamente associado ao domínio da leitura e da escrita, entretanto, existem pessoas que leem, escrevem e interpretam muito bem, têm este domínio, mas nem sempre tem o conhecimento linguístico em todos os níveis e planos de como ocorrem este processo, ou seja, elas fazem uso deste processo linguístico, mas não estão interessadas em saber o que é, ou como é que ocorre a inter-relação dessas unidades significativas da língua e suas funções.

Sobre as implicações pedagógicas do conceito de letramento é importante que a escola reflita sobre o fazer pedagógico que é tornar o indivíduo autônomo para se integrar e interagir socialmente por meio da alfabetização inicial e depois por meio do ensino das disciplinas curriculares, como afirma Ribeiro:

[...] o fazer pedagógico consiste exatamente na orientação sistemática do desenvolvimento de indivíduos no sentido de sua inserção no contexto sociocultural específico. No caso da educação escolar própria das sociedades letradas, esse projeto consiste prioritariamente na capacitação dos indivíduos para transitar, com algum nível de autonomia, nesse contexto caracterizado pelo uso intenso e diversificado da linguagem escrita. (RIBEIRO, 1999, p. 270).

De acordo com Ribeiro, o conceito de letramento no campo pedagógico pode ser o eixo condutor do desenvolvimento curricular da educação básica, no sentido de conferir maior relevância às práticas de alfabetização e de ensino da língua. Entretanto, esse conceito desenvolve-se através da contribuição das diversas disciplinas das ciências humanas como a sociologia, a linguística, a história, a antropologia, a psicologia e os estudos literários. A

natureza interdisciplinar desse campo teórico é que “o letramento se configura como um fenômeno cultural complexo, com diversas implicações psicológicas e sociais”. (RIBEIRO, 1999, p. 268).

Observa-se neste argumento a importância da escrita na vida das pessoas e de toda uma sociedade, pois, tudo que temos, até agora, no sentido de registros e de conhecimento transmitidos de geração para geração foi através da grande invenção da escrita (ou código), à qual as pessoas fazem uso, dessa ferramenta como coadjuvante do letramento.

Neste sentido, Ribeiro (1999) diz que Vygotsky e Luria conferem um papel importante na aquisição da escrita e da escolarização, “o que se coaduna com sua teoria sobre o papel dos instrumentos simbólicos no desenvolvimento da psiquê humana”. (RIBEIRO, 1999, p. 268). No campo da psicologia, Luria postulou que a aquisição da escrita promoviam desenvolvimento psicológico dos indivíduos, especialmente no que se refere ao raciocínio lógico-científico. (VYGOSTSKY; LURIA, 1993, apud RIBEIRO, 1999, p. 268).

Entende-se que aprender a ler e a escrever é um exercício mental que envolve técnica, coordenação, e raciocínio, principalmente no uso da escrita.

Ao evidenciarem que não é a aprendizagem da linguagem escrita em si que transforma as pessoas, mas, sim, os usos que elas fazem desse instrumento [...]. Estudos convidam a escola a refletir sobre os gêneros textuais que circulam no meio social e ainda, a uma análise das inter-relações entre validade e escrita e entre letramento e outras esferas da cultura. (RIBEIRO, 1999, p. 270).

Segundo Ribeiro as duas funções da leitura dominante no contexto escolar é a realizada para aprender ou para informar, ou seja, o indivíduo pode continuar adquirindo e aprofundando seu conhecimento, através da leitura e da escrita para aprender e se informar. “O processo de letramento, ou seja, de apropriação da linguagem escrita como ferramenta de pensamento e comunicação, pode ser tomado como o vetor principal do currículo de toda a Educação Básica”. (RIBEIRO, 1999, p. 272).

De acordo com os letramentos expostos, conclui-se que, em geral, todos se relacionam com o ato de saber ler e escrever, ou seja, parte a princípio, da aquisição do código (grafema), até ao domínio da escrita e da leitura.

Entende-se que letramento difere-se de alfabetização e que letramento em qualquer área do conhecimento é o domínio, ou a habilidade que o indivíduo tem daquela área do

conhecimento, e que, muitas das vezes não se precisa saber ler ou escrever para adquirir certos letramentos. Portanto, o indivíduo que não tem a aquisição do código, mas vive e interage em ambientes letrados socialmente, pode-se afirmar que este indivíduo é letrado. “Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada”. (ALTENFELDER; ALMEIDA, 2014, p.10 – CENPEC).

Conforme Rojo (2012), o conceito de multiletramentos ou “pedagogia dos multiletramentos” na contemporaneidade envolvem, por um lado, a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significação relacionada ao caráter multimodal ou multissemiótico dos textos e, por outro lado, a multiplicidade cultural das populações. Assim, “são produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (ditos “popular/de massa/erudito”)”. (ROJO, 2012, p. 2). Para a autora, esses multiletramentos exigem capacidades e práticas de compreensão e produção para fazer significar.

De acordo com este conceito, observo que os nossos alunos estão inseridos direta ou indiretamente dentro deste universo de multiplicidade de linguagens, da pluralidade e da diversidade cultural dentro e fora do contexto escolar.

É sobre estes multiletramentos que os envolvem e os influenciam a aprender e apreender novos conhecimentos espontaneamente em seu cotidiano que se faz necessário adequá-los à concepção da pedagogia de letramentos, exigida como forma de letramento ideológico de complementação na interação e desenvolvimento deste processo para assim, atingir os objetivos por ele solicitado.

Ainda dentro deste contexto ideológico de letramento a autora fala sobre a prioridade das abordagens de textos escritos em detrimento das abordagens discursivas e da prioridade da norma e da forma culta/padrão em detrimento das diferentes variedades linguísticas sociais ou geográficas em uso.

Rojo (2012) traz uma reflexão sobre as várias formas de abordagens dos textos contemporâneos que poderemos utilizar nas aulas de Língua Portuguesa envolvendo diversas áreas de estudo para o gênero textual discursivo como os textos multissemióticos ou multimodais (mídias, tecnologias, etc), “[...] Já não basta mais leitura do texto verbal escrito é preciso colocá-lo em relação com o conjunto de signos de outras modalidades de linguagem

(imagem estática, imagem movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam”. (ROJO, 2012, p. 7).

Segundo a autora o caráter multissemiótico dos textos contemporâneos não desafia os conceitos e categorias propostos pela teoria dos gêneros, para tanto, ela retoma ao estudo de Bakhtin sobre os gêneros no que diz respeito à multiplicidade, o plurilinguismo e à plurivocalidade dos enunciados em gênero.

Então, desse modo, percebi a imensidão de multiletramentos e a importância deles para o ensino de Língua Portuguesa para renovar e modificar as práticas consideradas por Rojo “cristalizadas”. “Esses modos de dizer cristalizado também são apenas relativamente estáveis, e não padrões imutáveis a serem seguidos modelarmente: Eles variam, de acordo com os tempos, as culturas e lugares enunciativos e as situações específicas de enunciação”. (ROJO, 2012, p.13), as quais podem modificar-se de acordo com o conhecimento e interesse do professor em aplicar esse conhecimento à sua prática pedagógica.

Concordo com o posicionamento de Rojo (2012) sobre os multiletramentos e a teoria dos gêneros do discurso.

Se considerarmos que o que neles está em questão entre outros aspectos, é a emergência histórica recente de novas mídias e de novas tecnologias que permitem novos usos concomitantes de linguagens ou semioses diversas, teríamos de considerar de que maneira as modalidades de linguagem e as mídias podem ser tratadas na teoria acima brevemente exposta. (ROJO, 2012, 13).

A autora fala da necessidade da pedagogia dos multiletramentos nas escolas, a qual foi tema proposto e afirmado em um manifesto pelo Grupo de Nova Londres (GNL), ou seja, um grupo de pesquisadores dos letramentos que se reuniram na cidade de Londres para discutir sobre a importância de incluir esses “novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea e a grande variedade de culturas presentes já nas salas de aula de um mundo globalizado e caracteriza pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com alteridade, com o outro”. (ROJO, 2010, p.1).

Sobre a importância de adesão a esta pedagogia,

[...] o que realmente precisamos ensinar, e compreender antes que possamos ensinar, é como vários letramentos e tradições culturais combinam estas modalidades semióticas diferentes para construir significados que são mais

do que a soma do que cada parte poderia significar separadamente. (LEMKE, 1994; 1998, apud ROJO, 2012, p. 8).

Para Rojo (2012), a escola deve buscar novas formas de consciência para constantemente, através da pedagogia do pluralismo compreender e atender aos interesses culturais divergentes em nossa sociedade. Ainda, segundo a autora, as propostas escolares para os letramentos ignoram e ocultam as formas orais, das formas escriturais, dado que, a nossa clientela escolar está enraizada em formas sociais orais de interação. Pois, para a autora, o avanço tecnológico e o acesso rápido às informações por meio da comunicação digital, criou-se um distanciamento aos textos impressos e mudou de maneira significativa os modos de ler, de produzir e de se fazer circular os textos na nossa sociedade. Por isso, diante das práticas letradas, as formas escriturais presentes na escola parece ser necessária para a dotação de sentido pelo aluno.

Contudo, as escolas precisam ensinar aos alunos as novas formas de competências e/ou habilidades para engajá-los nas diversas situações sociais que exijam deles essas competências, conforme afirma Rojo (2012):

No campo específico dos multiletramentos, isso implica negociar uma crescente variedade de linguagens e discursos: interagir com outras línguas e linguagens, interpretando ou traduzindo; usando interlínguas específicas de certos contextos; usando inglês como língua franca; criando sentido da multidão de dialetos, acentos, discursos, estilos, e registros presente na vida cotidiana, no mais plurilinguismo bakhtiniano. (ROJO, 2012, p. 4).

O incentivo à pedagogia dos multiletramentos torna-se relevante para o contexto escolar devido à necessidade de integrar socialmente os educandos no mais amplo e diversificado mundo globalizado. Tal proposta pedagógica está prevista na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, dentro do currículo para o ensino de Língua Portuguesa.

**LÍNGUA PORTUGUESA** O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Assume-se aqui a perspectiva enunciativa discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20). Dessa forma, a BNCC procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e

diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia. (BNCC, p. 65/68).

Diante do exposto, no que diz respeito aos múltiplos letramentos e suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa em detrimento da cultura patriarcal dominante à qual eu e os alunos estamos inseridos, observo que muitos desses alunos apesar de ainda não saberem ler nem escrever; entretanto, sabem utilizar de forma letrada estes multiletramentos adquiridos socialmente, principalmente, os que concerne à tecnologia.

## **2.9 A escrita em sala de aula como prática de ensino**

A língua escrita e a leitura são, indubitavelmente,  
bens culturais de inestimável valor na sociedade  
Inez Matoso

A produção textual na sala de aula é relevante para o ensino de Língua Portuguesa, pois a assimilação cognitiva e linguística que envolve os aspectos da escrita dos textos se dão com a reiteração constante dessa prática, e também, com a correção e análise dos “erros” e dos aspectos estruturais e funcionais desses textos. Contudo, não é tarefa fácil para os nossos alunos do ensino fundamental produzirem texto, visto que, eles ainda estão em processo de aquisição desses conhecimentos.

Sabendo da importância do ensino e da prática, assim como da análise e da correção da produção de texto dos nossos alunos, apresento esta reflexão como parte deste processo educativo nas nossas aulas de ensino de Língua Portuguesa. Porém, antes, fundamentarei sucintamente, alguns teóricos estudados no curso de Mestrado (PROFLETRAS) sobre os aspectos da escrita textual no que diz respeito à noção de conceito de texto; o texto na linguística textual; a motivação para analisar texto; os aspectos globais e os aspectos de construção do texto.

Escrever um texto não é simplesmente jogar as palavras em um papel, sem relacioná-las, sem organizá-las a uma ordem processual de coerência para atingir o objetivo interacional dentro do contexto de seus interlocutores (escritor/ leitor). Neste sentido, Antunes afirma: “um conjunto aleatório de palavras ou frases não constitui um texto”. (ANTUNES, 2010, p. 33). Assim, escrever é fazer a tessitura das palavras em uma ordem coerente, dentro de um

contexto sócio comunicativo, ou seja, escrever é essencialmente um ato funcional e comunicativo.

Para Antunes (2010, p. 77), o que falamos ou escrevemos em situação de comunicação, por mais que esteja fora dos padrões considerados cultos, eruditos ou edificantes são sempre textos. Entretanto, o ato de escrever é um exercício sociocognitivo que exige conhecimento prévio da ortografia, da morfossintaxe, da semântica e do conteúdo daquilo que se deseja escrever. “[...] para escrever, necessitamos de conhecimentos linguísticos, mas também precisamos ter conhecimentos enciclopédicos e textuais”. (OLIVEIRA, 2010, p. 113).

Conforme Oliveira (2010), os conhecimentos linguísticos da língua são importantes para se dar o primeiro passo na composição textual. Este conhecimento linguístico é adquirido através da alfabetização e do letramento pedagógico. Para os conhecimentos enciclopédicos (conhecimento de mundo), deve-se ter conhecimento sociocultural para ter assunto para escrever. Sendo assim, a falta desse conhecimento implica na composição textual e no seu objetivo. Para os conhecimentos textuais, deve-se conhecer os gêneros textuais, suas características e os elementos da textualidade.

De acordo com Antunes (2010, p. 31), para que um conjunto de palavras aleatórias seja compreendido como texto, ele deve conter as propriedades da textualidade: a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a intertextualidade, a situacionalidade.

A textualidade pode ser entendida como característica das atividades sociocomunicativas, e como o princípio que manifesta e que regula as atividades de linguagem. (ANTUNES, 2010, p. 9). Essa textualidade acontece sob a forma concreta de textos. “Este é a expressão de algum propósito comunicativo que vai além do seu aparato linguístico, pois se trata de um evento comunicativo em que operam, simultaneamente ações linguísticas, sociais e comunicativas”. (ANTUNES, 2010, p. 31).

Existem várias definições de texto, na linguística textual, “estudiosos passaram a entender o texto como unidade básica da comunicação e interação humana e, como o resultado de uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas até chegarem à compreensão de texto como uma “entidade multifacetada”. (BATISTA, 2016, p. 31). Dessa forma, o texto para atingir a sua função principal, que é a comunicação entre interlocutores,

apresenta vários processos constitutivos e funcionais que exigem conhecimento não só de quem escreve, mas também de quem o lê. Conforme afirma Koch (2004, p. 175), citada por Batista (2016, p.31) “fruto de um processo extremamente complexo de interação social e de construção social de sujeitos, conhecimento e linguagem”.

Estes processos constitutivos e funcionais que envolvem a construção do texto na interação sociocomunicativa de seus interlocutores, devem considerar as condições sócio-histórica, a cultura e os conhecimentos que mobilizam esses sujeitos, ou seja, devem considerar todo o contexto. Para Batista (2016, p. 32), o texto “esconde” muito mais do que revela a sua materialidade linguística. Assim, dentro das multifaces do texto, no que diz respeito à sua compreensão o contexto é fundamental. “[...] o contexto assume várias funções: avaliar o que é adequado ou não numa interação, justificar algo que foi dito (não dito) ou que será dito (não será dito), desambiguar enunciados, alterar o que se diz e preencher lacunas no texto [...]”. (BATISTA, 2016, p. 42).

Observa-se que tanto o ato de escrever, assim como o de ler é complexo, porque exige de ambos conhecimentos cognitivos anteriores para alcançarem a compreensão comunicativa, ou seja, quem escreve deve se preocupar com todos os aspectos que envolvem a construção de um texto interativo e que se faça entender. E também de quem o lê, “o processamento textual demanda do leitor ativação de conhecimentos metagenéricos, enciclopédicos e interacionais”. (BATISTA, 2016, p. 38). A autora afirma que a coerência do texto depende da nossa bagagem cognitiva, da qual o linguístico é apenas um dos componentes, pois essa bagagem é constitutiva do contexto concebido sob o prisma da sociocognição.

Neste sentido, Guimarães (2013, p. 135) fala de estratégias cognitivas, textuais e sociointeracionais. Essas estratégias funcionam como uma ação que conduz a um objetivo específico, sob a dependência de conduções contextuais. Para ela, as estratégias cognitivas efetivam-se de um “cálculo mental”. Com isto, entende-se que escrever é bem mais do que ter conhecimentos linguísticos como mencionado. Escrever aciona esforço mental para através do linguístico (agrupamentos de palavras) gerar informação semântica (sentido). Por isso, que Antunes (2010) defende o estudo do texto e não de palavras soltas ou frases isoladas. Para Antunes, um texto pode até ter uma palavra, mas que tenha sentido. “[...] somente nos comunicamos através de textos, nem que eles tenham apenas uma palavra”. (ANTUNES, 2010, p. 49).

Ainda sobre as estratégias textuais, Guimarães (2013) apresenta as estruturas do texto (temáticas/esquemáticas) e também a cor referência, a pronominalização, a sintonia tema/rema, as quais fazem parte da construção textual. E as estratégias sociointeracionais efetivam-se da interação verbal, através dos elementos da textualidade (intencionalidade, aceitabilidade e situacionalidade).

Percebe-se, que de acordo com as estratégias apresentadas por Guimarães sobre os processos constitutivos de um texto, e a sua relevância para o grau de complexidade do qual ele exige para ser concebido, que não é tarefa fácil produzir textos, seja qual for o gênero; visto que, não se escreve de forma mecânica. Escreve-se de forma coerente, interacional dentro dos parâmetros constitucionais de textos, aqui apresentados. Pois, escrever é uma atividade que requer empenho e importantíssimo trabalho em sala de aula (professor/aluno) na preparação grafossemântica dos alunos.

Sobre o trabalho de produção de texto na escola, Garcia (2010) faz uma retrospectiva de como esse trabalho era efetuado desde o início do século XX até os nossos dias. A autora revela que produzir textos há décadas era saber utilizar a escrita correta e seguir as regras da gramática normativa e que os textos eram compreendidos como um agrupamento de palavras. Essa perspectiva não tomava a escrita como um processo de interlocução; não aparecia de modo contextualizado, ou seja, a escrita não era entendida como construção de sentido como fora dito aqui.

Segundo Garcia (2010), ainda na década de 1980, predominava a ideia de que o objetivo da escrita se esgotava em si; e os aspectos formais eram mais priorizados, embora se falasse em contextualização. Ainda, segundo a autora, somente por volta dos anos 90, depois das pesquisas e propostas da “escola de Genebra”, passou-se a considerar que os textos não eram funcionais de forma independente nem autônoma na produção de significação. Dessa forma, os gêneros textuais ganham espaço na sala de aula no que diz respeito à produção textual.

[...] O objetivo principal da produção de textos na escola passou a ser a participação ativa e crítica do estudante na sociedade, daí a importância de a escola propor situações de produções que reportassem a práticas sociais e a gêneros textuais que existem de fato, que circulam socialmente e sejam passíveis de serem reconstituídos, ainda que parcialmente, em sala de aula”. (GARCIA, 2010, p. 2).

Portanto, sendo a escola o ambiente de transmissão de conhecimento e a sua função a de preparar os alunos para a vida social; faz-se necessário, quanto a escrita dos alunos, ensiná-los a produzirem textos interessantes a partir dos diversos gêneros dentro do ensino de Língua Portuguesa. Sob esta perspectiva no ensino da produção de texto e das dificuldades que os alunos enfrentam no ato de escrever, Oliveira (2010), aponta para o professor prepará-los antes. “[...] Esse preparo é feito a partir das ATIVIDADES DE PRÉ-ESCRITAS, que servem também para o professor diagnosticar possíveis problemas que os alunos possam ter quanto a seus conhecimentos prévios e agir para que eles sejam resolvidos ou minimizados”. (OLIVEIRA, 2010, p. 115).

Por isso, é necessário que o professor contextualize o assunto ou o gênero e oriente aos alunos que a escrita é um constructo processual e realize correções dos erros até chegar ao produto final. Neste sentido, Dolz, apud Garcia (2010, p. 4) fala em “análise didática dos erros”, a qual o professor deve realizar para tentar compreendê-los e organizar a sua ação em torno deles, ou seja, os erros cometidos pelos alunos nas produções textuais orientam ao professor o(s) ponto(s) a ser(em) trabalhado(s).

Com isto, o objetivo principal para analisar os textos é interagir através do resultado (*feedback*) a cerca do conhecimento adquirido do aluno na produção escrita, o qual servirá de sinalização para ajustar os pontos de dificuldade encontrados com a correção dos “erros”, ou seja, far-se-á necessário a análise desses erros pelo professor para certificar-se do ensino-aprendizagem da escrita textual. Sendo assim, a motivação para análise do texto - “é fundamental para desenvolver nossa capacidade de perceber, de enxergar, de identificar os fenômenos ou os fatos que ocorrem nos textos”. (ANTUNES, 2010, p. 51).

Portanto, sendo a leitura e a escrita consideradas fonte de conhecimento e de transformação pessoal, cabe ao professor buscar aperfeiçoá-las através da constante prática de ler e escrever incentivando os seus alunos à leitura e à escrita na sala de aula. Para as autoras (ALTENFELDER; ALMEIDA, 2014– CENPEC), do ponto de vista social, a escrita permite o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã; do ponto de vista psicológico, ela mobiliza o pensamento e a memória. Ainda para as autoras, a escrita é uma ferramenta de comunicação e também um auxílio para reflexão, a qual serve como um suporte externo para memorizar e regular o comportamento humano.

Alguns pensam, ingenuamente, que o trabalho escolar limita-se a facilitar o acesso ao código alfabético; entretanto, a tarefa do professor é muito mais abrangente. Compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais; culturais e psicológicas e mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem. (ALTENFELDER; ALMEIDA, 2014, p. 10 – CENPEC).

Dessa maneira, a nossa vida se move através dessas dimensões sociais, culturais e psicológicas, as quais estão entrelaçadas num contínuo indissociável e, a escola está inserida nestas dimensões ativamente para subsidiar todos os tipos de linguagens que conduzem estas dimensões e, essencialmente, no fazer compreender e ler textos; pois, esta é uma capacidade cognitiva que facilita a interação e a dinamização do sujeito em todas essas dimensões.

### 3 RESGATAR O PASSADO PARA (RES)SIGNIFICAR O PRESENTE: HISTÓRIA SOCIOCULTURAL DE ATALAIA/AL

[...] Buscar reaver a nossa própria história pode proporcionar o autoconhecimento e, conseqüentemente, o respeito a todos e aquilo que nos rodeia, porque a nossa cultura e as pessoas com quem partilhamos a vida influenciam no que somos e no modo como enxergamos o mundo. (FONSECA, 2017, p. 11).

Esta seção está fundamentada nos seguintes referenciais teóricos: Cavalcante (1980), escritora atalaiense, conta a história de Atalaia através da publicação do livro histórico-didático “Atalaia, Último Reduto dos Palmarinos” que fez renascer o passado da bicentenária cidade Atalaia, cuja história é pouco conhecida pelos seus próprios filhos; *Site Atalaia Pop*; IBGE e outros.

De acordo com o tema proposto para ser objeto de estudo desta pesquisa, faz-se necessário, antes, conhecer a história sociocultural do município de Atalaia, uma vez que o nosso estudo se concentrará em estudar os efeitos de sentido da memória sociocultural do trabalho e da educação do povoado Boca da Mata/Atalaia, pois a sua formação sociocultural, econômica e política está vinculada à Atalaia. Neste sentido, faremos um breve resgate do contexto histórico dessa cidade, para então, tomá-lo como pano de fundo, ou/e como embasamento para conhecer e aprofundarmos nossos estudos às relações políticas e socioculturais do povoado em estudo.

Consoante ao significado de “sociocultural”, esse termo está relacionado com os aspectos sociais e culturais de uma comunidade ou sociedade, o qual tem a ver exclusivamente com as relações humanas que podem servir tanto para organizar a vida comunitária como para dar-lhe significado. Sendo assim, a história sociocultural de um povo é uma realidade construída pelo homem através da interação com as pessoas entre si, com o meio ambiente e com as outras sociedades. “São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história”. (DELGADO, 2003, p. 10).

Assim, através dessas criações socioculturais e econômicas do homem e, de suas representações, surge a cidade de Atalaia, a qual é um município alagoano tradicional,

pertencente a mesorregião leste do estado e à microrregião da Mata Alagoana, localiza-se a noroeste da capital, distando desta cerca de 48 quilômetros. Sua população foi estimada em 2015 pelo IBGE em 47.298 habitantes, sendo assim, um dos municípios mais populosos do estado de Alagoas e o primeiro de sua microrregião. Sua área é de 534,2 km<sup>2</sup>, sendo que 1,7041 km<sup>2</sup> estão em perímetro urbano. (IBGE).

De acordo com as fontes pesquisadas, Atalaia tem a sua história marcada não somente pelo episódio da destruição do Quilombo dos Palmares, mas também pelo fato de, em suas terras, ter surgido a primeira usina de açúcar de Alagoas, uma das maiores do Brasil, em sua época: A Usina Brasileiro. E, também por ter sido um dos primeiros núcleos populacionais de Alagoas.

Esta cidade possui um importante acervo histórico, como a Capela de São José (antiga Capela de Nossa Senhora das Brotas), primeira edificação construída em Atalaia por Domingos Jorge Velho em 1697 é a imponente Igreja Matriz de Nossa Senhora das Brotas com suas imagens antigas e seu altar-mor belíssimo; a Casa Grande da Fazenda Jardim das Lajes; a Praça do Bi-Centenário; as ruínas da Usina Brasileiro-primeira usina de Alagoas; as da Usina Ouricuri, as da Vitória do Cacau; o casario histórico da Avenida Barão José Miguel no centro da cidade e na Rua de Cima, no bairro da Cidade Alta e os Engenhos de Açúcar, aproximadamente, 177 engenhos (Atalaia e Paraíba (Capela)).

No Museu do Banguê são colecionadas antigas e interessantes peças de engenho, o qual é uma das marcas da vida cultural na cidade, que foi o quarto núcleo de povoamento de Alagoas e cidade mãe dos municípios de União dos Palmares, Capela, Cajueiro, Viçosa, Pindoba, Chã Preta e Murici. A cidade de Atalaia tem nas festividades sua marca pessoal, sendo conhecida como a terra tradicional do pitu (camarão de água doce). Os destaques de suas festividades ficam com a festa da padroeira Nossa Senhora das Brotas, a qual se comemora em 2 de fevereiro; as cavalhadas e vaquejadas nos parques Graziela Thianny e Vicente Basílio; além dos tradicionais bailes do Centro Social Atalaiense.

Segundo os historiadores, o município de Atalaia recebeu essa denominação por ter sido o local onde as forças que lutavam contra os Palmares ficavam de "atalaia". Outros acreditam que foi uma homenagem feita pelo Rei de Portugal ao Visconde de Atalaia, quando os habitantes do povoado pediram ao Rei a criação da vila. O início do povoado vem do

século XVII, época dos Quilombos, que chegou até a ser chamado Arraial dos Palmares, em razão da proximidade em que se acha da serra da Barriga, onde naquele século existiu o celebre Quilombo dos Palmares. Coube a Domingos Jorge Velho abrir caminhos para as tropas através das matas.

Quando a luta acabou, foram distribuídas sesmarias (terreno abandonado ou inculto que os reis de Portugal cediam aos novos povoadores) aos vencedores. A parte que coube a Jorge Velho se transformou no povoado de Atalaia, onde foi erguida a igreja de Nossa Senhora das Brotas.

Mais tarde foi se dando a troca desse nome pelo de Atalaia, que ainda hoje se conserva, por ter sido ali um posto de atalaia (lugar elevado de onde se observa ou se vigia). Durante muitos anos, este lugar foi um destacamento de soldados por ordem do governo de Pernambuco, na guerra travada para destruição e aniquilamento completo dos quilombolas que ainda existia.

Segundo Cavalcante (1980), a esse posto foram então afluindo os habitantes de outros lugares, não só para venderem aos soldados gêneros alimentícios e outros produtos de sua cultura agrícola, como: o açúcar, a rapadura, o mel, o fumo e a aguardente, mas também para estabelecerem ali suas residências, amparados e garantidos pela força pública contra as depredações dos quilombolas, que costumavam assaltar e roubar suas propriedades e suas lavouras. Assim, foi crescendo o povoado e desenvolvendo-se a edificação, de modo que na época do aniquilamento dos quilombolas, que eram chamados de bárbaros, a cidade de Atalaia era uma povoação crescida, havendo ali pequenas casas de negócio.

Por longos anos, antes e depois da proclamação da independência do Brasil foi este município um dos mais importantes e ricos empórios do comércio da antiga província, pois concorria para ele os produtos agrícolas do centro desta, bem como de Garanhuns e outros lugares da província de Pernambuco. Houve em Atalaia muitas casas comerciais, que tiveram vantajosos lucros da compra e exportação do açúcar, do algodão, do fumo, dos couros e das peles, assim também da venda de fazendas, miudezas, gêneros de estivas e outros que recebiam do litoral.

Conforme, Cavalcante (1980 apud Site Atalaia pop), após esta fase de florescência e desenvolvimento comercial e agrícola, a cidade de Atalaia passou a constituir-se o foco das mais horrendas barbaridades, homicídios, espancamentos e sevícias contra os portugueses, que eram os que ali possuíam as melhores fortunas e maiores casas de negócio. Com isso, expandia-se as represálias e a discórdia entre os seus habitantes, de tal forma que excedia-se a falta de segurança individual e a tranquilidade pública, pelo que ocasionou a saída de muitos habitantes para outros lugares. Dessa forma, enfraqueceu o comércio e impulsionou a decadência econômica da cidade de Atalaia.

Ainda de acordo com o **site Atalaia pop**, nos últimos anos, a cidade de Atalaia perdeu duas importantes fontes de geração de emprego e renda: a siderúrgica Comesa pertencente ao grupo Gerdau e a Usina Ouricuri produtora de açúcar e álcool. Também perdeu outras fontes como a Cerâmica da Porangaba, uma das maiores produtoras de tijolos e telhas do estado e a indústria de Couro de Alagoas. CORAL – S/A. Esse marasmo socioeconômico permanece por muitos anos e de que, ainda hoje, se notam os tristes vestígios, pois, Atalaia não conseguiu mais recuperar o seu prestígio do ponto de vista econômico. Contudo, apesar dessas perdas ela continua sendo uma importante cidade alagoana, por ser sua economia predominantemente agrícola (cana-de-açúcar); visto que, permanece ativa a Usina Uruba, produtora de açúcar e álcool.

Atualmente, com a criação do Pólo Industrial de Atalaia, o município tem tentado atrair algumas indústrias oferecendo isenção de impostos. Este incentivo visa aprimorar as atividades econômicas típicas do município, nas quais envolvem: o artesanato, a feira livre, os setores da indústria, o comércio e os agronegócios.

Segundo dados do IBGE, no trabalho e no rendimento, em 2015, o salário médio mensal era de 1.9 salários-mínimos por pessoa. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 11.4% e o PIB – Produto Interno Bruto foi de 10.426,50. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, tinha 50.5% da população nessas condições, o que o colocava na 72ª posição dentre os 102 municípios do estado. Em 2010, o IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal foi de 0,561.

Na educação, existem 51 escolas, sendo que 43 são municipais (20 pré-escolas e 23 do ensino fundamental); 7 escolas privadas (3 pré-escolas, 3 do ensino fundamental e 1 do ensino médio) e 1 escola estadual do ensino médio. Os alunos dos anos iniciais da rede pública tiveram nota média de 3.9 no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 2.9. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na 67ª posição de 102ª. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava para 61ª de 102ª. A taxa de escolarização para pessoas na faixa etária de 6 a 14 anos foi de 92.5 em 2010. Isso posicionava o município na 96ª posição de 102ª dentre as cidades do estado.

Na saúde, a taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 20.26 para 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 1.1 para cada 1.000 habitantes. Comparado com todos os municípios do estado, fica nas posições 26 de 102 e 49 de 102, respectivamente. Sobre o território e ambiente apresenta 23.2% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 70% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 12.2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Quando comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 35 de 102 e 41 de 102, respectivamente.

Em suma, segundo aos dados históricos, posto aqui, alusivos à cidade de Atalaia, percebe-se que a sua formação sociocultural originou-se de povos brancos europeus e de escravos quilombolas (existentes aqui no estado de Alagoas), porém o estrato dessa população era, em sua maioria, formado por escravos; uma vez que, existiam muitos engenhos para o cultivo de cana-de-açúcar e esta população crescia em torno desses engenhos e das grandes fazendas, pois esse desenvolvimento dava-se através da mão de obra desses povos e de suas gerações.

Apesar do avanço tecnológico, com a chegada das grandes usinas, o trabalho braçal nos canaviais e até mesmo dentro dessas usinas era feito e, ainda o é, por essa camada de trabalhadores humildes e sem escolarização. Devido a este contexto social e político dessa cidade, ela tornou-se por longas décadas um lugar de desigualdades sociais, em que de um lado estão os senhores de engenhos e, agora, os usineiros e do outro lado está a massa populacional (trabalhadores rurais). Vimos uma cidade que, outrora, desenvolvia-se

economicamente através do ardor laboral desses sujeitos e, entretanto, nem os canaviais, hoje, não se têm para trabalhar. Assim, com essa formação sociocultural e política, a qual fora mencionada, a cidade de Atalaia perpetua conforme a história e os dados atuais do IBGE, às novas gerações a sua marca de um povo sofrido e patriarcal. Finalizo este contexto histórico com esta citação de Delgado:

Enfim, os homens como sujeitos da História e de sua temporalidade podem produzir acontecimentos e mudanças, ou impedi-los de se concretizarem. Podem construir referências ou destruí-las. Podem reafirmar o poder, ou contestá-lo, podem tolher a liberdade do ser ou reafirmá-la. (DELGADO, 2003, p. 15).

A seguir algumas imagens históricas da cidade de Atalaia:



**Figura 1-** A vila de atalaia foi criada em 1º de fevereiro de 1764.

Fonte:site Atalaia pop



**Figura 2-** Atalaia já foi conhecida como Vila Real de Bragança.

Fonte:site Atalaia pop



**Figura 3-** Igreja de N.S. da Conceição atualmente

Fonte:site Atalaia pop



**Figura 4-** A primeira capela em homenagem a Nossa Senhora das Brotas foi construída por Domingos Jorge Velho

Fonte:site Atalaia pop



**Figura 5-** Vista parcial de Atalaia em 1958  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 6-** Atalaia foi um dos mais importantes e ricos empórios do comércio da antiga província  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 7-** Primeiro banco da cidade  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 8-** Centro da cidade ainda como Vila Real de Bragança  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 9-**Primeira ponte de madeira para travessia do rio Paraíba  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 10-** Atual ponte que une o centro da cidade  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 11-** Centro da cidade de Atalaia antigamente  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 12-**Antiga empresa SUDENE-  
Superintendência do desenvolvimento do  
Nordeste  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 13-** Primeira e única escola estadual até os  
dias de hoje - Escola Estadual Floriano Peixoto  
Fonte:site Atalaia pop

A cidade de Atalaia atualmente:



**Figura 14-** Trevo de acesso à cidade  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 15-**Prefeitura Municipal de Atalaia  
Fonte:site portal férias



**Figura 16-** Centro da cidade  
Fonte:site portal férias



**Figura 17-** Centro da cidade e a Igreja N. Senhora da Conceição  
Fonte:site portal férias

A seguir algumas imagens históricas do setor sucroalcooleiro de Atalaia da sua origem até aos dias atuais. De acordo com as fontes pesquisadas não foi especificado as datas em cada fotografia.



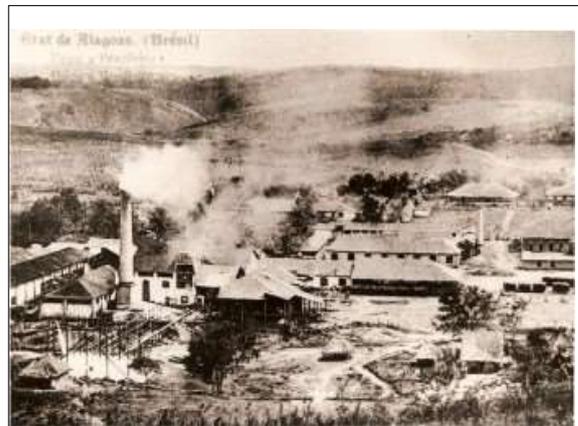
**Figura 18-** Trabalhadores rural no corte de cana.  
Fonte:site Atalaia pop



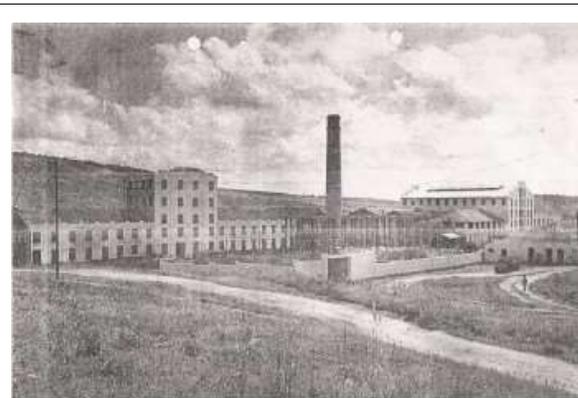
**Figura 19-** Usina Brasileiro  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 20-** Decadência da Companhia Metalúrgica de Alagoas – COMESA, em Atalaia nos anos 70  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 21-** Usina em Atalaia  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 22-** Companhia Metalúrgica de Alagoas – COMESA, em Atalaia nos anos 70  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 23-** Usina Brasileiro  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 24-** Usina Ouricuri  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 25-** Usina Brasileiro (engenho)  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 26-** Usina Uruba atualmente  
Fonte:site Atalaia pop



**Figura 27-** Usina Ouricuri  
Fonte:site Atalaia pop

## 4 METODOLOGIA

Antes de explicitar a metodologia adotada, com o objetivo de justificá-la retomo à questão de pesquisa levantada para essa investigação, “A construção do conhecimento da história da comunidade e da sua realidade sociocultural podem modificar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do EF II de uma escola pública municipal e melhorar as práticas escolares a partir do ensino de Língua Portuguesa”? Posto isto, de acordo com a ação interventiva aos moradores da comunidade em estudo, a participação dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa e os resultados obtidos e analisados, encontrei a resposta para esta questão de pesquisa.

[...] o desafio está em descrever, desvelar, compreender, documentar as ações sociais dos participantes no contexto em estudo e, a partir dessa compreensão construída sob a perspectivaêmica, refletir sobre as implicações políticas, históricas, educacionais, de poder entre outras, dessas ações e suas relações com contextos sociais macros. (FRITZEN, 2012, p. 68).

Dessa forma, interpretei e compreendi os acontecimentos advindos destes sujeitos como resultado das suas ações as quais estão demonstradas culturalmente. “Fazer pesquisa envolve questões metodológicas, teóricas, técnicas, mas também, e não em menor grau, políticas e éticas”. (FRITZEN, 2012, p. 63).

Neste sentido, para dar continuidade as ações deste processo, utilizei a seguinte metodologia: natureza da pesquisa; contexto de pesquisa (a escola, os alunos, a professora e a comunidade); procedimentos de geração de registros e sequência didática.

### 4.1 Natureza da pesquisa

Esta é uma pesquisa associada à abordagem qualitativa de pesquisa, a qual envolve os estudos na área de Ciências Humanas e Sociais, cuja proposta está fundamentada no método dialético com abordagem da pesquisa-ação, a qual de acordo com Ghedin e Franco (2011) aponta para uma investigação com a finalidade de transformação de determinada realidade, implicando diretamente a participação dos sujeitos envolvidos no processo, e, também

sinaliza para a emergência dialógica da consciência desses sujeitos, na direção da mudança de percepção e de comportamento.

De acordo com André (2012), a Abordagem Qualitativa de Pesquisa é o tipo de pesquisa que busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, torna-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador. Ainda sobre a pesquisa qualitativa a autora afirma:

Posso fazer uma pesquisa que utiliza basicamente dados quantitativos, mas a análise que faço desses dados estarão sempre presentes o meu quadro de referência, os meus valores e, portanto, a dimensão qualitativa. As perguntas que eu faço no meu instrumento estão marcadas por minha postura teórica, meus valores, minha visão de mundo. Ao reconhecer essas marcas da subjetividade na pesquisa, eu me distancio da postura positivista, muito embora esteja tratando com dados quantitativos. (ANDRÉ, 2012, p. 24).

Nesta perspectiva, esta pesquisa está envolvida nos processos educativos, mais também, nos eventos sociais. Pois, a escola por si integra um contexto social que envolve seus atores numa dinâmica de interação e de acontecimentos sociais em seu dia a dia e, adjacente, está os outros externos que alicerçam e influenciam este. Corroborando com esta informação, no que se refere às pesquisas na educação,

as que elegem uma escola, com sua cultura própria, como um microcosmo a ser analisado, a opção pela pesquisa de base etnográfica, em termos metodológicos, permite uma observação ampla e cuidadosa das ações e interações dos sujeitos envolvidos nesse contexto social, além da transposição dos muros da escola, em busca da compreensão do contexto mais amplo onde ela se insere e das relações com esse contexto. (FRITZEN, 2012, p. 57).

Para refletir sobre o processo de fazer pesquisa, tanto em sua dimensão teórico-metodológica quanto em sua dimensão ética e política, Ghedin e Franco (2011) dizem que há um mosaico de abordagens metodológicas que muitas vezes são operacionalizadas na práxis investigativa sem a necessária explicitação de seus fundamentos teóricos, gerando inconsistências entre teoria e método e comprometimento à validade científica dos estudos.

Assim, Para André (2012), existem alguns problemas nas pesquisas que se propõem para o estudo da prática escolar cotidiana, como na falta de clareza sobre o papel da teoria na pesquisa, e na dificuldade de lidar com a objetividade (teoria) *versus* subjetividade (participação). “O grande desafio nesses casos é saber trabalhar o envolvimento e a

subjetividade, mantendo o necessário distanciamento que requer um trabalho científico. Distanciamento que não é sinônimo de neutralidade, mas que preserva o rigor”. (ANDRÉ, 2012, p. 48). Esses problemas, geralmente, acontecem devido a inserção e o envolvimento diário do pesquisador(a) com esses atores dentro do contexto escolar. A dificuldade está em separar a prática escolar cotidiana da pesquisa, dado que, a pesquisa no âmbito escolar exige além de uma metodologia bem definida, disciplina. Então, Fritzen confluí:

[...] pesquisar a escola, como um *locus* de construção de práticas sociais e de discursos pelos próprios atores sociais que compartilham esse espaço diariamente e pelo atravessamento de diferentes vozes extramuros escolares, tem-se constituído um desafio que nos inquieta e nos inspira a gerar compreensão mais profunda do espaço escolar. (FRITZEN, 2012, p. 55).

Sendo assim, conforme citado, a escola é um ambiente social que envolve sujeitos com diferentes identidades, as quais são formadas por memórias coletivas ou grupais compostas de diferentes valores, como o familiar, as crenças religiosas, as culturais, ou seja, por todos valores socioculturais. Neste ambiente que se encontra e circula o pluralismo cultural é de suma importância que as atividades extraclasse ou extraescolar seja estendida à metodologia e, principalmente, através de projetos e de pesquisas como a pesquisa-ação que permite a transformação da prática nos processos e nas relações que envolvem este contexto.

No entanto, segundo Ghedin e Franco (2011), a direção, o sentido e a intencionalidade dessa transformação serão o eixo caracterizador desse tipo de abordagem. No tocante a isto:

se se percebe a necessidade dessa transformação mediante os trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, como decorrência de um processo que valoriza a construção cognitiva de experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, tendo em vista a emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas, a pesquisa vai-se caracterizando pela criticidade e, então, tem-se utilizado a conceituação de *pesquisa-ação crítica*; (GHEDIN e FRANCO, 2011, p. 213).

A respeito da subjetividade da pesquisa em detrimento da postura positivista, a pesquisa-ação crítica, conforme (GHEDIN e FRANCO, 2011, p. 213 apud KINCHELOE (1997)), rejeita as noções positivistas de racionalidade, objetividade e verdade e deve pressupor a explicitação dos valores pessoais e práticos dos envolvidos no processo investigativo. Esse tipo de pesquisa não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas sobretudo transformá-lo.

Nessa direção, Ghedin e Franco (2011) afirmam que a condição para a realização da pesquisa-ação é o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, e nela as mudanças serão negociadas e geridas no coletivo. Ainda segundo os autores, a pesquisa-ação leva em conta a voz do sujeito não apenas para registro e posterior interpretação, mas para que a voz do sujeito faça parte da tessitura da metodologia da investigação.

A metodologia com viés na abordagem da pesquisa-ação crítica, segundo Ghedin e Franco (2011), não se configura por meio de um método, mas organiza-se pelas situações relevantes deste processo, do qual decorre a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa.

É também por isso que tal metodologia assume um caráter emancipatório, pois, mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de libertar-se de mitos e preconceitos que organizam suas defesas contra a mudança e reorganizam suas autoconcepções de sujeitos históricos. (GHEDIN e FRANCO, 2011, p. 214).

Alusivo à participação consciente dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa (pesquisador e pesquisado) de quererem transformar e ressignificar suas condições sócio-históricas por meio de procedimentos crítico-reflexivos para com a realidade, o método dialético da pesquisa-ação possibilitou e conduziu a realização desta pesquisa. “O processo de pesquisa, por sua vez, deverá permitir reconstruções e reestruturação de significados e caminhos em todo o seu desenrolar, enquadrando-se num procedimento essencialmente pedagógico e, por assim ser, político”. (GHEDIN e FRANCO, 2011, p. 219).

Portanto, a pesquisa-ação como pesquisa de transformação, participativa, caminhando para processos formativos, viabilizou alcançar os objetivos e ou os resultados esperados para esta pesquisa.

## **4.2 Contexto da pesquisa**

### **4.2.1 A escola**

A escola é municipal de ensino fundamental, é a única do povoado Boca da Mata – Atalaia/AL, a qual está situada à margem da rodovia 316 que dá acesso a este município. Nela se concentra uma clientela de alunos filhos da classe trabalhadora, os quais descreverei no

subtópico “alunos”. A maioria de seus professores mora em Maceió. É uma escola pequena com apenas 4 turmas do ensino fundamental II (um 6º, um 7º, um 8º e um 9º ano). Ela também atende aos alunos da educação infantil; do fundamental I (do primeiro ao quinto ano) e do mais educação<sup>1</sup>.

Antes de sua reforma em 2012, era apenas um grupo escolar, mas há 4 anos foi reconstruída nos padrões modernos. Digo “modernos” visto que a escola apesar de pequena tem 6 salas de aula, algumas com ar-condicionado (que não funcionam) e em outras com ventiladores nas laterais das paredes (quase quebrados), sendo disputados pelos alunos que querem ficar próximo a eles, porque o vento não alcança a todos.

Em cada sala tem um quadro branco, um suporte no teto para a projeção de data show, tomadas que não funcionam. A escola possuía uma biblioteca com poucos livros (antes do incêndio<sup>2</sup>), mas suficientes para os que gostavam de ler. Ela, também, tem: uma cozinha equipada com freezer, geladeira, fogão, etc. (o problema é a falta de merenda); um pátio grande, onde ficam as mesas para se fazer o lanche; os sanitários masculinos e femininos para os alunos; a sala dos professores equipada com uma mesa grande, um ventilador e uma estante; a secretaria com birôs, armários e uma máquina de xerox; a direção; uma dispensa para guardar os materiais didáticos e outros; os banheiros para os professores (masculino e feminino) e uma vasta área verde com gramas e até uma horta que serve para o cultivo de algumas verduras, as quais são usadas na merenda.

Apesar da aparência e da estrutura “ser nova”, os problemas são “velhos”; todos os dias escuto e vejo se repetir o mesmo discurso e as mesmas ações: professores desmotivados; alunos desinteressados e indisciplinados; falta de merenda; falta de material didático básico(papel, piloto, tinta para piloto); falta de transporte para buscar os alunos que moram

---

<sup>1</sup>- O Programa Mais Educação, criado pela [Portaria Interministerial nº 17/2007](#) e regulamentado pelo [Decreto 7.083/10](#), constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

<sup>2</sup>- De acordo com o portal Tnh1 e outras fontes (grupo de *Whatsapp* da escola e comentários dos moradores), este incêndio ocorreu no dia 1º de novembro de 2017 por volta das 6:00 da manhã. (ver mais informações na seção: o trágico incêndio da escola D. C. C., pags. 77 a 82)

em difícil acesso; TV que não funciona e outros aparelhos para uso didático, ou seja, só temos o livro didático como material de apoio pedagógico e para a disciplina de inglês tem o livro didático, mas não tem o dicionário para o uso dos alunos.

A escola possui *wi-fi*, mas somente para o nosso uso (gestores, professores e funcionários). Os alunos não têm o acesso ao *wi-fi* nem dentro da sala de aula para uso de alguma pesquisa, nem fora da sala de aula, pois não lhes são permitidos.

Como se pode perceber, historiar uma instituição educativa, tomada na sua pluridimensionalidade, não significa laudatoriamente descrevê-la, mas explicá-la reintegrá-la em uma realidade mais ampla, que é o seu próprio sistema educativo. Nesse mesmo sentido, implicá-la no processo de evolução de sua comunidade ou região é evidentemente sistematizar e re(escrever) seu ciclo de vida em um quadro mais amplo, no qual são inseridas as mudanças que ocorrem em âmbito local, sem perder de vista a singularidade e as perspectivas maiores. (OLIVEIRA; JÚNIOR, 2002, p.74).

No momento, detenho-me, apenas, na descrição laudatoriamente da escola, conforme os atores mencionaram, apesar de que iniciei a (re)escrita de seu ciclo de vida em um contexto mais amplo, através dos relatos orais sobre o tema educação pelos moradores do povoado. Este tema está na sequência didática deste trabalho. No entanto, ainda sobre a escola, cuido em relatar uma fatalidade histórica ocorrida em de 1º novembro de 2017. Neste sentido criei um subtópico para tal.

#### 4.2.1.1 O trágico incêndio da escola

Eu não poderia deixar de falar sobre esse acontecimento trágico ocorrido com a escola, fica em minha memória a lembrança de uma escola, linda! Apesar dos problemas políticos e pedagógicos, ela estava ali, completa, com as salas de aula funcionando com as turmas do 4º, 5º, 6º e 7º anos; além da biblioteca com o vai e vem de alunos escolhendo os livros; com as professoras auxiliando aos alunos na obtenção desses livros e, foram justamente estas salas que pegaram fogo! Ah...só restam lembranças que jamais esquecerei! E do fogo, consumindo tudo? Deixando toda àquela estrutura em cinzas... Como esquecer? Isto ficará em nossas memórias!

Diante deste cenário, uma professora lamenta:

Só hoje consigo falar da grande perda de ontem, quando as chamas de fogo destruíram a menina dos meus olhos na escola D.D.C., a biblioteca. Naquela sala pequena, bonita, viva, recheada de livros, colorida com os tons de cada um, vivi experiências e emoções que pude compartilhar muitas vezes com meus colegas. Nela, vi alunos iniciarem o gosto pela leitura, gravei na memória o brilho nos olhos e a satisfação em recontar obras. Naquele espaço me senti realizada como profissional, conseguindo em curto prazo incentivar o deleite, desenvolver a fluência e até fazer pais participarem desse processo e mudança de hábito. Ontem, presenciando a união de todos da comunidade escolar da Boca da Mata, tentando salvar documentos e materiais, vi a tristeza refletida na força dos braços de pais, alunos e funcionários, nas lágrimas derramadas daqueles que assim como eu, sabem que não perdemos apenas paredes, mesas, cadeiras, folhas, livros; perdemos dentro deles histórias, sonhos, imaginações encantamento e apropriações. Conforto-me lembrando que a chama do fogo não apagou e jamais apagará o conhecimento adquirido através das leituras. Tenho a certeza de que hoje, todos da comunidade escolar, não estamos apenas de luto pelos entes queridos, mas por Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, José Paulo Paes, Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Eva Funari, Tatiana Belinky, Sílvia Orthof, Esopo, Chico Buarque, Pedro Bandeira, Clarice Lispector...

De acordo com o portal Tnh1 e outras fontes (grupo de *Whatsapp* da escola e comentários dos moradores), este incêndio ocorreu no dia 1º de novembro de 2017 por volta das 6:00 da manhã. De acordo com as informações da assessoria de comunicação da Prefeitura de Atalaia, no local, estava apenas o segurança. Quando o fogo começou, alguns moradores ainda tentaram salvar objetos, mas a maior parte do mobiliário, estrutura e livros foi destruída pelas chamas. Somente duas salas de aula ficaram intactas após o incêndio do total de seis. Quatro salas de aula, uma biblioteca e uma outra sala ficaram completamente em cinzas.

O levantamento completo dos danos ainda está sendo realizado. Chegaram três viaturas e dez militares do Corpo de Bombeiros (CBM) para conter o fogo, mas infelizmente, estas salas já estavam totalmente comprometidas. Ninguém ficou ferido. Esta escola foi inaugurada em 2012 e fez parte do Programa da Reconstrução, após ser devastada na enchente de 2010. Este programa foi adotado para reconstruir as escolas afetadas pelas enchentes e foi executado com o comprometimento de vários órgãos dos governos estadual, federal e municipal. Essas escolas foram construídas de placas pré-moldadas com estrutura metálica.

Após o incêndio a escola ficou sem atividades pedagógicas por quinze dias. Diante desta situação foi realizada uma reunião com o secretário de educação, coordenadores de ensino, professores, alunos, funcionários e a comunidade; para decidir sobre o término do ano

letivo em curso e sobre o destino da escola. Nesta reunião, ficou acordado que adiantaríamos as aulas para finalizarmos o ano letivo antes do calendário regular, uma vez que não tínhamos salas para acomodar todas as turmas.

Sendo assim, utilizamos a sala dos professores, a sala da direção, o pátio e mais duas salas que restaram para concluirmos as aulas. Com isso, até duas séries ficavam juntas em uma mesma sala para garantir acomodação a todos. Quanto ao destino da escola, também ficou acordado que ela será, mais uma vez reconstruída, a partir deste ano de 2018 e de que, conforme prometido, iniciaremos este ano letivo, normalmente; já com a escola nova.

Diante do exposto, esclareço e me justifico quanto ao andamento da minha pesquisa, pois no momento da execução da sequência didática com meus alunos fui interpelada por esta situação. Entretanto, ainda, consegui juntamente a eles, coletar alguns dados em uma visita às casas.

A escola antigamente (a primeira escola construída na comunidade).



**Figura 28-** Pátio da escola  
Fonte:arquivo da escola



**Figura 29-** Frente da escola  
Fonte:arquivo da escola

A escola reformada antes do incêndio de 1º de novembro de 2017.



**Figura 30-** Salas de aulas  
Fonte:autora



**Figura 31-** Faixada da escola  
Fonte:autora



**Figura 32-** Pátio da escola  
Fonte:autora



**Figura 33-** Biblioteca da escola  
Fonte:TNH1

A escola após o incêndio:



**Figura 34:**-As salas de aulas em chamas  
Fonte:TNH1



**Figura 35:**-O interior das salas de aulas  
Fonte:TNH1



**Figura 36:**- As salas de aulas  
Fonte:TNH1



**Figura 37:**-Processo de reconstrução  
Fonte:diretora da escola



**Figura 38:**- Reconstrução das salas de aulas  
Fonte:diretora da escola



**Figura 39-** A escola reconstruída após o incêndio.  
Fonte:autora

#### 4.2.2 Os alunos

Conforme mencionado na introdução deste trabalho sobre a quantidade de alunos em cada segmento escolar, resumo que é um número pequeno de alunos em todas as turmas, somando uma média de 66 alunos no fundamental II.

Os alunos são todos moradores do povoado e, muitos deles estudam nesta escola desde pequenos. Iniciei o ano letivo de 2017 com uma turma de 18 alunos numa faixa etária mista, entre 12 e 16 anos. No momento, são apenas 10 alunos (4 meninas e 6 meninos), os demais desistiram e/ou foram transferidos.

Ao realizar o diagnóstico da turma solicitado pela coordenação, observei que 2 desses alunos não sabem ler e nem escrever e os demais com um nível de letramento considerado como adequado socialmente, muito abaixo do esperado para a série à qual eles estão. Estes alunos estão em um nível considerado pré-silábico na fase de alfabetização, pois eles não conseguem ler as sílabas mais complexas.

Sendo isto um agravante com interferência no desenvolvimento cognitivo desses alunos para o acompanhamento das aulas no 8º ano; foi proposto pela coordenadora que eles

fizessem reforço no período adverso às minhas aulas, mas esses alunos não estão frequentando o reforço. Com isso, encontro dificuldades para prosseguir com os conteúdos do planejamento anual e dos propostos pelo livro didático.

Durante o ano letivo passei um semestre trabalhando apenas leitura e produção textual para incentivá-los ao hábito da leitura e, assim, desenvolver neles os processos cognitivos e metacognitivos da leitura para alcançar melhoria no aprendizado destes alunos de uma forma geral, dado que quase todos possuem dificuldades de compreensão leitora. Nas aulas de leitura ou produção textual “esses alunos” deixam de participar porque não sabem ler nem escrever e com isso ficam ociosos, inquietos e distraem a atenção dos outros alunos.

Em geral, eles gostam de vir à escola, mas alguns chegaram a afirmar que não gostam de estudar e de que só vêm para a escola porque os pais os obrigam. São todos expansivos, indisciplinados e costumam se insultarem. Na sala de aula são passivos; reclamam de tudo; usam o celular para se distraírem e as vezes enfrentam os professores desrespeitando-os. Apesar da indisciplina, não há caso com drogas, mas há caso de gravidez precoce. Moram todos próximos à escola e eles tem-na como um ambiente de diversão; dificilmente faltam, entretanto a maioria não é participativa, não fazem as atividades solicitadas para casa e na sala de aula são quase que forçados a participarem sob ameaça de chamar os pais, de tirar pontos, de serem reprovados, e, ainda assim, não se importam.

Sobre as condições sociais deles, percebo que são de famílias humildes e de baixo poder aquisitivo, porém quase todos possuem celular ou computador em casa, visto que sempre estão utilizando os aparelhos e, também, de acordo com as minhas indagações a eles sobre quem possuía computador ou celular. Os meninos gostam muito de futebol, pois eles dizem que depois das aulas vão jogar bola; inclusive, alguns deles são matriculados na escolinha de futebol do Centro Recreativo Aloísio Chulapa, ex jogador de futebol.

Eles têm admiração por este jogador e se espelham nele como modelo de ascensão profissional e financeira. Alguns deles se justificam por não gostarem de estudar, com esta frase “não precisa estudar para crescer na vida, olha aí o Aloísio Chulapa não tem estudo e é rico”! Estas questões socioculturais me inquietam. Todos gostam das redes sociais.

Portanto, fiz uma melhor descrição das relações interpessoal e familiar deles, depois que eu ultrapassei as “fronteiras” da escola e fui ao encontro do outro, com a intervenção da pesquisa-ação. Esta descrição está na seção “análise dos dados”.



**Figura 40-** Os alunos do 7º ano e a professora  
Fonte:autora



**Figura 41-** Alunos fazendo a prova da OBMEP  
Fonte:autora



**Figura 42-** Alunos na sala de aula da primeira escola (antigamente)  
Fonte:arquivo da escola



**Figura 43-** Turma do 7º ano: A professora e os alunos em roda de leitura  
Fonte:autora

#### 4.2.3 A professora

Sou alagoana da cidade de Marimondo. Tenho 2 filhos e um neto. Sou professora desde 2003, antes mesmo de concluir o curso de Letras já ensinava em escolas particulares. Sou formada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e pós-graduada em Português e

Literatura (2005/2006) pela Academia Alagoana de Letras. Atualmente, trabalho em dois municípios (Atalaia e Satuba), nos quais eu sou concursada.

Após 10 anos sem estudar devido ao trabalho, à família, à falta de tempo, etc., tive desejo de voltar aos estudos, pois sentia-me acomodada e ultrapassada mesmo sabendo da necessidade de que o professor deve estar sempre se qualificando para melhor desempenhar seu ofício. Por isso, ingressei no PROFLETRAS para enriquecer e ampliar meus conhecimentos e aplicá-los às minhas práticas de ensino.

Alusivo a este tema não poderia deixar de falar sobre as minhas memórias dentro do contexto sociocultural educativo, no qual estou inserida, que conduziu-me a trilhar momentos desafiadores para chegar até aqui.

Lembro-me de que meus primeiros passos nesta longa caminhada deram-se na pequena e pacata cidade do interior, Maribondo, cuja cidade eu nasci. Estava já com 7 anos de idade quando ouvi a minha mãe dizer: - “Vá comprar um lápis e um ABC (livreto que continha as vogais, o alfabeto e algumas palavras)! Este foi o momento em que minha mãe mandou-me para ser alfabetizada na casa de uma conhecida (professora) em particular. O ABC, livrinho simples, mas de conteúdo importante para dar início a um grande relacionamento, o qual marcara uma linda trajetória de grandiosas conquistas para aquela menina que não imaginava o poder que haveria nesta relação.

Aprender a fazer aqueles traços, parecia-me difícil, pois, ainda, estava um pouco desajeitada para dominar aquela técnica de construir aqueles traçados, e, sem muita coordenação surgiam aquelas letras grandes demais para o papel, mas normal para um aprendiz. Cadernos de caligrafia eram necessários para melhorar a estética daquelas letras, porém a alegria de continuar nesta relação já era perceptível e se aprimorava com a vontade de fazer uso dela. Neste sentido,

o código ortográfico é o conjunto de correspondências grafema-fonema para a atividade leitora e fonema-grafema para a atividade escrita. A partir do momento em que a barreira fonema-grafema é rompida e o aprendiz descobre o poder da sílaba, um novo grau de consciência linguística emerge, revelando a habilidade de identificar palavras mais automaticamente: menor custo cognitivo e maior ganho para a atenção necessária para a compreensão textual per se. (ROSSA; PEREIRA, 2008, p. 49)

Então, com mais intimidade, aproprio-me desse código escrito para nesta relação fenomenal desenvolver as habilidades adquiridas neste processo de interação e aprendizado.

Assim, pude atender ao pedido de minha mãe quando me chamava para escrever uma carta para o meu irmão. Escrever cartas para minha mãe, para minha tia, para os paqueras (por causa destes levei uma surra ao escreve-lhes um bilhete...), os hinos da igreja, a lista de compras da minha mãe, a redação na escola... foram as minhas primeiras experiências com o uso da escrita para fins sociais, as quais, só contribuíam para fortalecer uma relação complexa, mas de prazer, visto que, ainda na 4º série do primário (hoje 5º ano), muitas cartas eu escrevi... lembro-me do cabeçalho... “Querido filho...” quanto aprendizado aquelas cartas alicerçaram!

[...] a leitura é uma habilidade que se desenvolve com a prática, pois o domínio dessa habilidade passa pelo domínio de procedimentos sucessivos (ou processamento) que se iniciam com o conhecimento do código linguístico escrito e de certas convenções relativas à língua escrita e aos textos e seus usos socioculturais que fazem deles em determinada comunidade. (SILVEIRA, 2015, p.10).

Lembro-me de um fato curioso quando ainda morávamos na cidade de Maribondo em que meu pai trabalhava de machante (açougueiro) nas feiras da região e, uma das feiras que ele ia era a feira no povoado Ouricuri, em Atalaia, por influência da Usina Ouricuri que outrora era uma das principais fontes para desenvolvimento socioeconômico e de trabalho daquele povoado, a qual atraía muitos comerciantes. Nesta época, eu era muito pequena, mesmo antes de ir para escola, e, após décadas depois da minha formação por ironia do destino ou por coincidências; ao passar no concurso público em Atalaia fui designada a dar aula neste povoado. Ao chegar no povoado, lembrei-me deste fato, visto que nunca havia ido naquele lugar e que fazia anos que saíra daquela região, mas que já o conhecia de algum modo em minhas memórias.

Estudei em vários lugares e escolas diferentes, pois os meus pais se mudavam muito, então, conheci e interagi socioculturalmente com várias culturas locais e regionais.

Minha formação escolar foi complexa, devido às mudanças da minha família. Contudo não ficava sem estudar, pois minha mãe se preocupava com o nosso estudo. Com isso, estudei a 1ª e a 2ª série num grupo escolar em um sítio próximo a cidade de Taquarana. Na cidade de Arapiraca, estudei a 3ª e a 4ª série do primário com professores que dão aulas particulares em suas casas (fundo de quintal). O ensino fundamental II (da 5ª a 8ª série), para se ter uma ideia, estudei em vários estados como em São Paulo, Tocantins e Alagoas.

Tudo isso aconteceu, devido às condições socioeconômicas da minha família, pois éramos pobres e meu pai procurava encontrar condições favoráveis para viver, em outros estados. Com estas idas e vindas de minha família de um lugar para o outro, contribuíram para desistências dos meus irmãos que não prosseguiram nos estudos, exceto eu.

Ainda lembrando da minha relação com as práticas escolares, - “Você parece uma professora quando escreve!”; - “Você tem um jeito especial ao pegar na caneta!” - dizia meu irmão ao observar quando eu estava a escrever. Ele não sabia de que mais tarde me tornaria uma professora. Ele também não sabia, mas o que ele queria dizer é que escrever exige técnica, domínio, conhecimento e habilidades. “[...] Afinal, para escrever, necessitamos de conhecimentos linguísticos, mas também precisamos ter conhecimentos enciclopédicos e textuais”. (OLIVEIRA, 2010, p. 113)

Na escola, os bons resultados e os elogios demonstravam a minha desenvoltura nas produções textuais e intrinsecamente os conhecimentos que envolvem a escrita se concebiam. Posto que na comunicação, lá está ela como um fenômeno linguístico presente em todos os gêneros, à qual serve de ferramenta para atender as relações sociais e ou pessoal. Lembro-me, ainda, no ensino fundamental alguém dizer: - “Você pode ser a redatora da turma!”, - “Você lê e escreve bem!” Não sei o que é escrever bem, sei que escrevo...

Em fim, chego ao ensino médio e, nesta época, eu morava com minha tia em São Paulo onde eu o concluí. Já casada, mudei-me para o estado do Tocantins onde fiz o vestibular para letras, apesar de no início não querer ingressar nesta área, pois o meu desejo era fazer advocacia. Entretanto, na cidade em que eu morava não tinha este curso e por conciliação entre o lugar e o nome do curso Letras em que eu tinha afinidade e achava “bonito”, optei por fazer, porém com a intenção de mudar quando eu tivesse oportunidade, e como não tive, acabei ficando..., ficando...

No segundo ano de letras, transfiro o curso para a antiga Fundação Universidade do Estado de Alagoas na cidade de Arapiraca FUNESA, hoje UNEAL, devido a problemas familiares. Por fim, no terceiro ano do curso, transfiro-o para a Ufal onde o concluo. Diante de tantos empecilhos sociais, econômicos, culturais e políticos enfrentados por mim ao longo da minha trajetória; resisti-os, porque sabia de que somente através dos estudos conseguiria conquistar o melhor para minha vida que é o conhecimento.

E é através deste conhecimento que cheguei ao curso de Letras na graduação, Academia Alagoana de Letras (pós-graduação) e ao PROFLETRAS (mestrado).

As cartas... naquele momento só lembrei-me das cartas que escrevia para minha mãe... “Escreva uma carta para os seus colegas (professores), convidando-os para um projeto de leitura em sua escola”. Este foi o comando para a produção de texto que me deu uma das melhores classificações na prova discursiva para o ingresso no PROFLETRAS!

#### 4.2.4 A comunidade

Pelo fato de a escola também ficar à margem da rodovia, nunca adentrara ao povoado, senão na rua principal que fica aos fundos da escola em tempo de inverno, porque pela frente da escola o acesso fica comprometido devido às chuvas. Então, ao iniciar este processo através desta pesquisa com abordagem da pesquisa-ação, extrapolei os muros da escola e juntamente aos meus alunos fomos para algumas moradias para principiar as entrevistas com os moradores deste povoado.

No entanto, todos os moradores entrevistados moram nesta mesma rua que dá acesso à escola. Ademais, tive a oportunidade de conhecer com meus alunos os arredores através de uma visita à comunidade em cumprimento a um dos passos da sequência didática proposto neste projeto. Portanto, tomando as características da abordagem etnográfica dentro deste contexto de pesquisa exposto, tomei como base as três dimensões da abordagem etnográfica: “O saber ver”, “o saber estar com” e “o saber escrever”. Para o “saber ver” Fritzen explica:

O pesquisador, que inevitavelmente leva ao campo de investigação seus valores, crenças, sua visão de mundo e sua ‘paisagem ontológica’ [...] o olhar de fora e de longe num movimento permanente e reflexivo, a fim de estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho. (FRITZEN, 2012, p. 58).

Para a autora, o “Saber estar com” significa que o pesquisador deve saber estar com os sujeitos envolvidos nesse espaço, de forma que a sua presença seja aceita e que ele não se sinta no campo como “um inútil, importuno, estúpido”; ou seja, deve-se saber estar com os atores do processo e consigo mesmo, numa troca de identidades. E para o “saber escrever” requer, segundo a autora, a sensibilidade cultural do pesquisador e sua habilidade em traduzir as ações pessoais por meio da escrita.

O povoado Boca da Mata é um povoado pequeno, mas está em crescimento, pois vem se transformando a cada dia, através de novas moradias, novos comércios e novas infraestruturas como o calçamento em algumas ruas, posto de saúde, etc. Nele tem uma escola municipal, três igrejas: uma católica e duas evangélicas, posto de gasolina com restaurante. Também, ele está dividido em duas comunidades a “Boca da Mata” que é a parte mais desenvolvida e a “Sucupira” que é menos favorecida por ser periférica. Com isso, há uma distinção entre os próprios moradores, a qual repercute no comportamento dos alunos na escola, visto que se insultam e destilam bullying uns aos outros.

Neste povoado, ainda moram os descendentes dos primeiros habitantes destas terras, os quais têm maior relevância de status entre os moradores, principalmente na arquitetura das casas e na infraestrutura de seus arredores, pois um dos moradores, descendente, foi prefeito da cidade de Atalaia e, com isso, segundo o seu relato oral, a maior parte dos investimentos feitos ao povoado foi durante o seu mandato.



**Figura 44-** Centro da comunidade – Rua principal  
Fonte:autora



**Figura 45-** Igreja Católica da comunidade  
Fonte:autora



**Figura 46-**Rua principal e acesso aos fundos da escola  
Fonte: autora



**Figura 47-** Posto de gasolina do povoado  
Fonte: autora



**Figura 48-** Povoado Boca da Mata  
Fonte: autora



**Figura 49-** Igreja Assembleia de Deus do Povoado Boca da Mata  
Fonte: autora



**Figura 50-** Povoado Boca da Mata  
Fonte: autora



**Figura 51-**Povoado Boca da Mata/Sucupira  
Fonte: autora

### 4.3 Procedimentos de geração de registros

Na abordagem qualitativa é importante o *autoexame* por meio do acompanhamento e a releitura dos diários de campo e a *reflexividade*. Para Street (2014), os procedimentos metodológicos para a geração de registros (dados), assinalam que o trabalho de campo se constitui por um processo constante de observação, anotação, leitura, reflexão, etc.

Para estes procedimentos de geração de registros, além de utilizar o *autoexame* e a *reflexividade*, elementos essenciais na abordagem qualitativa, utilizei também os principais instrumentos para geração e coleta de dados, os quais envolvem: a observação participante, diário de bordo, entrevista, gravações em áudios e vídeos, fotografias, narrativas e descrições feitas pelos alunos e rodas de conversa. Os quais explicarei a seguir:

a) Observação/ participante – é a partir desta observação que surge a interação com a realidade a ser estudada. Essa interação permitiu à minha aproximação como pesquisadora com os autores sociais que analisei. Através do meu convívio e da interação neste contexto social escolar é que pude me aproximar e perceber os problemas que elenquei anteriormente e chegar ao tema desta pesquisa. Entretanto, ainda, não foi o suficiente para desenvolvê-la; contudo precisei de mais aproximação e de mais observação desses atores em relação ao assunto proposto ao qual foi estudado.

b) Diário de bordo – Fundamental para registrar todas as minhas observações. Ao iniciar este projeto tive orientação de utilizá-lo em meus registros e desde o início do esboço deste trabalho até ao final ele me auxiliou.

c) Entrevista – Permitiu conhecer fatos específicos dos acontecimentos investigados e esclarecer alguns questionamentos pertinentes à pesquisa. De acordo com Oliveira & Castro (2008), as entrevistas são textos interativos em que há o de quem pergunta e o de quem responde, através de um tema ou um assunto a ser seguido conforme o objetivo da pesquisa. “Há também a entrevista com a finalidade de pesquisa, nesse caso, entrevista-se pessoas de um certo lugar para saber a opinião delas sobre determinado assunto”. (OLIVEIRA; CASTRO, 2008, p. 137).

d) Gravações em áudios e vídeos - importante recurso para registrar e recuperar os eventos programados ou não como fonte de apoio para o desenvolvimento deste processo.

e) Fotografias – Outro recurso que comprova e auxilia na descrição dos eventos, dos objetos ou da situação que, em geral, pode ressaltar ou apresentar.

f) Narrativas e descrições feitas pelos alunos – Foram estas produções que cimentaram a análise do contexto social deles. Visto que eles produziram textos dentro do gênero literário “memórias” para falar das memórias do lugar onde vivem. Também, através de fotografias, apresentaram o povoado atualmente. A partir destas narrativas socioculturais e das fotografias, os alunos produziram e ilustraram o livro intitulado: “Boca da Mata: um povoado em construção”.

g) Rodas de conversa: Um meio importante para a interação professor/aluno e para dar voz a todos. Ao iniciar este projeto fiz várias rodas de conversa e percebi que eles ficaram muito à vontade para falar do lugar onde moram. Percebi também que gostaram das aulas que tornaram-se dinâmica e interativa. Foi através destas rodas que pude conhecer um pouco sobre o contexto social deles, o qual já apresentei neste projeto.

#### **4.4 Sequência didática**

Iniciei esta fase da pesquisa quando busquei fontes para compor o anteprojeto. Não obstante, dei continuidade a esta sequência didática através dos seguintes procedimentos: Exploratória ou de sondagem e aplicação didática.

Para desenvolver estes procedimentos, tomei com base as informações e/ou as orientações do “Caderno do Professor-orientação para produção de textos – Se bem me lembro...”- CENPEC, o qual traz além da sequência didática como eixo do ensino da escrita, traz outras orientações didáticas para produção de textos narrativos como o gênero memória literária; traz uma sequência didática com exemplos de oficinas para aplicação desta sequência; traz orientações para a formulação e aplicação das entrevistas; traz orientações para o trabalho com fotografias e também recheia todas essas sequências com textos alusivos a cada gênero trabalhado.

Neste sentido:

A apresentação da situação de comunicação, a formulação clara das instruções para a produção e a explicitação das tarefas escolares que terão de ser realizadas, antes de se redigir o texto [...], são condições essenciais para o seu êxito. Entretanto, é mais importante ainda o trabalho de preparação para a produção durante a sequência didática. (ALTENFELDER; ALMEIDA, 2014, p.13 – CENPEC).

Ainda para os autores, o professor deve preparar o aluno para que aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação mais sólida com o saber e com a cultura, visto que o ensino da escrita continua sendo fundamental para se trabalhar seus usos e normas, bem como sua adaptação às situações de comunicação.

#### 4.4.1 Exploratória ou de sondagem

Foi através deste procedimento que empreguei o “saber estar com” para aproximar-me dos autores em questão e atingir o objetivo esperado na exploração dos dados. Iniciei este processo, a partir da interação com meus alunos, motivo pelo qual me levou na escolha deste tema.

##### 4.4.1.1 Observação participante na sala de aula e fora da sala de aula.

Esta etapa possibilita a interação com os atores da pesquisa, bem como, favorece detectar os problemas a serem estudados, e assim, projetar e colocar em prática as atividades que nortearão a realização desta.

### Rodas de Conversa

Aulas	Sala de aula / rodas de conversa.
Objetivos	Aproximar professor/pesquisador com os sujeitos autores para adentrar no assunto a ser explorado.
Conteúdo	Abordagem interativa sobre o contexto a ser estudado (o povoado Boca da Mata, Atalaia/AL: a história, as famílias, o trabalho, a educação e as brincadeiras e ou diversões.)
Metodologia	Aula expositiva, oral e dialógica (Comentários feitos por eles e explicação da professora sobre como desempenhar as atividades.
Avaliação	Apreciação e interesse dos alunos pelo tema abordado.
Procedimentos de geração de registros	Gravação de áudio e diário de bordo

Fonte: Autora, 2018.

Nesta etapa da sondagem, a ação para dar início a pesquisa, se deu da seguinte forma: em uma das minhas aulas, reuni os meus alunos em círculo na sala de aula e expus o assunto em questão, expliquei a eles sobre este projeto e que eles participariam juntamente comigo desta pesquisa como atores dela. A primeira reação deles foi de euforia em relação à saída da sala de aula para os procedimentos de geração de registros e a segunda reação foi de questionamentos sobre os objetivos de se fazer esta pesquisa.

Neste primeiro encontro com meus alunos fiz uma primeira sondagem sobre o povoado, sobre os moradores mais antigos da comunidade, se eles os conhecia, etc. Também ainda falei das etapas do processo, de como iríamos proceder, das entrevistas, do uso do celular para gravar as entrevistas, etc. Com isso, a medida que o tempo ia se passando, eles começavam a indagar “professora a gente vai sair quando para fazer as entrevistas?”

Ainda nesta etapa, passei a sondar a escola através da direção, da coordenação e dos outros professores. Em uma conversa ou outra eu ia colhendo dados para situar-me e embasar-me enquanto pesquisadora e, também falar-lhes desta pesquisa, os quais acharam-na interessante como projeto para a escola e apoiaram-me. Através da coordenadora que é também moradora da comunidade, tive acesso às algumas informações sobre a escola

(fotografias, contexto, etc) e sobre a comunidade (como era antes e na indicação de alguns moradores mais antigos).

#### 4.4.2 Aplicação didática

As etapas adotadas para esta fase, foram divididas em quatro etapas: entrevistas (ida ao campo), narrativas, fotografias, oficinas literárias para produção/ilustração do livro e culminância do projeto.

4.4.2.1 Primeira etapa - Entrevistas – Subdivididas em 2 momentos: No primeiro momento, os grupos de alunos fizeram entrevistas aos moradores e no segundo momento a professora aos alunos. Para abordagem desse gênero, tomei por base o texto “Gênero entrevista” de Oliveira e Castro (2008) e Altenfelder e Almeida (2014 – CENPEC).

De acordo com Oliveira e Castro (2008), as entrevistas são textos interativos em que há dois turnos de fala: o de quem pergunta e o de quem responde. Elas costumam ter um tema ou um assunto a ser seguido de acordo com o objetivo.

##### Entrevista – momento 1 – Alunos entrevistadores

Os alunos fizeram entrevistas aos moradores mais antigos do povoado para resgatar as histórias do passado através de suas memórias. Este procedimento viabilizou o conhecimento, assim como a interação dos mais jovens com os mais velhos. Também tem o propósito de fazer com que os jovens conheçam a história do lugar onde vivem por meio do olhar desses moradores. Para Altenfelder e Almeida (2014 – CENPEC), esses moradores são pessoas comuns que construíram e constroem a história, e que os mais jovens valorizem as experiências deles, descobrindo-as como parte de sua identidade, pois para os idosos os ouvintes atentos podem significar reconhecimento e admiração de seus valores.

Aulas	Elaboração do questionário, entrevista e memórias.
Objetivos	Planejar e realizar as entrevistas para colher os dados do contexto histórico e social da comunidade para produzir as narrativas com gênero, memórias.
Conteúdo	Entrevistas, memórias do povoado e seu contexto social.
Metodologia	Explanação oral e escrita de como fazer as entrevistas. Explicar sobre o gênero “entrevista e memórias”, elaborar com eles um questionário para eles entrevistarem os pais ou pessoas mais velhas sobre como era o povoado anteriormente.
Avaliação	Será atribuído uma pontuação para a complementação da nota bimestral. Avaliar a produção e o trabalho desenvolvido nesta atividade.
Procedimentos de geração de registros	Questionário para entrevista, uso do celular para gravar o áudio.

Fonte: Autora, 2018

Nesta etapa, na aula, fiz uma abordagem sucinta sobre o gênero memória, visto que este assunto ficou para a próxima etapa, logo depois, abordei sobre o gênero entrevista e expliquei como produzi-la. Após a explicação, dividi a turma em cinco grupos para a elaboração das questões de entrevista e, com eles dividimos as entrevistas em cinco temas, sendo que cada grupo ficou com um desses temas. Os quais ficaram da seguinte forma: 1º- origem e transformações físicas do povoado; 2º- memórias da família; 3º- memórias do trabalho; 4º- memórias da escola e 5º- memórias do modo de viver, brincadeiras e/ou diversões.

1º - Grupo ou G1 - Origem e transformações físicas do povoado.

- a) Como o povoado surgiu e qual a origem do nome “BOCA DA MATA/SUCUPIRA”?
- b) De onde vieram os primeiros habitantes e/ou quem morava antes?
- c) Como eram as casas, as ruas, praças e/ou as construções (igrejas, escolas, posto de saúde, supermercados, feiras livres, postos de gasolina, etc)?
- d) Houve algum acontecimento que marcou a história do povoado?
- e) Há muita diferença do povoado de antigamente para o de hoje?

2º - Grupo ou G2 - Memórias da família.

- a) Como era a relação dos filhos com os pais? (O comportamento, etc)
- b) Como era o namoro/ casamento na sua época?
- c) Como era a educação familiar? (O que podia/ou não podia fazer?)
- d) Qual a diferença das famílias de antigamente para as famílias de hoje?

3º - Grupo ou G3 - Memórias do trabalho

- a) Qual era o trabalho dos seus pais?
- b) O que as pessoas faziam para sobreviver?
- c) Qual era a fonte de trabalho? (Comércio, fábrica, fazendas, etc?)
- d) Qual a diferença do trabalho de antigamente para o de hoje?

4º - Grupo ou G4 - Memória da Escola

- a) Como as crianças frequentavam a escola?
- b) Como era a escola/ educação na sua época?
- c) O senhor(a) e seus irmãos estudaram até que série?
- d) O senhor(a) gostava de estudar?
- d) Há muita diferença da educação escolar de antes para a de hoje?

5º - Grupo ou G5 - Modos de viver no passado, brincadeiras e/ou diversões e festas religiosas.

- a) Como eram as brincadeiras e diversões na sua infância?
- b) Como eram festejadas as datas comemorativas (páscoa, São João, dia dos pais/mães, dia das crianças, natal, etc.)?
- d) Como eram as festas religiosas?
- c) Como era o modo de se vestir, fazer compras, passeios, viagens, etc?
- d) Há muita diferença das diversões de antigamente para as de hoje?

Após esta aula, com os grupos e os temas definidos, pedi-lhes que investigassem no povoado os moradores mais antigos. Na aula seguinte, ao requerer deles a investigação dos nomes ou se eles sabiam quais seriam os moradores a serem entrevistados, alguns reagiram negativamente dizendo que os moradores mais velhos da comunidade havia falecidos e os outros estavam impossibilitados de falarem por motivo de doenças.

Então, percebi que eles estavam desinteressados e dificultando o processo para agirem com a ação interventiva. Com isso, busquei apoio da diretora adjunta e da coordenadora da

escola, visto que ambas são moradoras do povoado desde aos seus nascimentos. Elas foram solícitas e, logo, indicaram vários moradores.

Na sala de aula, reuni cada grupo para prepará-lo para a entrevista, fiz simulação de como seria a abordagem e orientei-os de como conduzir a entrevista para obter as respostas desejadas. “Lembre aos alunos que é fundamental criar um clima de respeito e conquistar a confiança do entrevistado. Ele precisa se sentir à vontade para contar suas lembranças”. (ALTENFELDER; ALMEIDA, 2014, p. 105 – CENPEC).

De acordo com Fritzen (2012, p. 57). “o papel do etnógrafo passa a ser fundamental na busca de compreensão das interpretações dos sujeitos do grupo pesquisado”. Desse modo, no que diz respeito a ir ao encontro do outro em busca dos dados que alicerçaram esta pesquisa é que apoiei-me em alguns fundamentos da etnografia.

Nossa ida ao campo:

Ainda na sala de aula, fiz as últimas orientações, certifiquei-lhes sobre os celulares, se estavam com as baterias carregadas, o questionário das entrevistas, etc. Registramos esse momento através de fotografias e saímos. A reação dos alunos foi de satisfação e entusiasmo. Na rua, fui direcionando cada grupo às moradias dos entrevistados e, ao chegar em cada casa eu me apresentava, e também apresentava o grupo e os deixava com os moradores. Em geral, os moradores foram bem receptivos e se dedicaram em atender cada grupo.

Permaneci com eles no campo durante toda manhã e, em especial na casa do Sr. Sebastião (seu Batalha), porque foi a última casa em que fiquei com os grupos G3 e G4, pois ficaram dois grupos para este mesmo morador, entretanto, o Sr. Batalha respondeu sobre todos os temas, dado que ele é o morador mais antigo da comunidade, pois quando lhe era questionado sobre um determinado tema, ele se lembrava dos acontecimentos guardados em sua memória. Ele não obedecia uma ordem cronológica e nem se atinha apenas a um acontecimento, mas a um conjunto de fatores que o levou a construir àquelas memórias relacionadas. (seção Relatos Orais).

Sobre este tipo de memória, “Sabemos também que ela nunca se apresenta de maneira ordenada ou cronológica, pois funciona através de associações livres entre as vivências e fatos do passado”. (VON SIMSON, 2006, p. 5). Ainda nesta casa, os moradores ficaram muito à vontade com a nossa presença e também nos deixaram à vontade. Percebi que eles (o sr. Batalha e a esposa) sentiram-se privilegiados e entusiasmados para falarem sobre suas

histórias. Detalharei mais sobre as entrevistas na próxima seção, com o Feedback dos alunos sobre a pesquisa interventiva.



**Figura 52-** Grupos G3 e G4 em entrevistas na residência do Sr. Batalha e da dona Dulcinete  
Fonte: autora



**Figura 53-** Grupo G2 em entrevista na residência da Sra. Maria Alda  
Fonte:alunos



**Figura 54-** Colhendo fotografias antigas na casa da D. Dulce  
Fonte: autora



**Figura 55-**Colhendo fotografias antigas na casa da D. Dulce  
Fonte: autora

### Entrevista – momento 2 – *Feedback* com os alunos

A pesquisadora fará uma entrevista aos alunos, os quais deverão responder a um questionário para informar o resultado após a ida a casa dos moradores.

Aulas	Entrevista feita pela professora aos alunos após os procedimentos de coleta de dados em entrevistas aos moradores do povoado Boca da Mata - Atalaia/AL.
Objetivos	Obter o <i>Feedback</i> do processo, e saber o grau de relevância para eles e para mim (pesquisadora). Elencar esta pesquisa nas considerações finais.
Conteúdo	Questionário respondido sobre o trabalho deles no campo de pesquisa.
Metodologia	Far-se-á uma roda de conversa para a socialização dos trabalhos, com perguntas informais e depois aplicarei o questionário escrito.
Avaliação	Pontuarei o desempenho deles quanto ao desenvolvimento no processo de pesquisa (entrevista) e a importância deste para eles.
Procedimentos de geração registros	Questionário, uso do celular, diário de bordo e roda de conversa.

Fonte: Autora, 2018.

Com o objetivo de obter o Feedback do processo, e saber o grau de relevância para os alunos e para mim (pesquisadora), elencar dados para a análise e as considerações finais desta pesquisa, elaborei o seguinte questionário:

Questões de entrevista professor/aluno: Para todos os grupos.

- 1 - O que você(s) acharam em fazer esta pesquisa interventiva?
- 2 - Falem como vocês fizeram para entrevistar as pessoas e qual o material que vocês utilizaram.
- 3 - Vocês encontraram alguma dificuldade para executar este trabalho? Se encontram, digam quais foram.
- 4 - Falem sobre a reação dos moradores sobre esta pesquisa e, de como eles procederam durante a entrevista.
- 5 - As perguntas planejadas propiciaram relatos interessantes sobre o tema focalizado?

6 - O que acharam em conhecer as histórias antigas do lugar, os costumes, as lembranças diferenciadas de antigamente para as de hoje? Qual a importância desses relatos para vocês?

7 - O que mais chamou a atenção do grupo sobre o seu tema nesse relato? (para cada grupo).

8 - Gostariam de fazer outras atividades extraclasse? Quais?

Antes de os alunos responderem a este questionário, socializei com eles o capítulo dos relatos orais através da leitura de um dos alunos, o qual ficou muito entusiasmado com o resultado das narrativas, assim como toda a turma.

#### 4.4.2.2 Segunda etapa – Gênero narrativo – Memórias

Os relatos orais dos moradores mais antigos do povoado servirão de matéria-prima para os alunos, através do gênero narrativo produzir um livro contando a história do povoado Boca da Mata. Esse gênero, segundo Oliveira e Castro (2008), tem a intenção comunicativa de narrar, contar alguma coisa que aconteceu ou não, ou seja, contar uma história real ou fictícia.

Aulas	Gêneros literários - Memórias
Objetivos	Levar o aluno a conheça sobre a variedade de gêneros, em especial, <u>memórias</u> , visto que, eles irão utilizá-las para fazer o trabalho proposto.
Conteúdo	Memórias da infância, no povoado, dos pais ou das pessoas mais velhas moradoras deste povoado. Leitura dos textos sobre o gênero memória do caderno da Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo para o Futuro.
Metodologia	Após a coleta de dados dos alunos com as entrevistas, explicar como eles irão reproduzi-las em textos narrativos. Exposição oral e escrita sobre os gêneros. Videoaula e explanação mais detalhadas. Produção de um texto sobre as memórias deles como exemplo para a produção da <u>memória</u> do povoado em análise.
Avaliação	Avaliar o trabalho realizado: como a participação e interação dos alunos neste processo. Atribuir uma pontuação como complemento de nota.
Procedimentos de geração de registros	CD, produção textual, rodas de conversa e diário de bordo.

Fonte: Autora, 2018.

Nesta etapa, em sala de aula abordei sobre o gênero narrativo e suas características, expliquei-lhes sobre o gênero memórias literárias, li alguns trechos de informações de narrativas literárias e de textos literários do caderno do professor – orientação para produção de texto – CENPEC (2014): Introdução ao gênero; Toda memória tem uma história; As histórias têm memórias; Memórias literárias na Olimpíada, (p. 16 a 20). Em seguida solicitei-os que produzissem um texto narrativo sobre as memórias deles como exemplo, com a finalidade de prepará-los para a narração dos relatos orais para o texto escrito.

Após este momento, iniciamos a etapa das transcrições das entrevistas em áudio para o texto escrito. Este foi o momento mais trabalhoso do processo: os áudios ficaram quase inaudíveis, que ocasionaram um desinteresse por parte dos alunos, porque com o barulho da sala de aula e até mesmo do ambiente escolar não dava para eles ouvirem claramente; alguns celulares estavam descarregados, o que fez com que alguns alunos fossem em casa buscar o carregador para então fazer a transcrição, etc.

Com isto, fiquei estressada e cancelei a atividade na sala de aula e pedi para eles transcreverem em casa, pois eles ficariam mais à vontade, visto que era mais silencioso e facilitaria a audição deles. Antes porém, expliquei-lhes como transcrever e iniciei coletivamente com eles um pequeno trecho de um dos áudios e fui escrevendo no quadro para demonstrar como seria. Nesta etapa de transcrição, orientei-os que transcrevesse tudo conforme o áudio (colocando a fala do entrevistador e a do entrevistado).

Na aula seguinte, retomo à sequência didática e, dos cinco grupos, somente um grupo havia feito a transcrição em casa (do áudio ao texto escrito), os demais não fizeram. Ouvi muita reclamação deles como: “o áudio não prestou não!”; “ah... eu deixei o meu celular em casa e não consegui fazer”! Então ao ouvir estes comentários negativos, fiquei decepcionada com a desmotivação deles e por alguns momentos fiquei angustiada sem saber o que fazer, visto que era o último dia de aula antes do recesso escolar do ano em curso.

Neste momento de frustração, eu fui insistente e propus a eles que fossem buscar os celulares em suas residências para fazerem a atividade proposta. relatei o ocorrido a coordenadora e ela os autorizou a voltarem em suas casas para pegarem os celulares e que eles deveriam fazer aquela atividade ainda naquela manhã. Diante disto, fiz uma mobilização total: foram buscar os celulares com as gravações; separei os grupos e coloquei alguns alunos no pátio da escola (para facilitar as audições); emprestei meu fone de ouvido; fiz audições

com eles, ajudando-os em alguns trechos das entrevistas; e ao final do turno quase todos entregaram-me os textos. Estes textos, como uma “pedra bruta”, os quais serão lapidados com a continuidade desta sequência didática (anexos A ao E). Entretanto, consegui fazer o texto narrativo intitulado “Relatos Oraís: o povoado Boca da Mata conduzido pelas memórias dos seus habitantes” a partir das transcrições dos textos dos meus alunos. (seção 5).

#### 4.4.2.3 Terceira etapa – Fotografias

Nesta etapa, os alunos e a pesquisadora sairão para fotografar o povoado, conhecer os locais frequentados ou não por eles para que observem os detalhes desses locais onde eles vivem e os apreciem como significativo, atraente e interessante.

Aulas	Fotografias dos principais locais do povoado.
Objetivos	Registrar os principais locais do povoado, os quais são mais frequentados e comentados por eles. Coletar dados sobre estes locais para análise e para compor a ilustração do livro sobre o povoado Boca da Mata..
Conteúdo	Gênero fotográfico (fotografia amadorística)
Metodologia	Roda de conversa interativa para explicação de como selecionar e registrar os principais locais do povoado. Uso de <i>Selfies</i> .
Avaliação	Avaliar o trabalho juntamente a eles. Selecionar as melhores fotografias para ilustração do livro produzido. Atribuir pontuação para complemento de nota.
Procedimentos de geração de registros	Uso do celular para fotografar, digitalizar todas as fotos selecionadas e diário de bordo para registrar essas atividades.

Fonte: Autora, 2018

Esta foi a melhor fase do processo, foi a fase mais esperada por eles, os quais estavam ansiosos para irem fotografar e a todo tempo me questionavam: “Professora, quando vamos tirar as fotos que a senhora falou”? Então, saímos para conhecer e fotografar o povoado: ruas, pontos comerciais, igrejas, posto de saúde, praças, campo de futebol, etc. A coordenadora da escola também nos acompanhou. Foi uma aula extraclasse muito proveitosa, inclusive para mim (pesquisadora), pois adentrei na realidade social deles (meus alunos).

Eles, apesar de conhecerem cada pedacinho daquele lugar, estavam radiantes de alegria por estarem fazendo algo diferente de seu cotidiano escolar e felizes por nos mostrar o

seu lugar. Entretanto, observei que eles tinham um lugar especial em que eles queriam se fotografarem que era o gramado e, ao chegarmos lá, ficaram eufóricos e cada um fazia uma pose “vou colocar no face!” Eles tiraram várias fotos neste lugar com o intuito de postarem nas redes sociais. Realmente, o gramado é lindo! É uma vasta área de terra nas mediações do povoado e a grama é toda verdinha. Eles dizem que quase todos os jovens do povoado gostam de ir lá para tirarem fotos.



**Figura 56-** Turma do 8º ano Fonte: autora



**Figura 57-** Turma do 8º ano Fonte: autora



**Figura 58-** Turma do 8º ano  
Fonte: autora



**Figura 59-** Turma do 8º ano às margens do povoado  
Fonte: autora



**Figura 60-** Turma do 8º ano no gramado  
Fonte: autora



**Figura 61-** Turma do 8º ano na Sucupira  
Fonte: autora



**Figura 62-** Turma do 8º ano na Sucupira  
Fonte: autora



**Figura 63-** Praça da bíblia  
Fonte: autora

#### 4.4.2.4 Quarta etapa - Oficinas literárias: produção e ilustração do livro “Boca da Mata: um povoado em construção”

Esta etapa foi relevante para se alcançar o resultado final deste processo e obter êxito diante do que fora planejado dentro da sequência didática para esta pesquisa. Ela foi desenvolvida com a finalidade de apresentar uma produção literária com as narrativas sobre as memórias socioculturais do povoado. Do mesmo modo, trabalhar a escrita através da refacção dos textos, a artística com as ilustrações e a dinâmica nas aulas de Língua Portuguesa.

Logo após as coletas dos dados, a transcrição do áudio das entrevistas, a produção das entrevistas em textos narrativos (relatos orais) e a socialização da leitura desses relatos orais na íntegra com todos os temas: a origem, o trabalho, a família, a escola e as brincadeiras e diversões iniciamos a produção literária para a construção do livro. A escolha desta atividade justifica-se por ser uma atividade lúdica e dinâmica que interage com a escrita através das narrativas produzidas por eles mesmos a partir dos relatos orais.

Nesta direção, “os procedimentos devem partir do mais real, do mais próximo possível do cotidiano dos alunos, pois ensinar e educar implicam responsabilidades: pedagógica, política e ética, dentro e fora da escola”. (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2012, p. 316 apud FONSECA, 2017, p. 102).

No primeiro momento houve a recusa e o falatório deles “Oxe, e como é que vamos fazer esse livro, hein”? “A gente não sabe não professora”? Contudo, intervi, pois como sempre toda atividade proposta a eles é motivo de recusa. Então, iniciamos o processo e todos os alunos participaram: uns escreviam, outros desenhavam e outros pintavam. Houve interação, comprometimento e ajuda mútua, afinal, a produção era da turma como um todo e não de grupos isolados.

A escolha do título do livro foi deles, em vista disso, propus uma votação entre eles para a escolha do título e surgiram três: “Boca da Mata: um pedacinho do Brasil”, “Boca da Mata: um povoado em transformação” e “Boca da Mata linda...” Assim, o título escolhido para o livro foi “Boca da Mata: um povoado em transformação”, a apresentação do livro todos fizeram-na individualmente, porém escolhi a do aluno W. M e ajustei-a com trechos das produções dos demais alunos. No final da produção, eles mesmos fizeram as considerações finais. Foram aproximadamente 16 aulas em oficinas, visto que eles só produziam em sala de aula.

Finalizado a produção manuscrita do livro (anexos U e V), fiz alguns ajustes na ortografia e em alguns termos sintáticos, bem como na organização dos textos, o qual foi digitalizado e impresso por mim. Eles ficaram felizes com o resultado antes mesmo de verem o livro pronto (impresso e encadernado) e ficaram na expectativa, sempre perguntavam-me: “Cadê o nosso livro professora”? “Vai trazer ele quando?” No momento em que eu trouxe o livro, eles ficaram muito felizes e cada um queria pegar, olhar os desenhos, ler um pouquinho... amaram o resultado e percebi que ficaram orgulhosos em ver o trabalho deles, ali, naquele livro! Inclusive levei também um livro meu, “Spike o gato brigão” que eu havia feito para a disciplina de literatura infantil, ministrada pela professora Dra. Lígia Ferreira como exemplo e fiz a leitura dos dois livros para eles. Eles gostaram muito e quando perguntei qual dos livros eles gostaram mais, eles responderam que gostaram mais do livro deles porque foram eles quem o fizeram.



**Figura 64-** Aluno lendo os relatos orais  
Fonte: autora



**Figura 65-** Alunos produzindo o livro  
Fonte: autora



**Figura 66-** Alunos produzindo o livro  
Fonte: autora



**Figura 67-** Alunos produzindo o livro  
Fonte: autora



**Figura 68-** Alunos ilustrando o livro  
Fonte: autora



**Figura 69-** Alunos ilustrando o livro  
Fonte: autora



**Figura 70-** Alunos ilustrando o livro  
Fonte: autora

#### 4.4.2.5 Quinta etapa - Culminância do trabalho em equipe

A culminância deste trabalho aconteceu em consonância com a proposta do projeto da escola, “Valorizando e respeitando o lugar onde vivo”, o qual surgiu a partir da sugestão em envolver toda a escola e, precisamente, o ensino fundamental II em associar um projeto interdisciplinar, fundamentado nas memórias socioculturais do povoado (objeto da pesquisa) como incremento de inovação das práticas pedagógicas.

Nesta direção, cada professor trabalhou uma atividade diferente com sua turma: 4º/5º anos - uma música; 6º ano – poemas; 8º ano – o livro; 9º ano – uma peça teatral e uma maquete do povoado; todos os trabalhos foram ancorados nas memórias do povoado Boca da Mata, através dos relatos orais colhidos pelos alunos através de entrevistas gravadas em vídeos, os quais foram transcritos em textos narrativos e registrados nesta dissertação.

Neste dia, estiveram presentes algumas pessoas da comunidade, as quais representaram ou ainda representam alguma influência política/social no povoado, assim como no município de Atalaia/AL: como o sr. Batalha e esposa, ex-prefeito e um dos descendentes dos primeiros moradores daquelas terras e, também, um dos principais contribuintes dos relatos orais sobre as memórias socioculturais do povoado. Este foi o fundador da escola, visto que, a origem dela se deu na casa do seu avó (seção 5); também estiveram presentes: a primeira diretora da escola; uma professora que foi aluna da escola e que hoje é mestra e diretora em outra escola do município; a comitiva da secretaria de educação e outras pessoas relevantes.

Ao iniciar a culminância do projeto, foi composta uma mesa com estes convidados; cantamos o hino nacional brasileiro; o sr. Batalha deu seu depoimento e relatou ainda um pouco de algumas memórias; outros componentes da mesa também tiveram a palavra; os grupos se apresentaram e houve a exposição de um painel com as fotos do povoado; exposição de uma maquete da escola; exposição de cartazes com os poemas.

Durante a semana da culminância do projeto, o qual envolveu toda escola, os outros professores também fizeram aulas extraclasse e levaram suas turmas para o campo onde eles jogaram bola e fizeram outras brincadeiras como jogos e contação de história sobre o povoado, relatos pessoais de uma professora e moradora do povoado desde a sua infância. Foi

muito contagiante a proposta de envolver toda a escola neste projeto. Houve uma interacionalidade por parte de todos (alunos, professores, diretor, coordenador e moradores).

A culminância foi filmada pela equipe de jornalismo do site Atalaia pop, a qual gerou uma reportagem para o site em: “Alunos da escola D.D.C. participam de projeto de valorização da comunidade onde vivem”. Em seguida, os alunos ficaram envaidecidos com os resultados e com os elogios até das outras turmas que queriam ver e queriam fazer um livro também.

Por fim, percebi que a interdisciplinaridade em função de um mesmo objetivo que é o de envolver a comunidade escolar para incentivar e motivar, bem como, dinamizar e transformar as suas práticas pedagógicas, pode melhorar o ensino-aprendizagem.



**Figura 71-** Depoimento do Senhor Batalha  
Fonte: autora



**Figura 72-** Alunos expondo o livro  
Fonte: autora



**Figura 73-** Livro produzido pelos alunos  
Fonte: autora



**Figura 74-** Cartaz apresentação  
Fonte: autora



**Figura 75-** Diretora apresentando o projeto  
Fonte: autora



**Figura 76-** Pessoas da comunidade e da SEMED  
Fonte: autora



**Figura 77-** Pessoas ilustres da comunidade compoendo a mesa  
Fonte: autora



**Figura 78-** Alunos da escola D.D. C.  
Fonte: autora



**Figura 79-** Apresentação dos alunos do 6º ano  
Fonte: autora



**Figura 80-** Apresentação dos alunos do 5ºano  
Fonte: autora



**Figura 81-** Alunos cantando o hino nacional  
Fonte: autora



**Figura 82-** Professores da escola D.D.C.  
Fonte: autora



**Figura 83-** Maquete da escola D.D.C.  
Fonte: autora



**Figura 84-** Maquete do povoado Boca da Mata  
Fonte: autora



**Figura 85-** Fotos do povoado Boca da Mata  
Fonte: autora.

Quarta-feira, 14 de maio de 2019 08:43:00

**CÂMARA MUNICIPAL DE ATALAIA**  
 Gestão Plena em Todas as Horas - Todos os Dias, a partir das 08 horas

Cidade Política Educação Saúde Cultura História Meio Ambiente Câmara Municipal Galeria Vídeos

**Educação**

08/05/2019 às 08:43 - atualizado em 09/05/2019 às 08:43

J. Paulo Mantovani - Atalaia/AL

**Alunos da Escola [redacted] participam de projeto de valorização da comunidade onde vivem**

Sessão de Projeto "Valorando e Resgatando o Lugar onde Vivemos" realizada no Povoado São do Mato.



Alunos agendam o livro São do Mato: Um Povoado em Transformação.

**News**

Na sessão de terça-feira (08), alunos da [redacted] localizada no Povoado São do Mato, participaram da realização do Projeto "Valorando e Resgatando o Lugar onde Vivemos". O evento contou com a participação de docentes e coordenadores do Secretariado Municipal de Educação (Seme).

O projeto tem o objetivo de trazer para os alunos uma nova visão do lugar onde vivem, valorizando o trabalho feito e resgatando sua origem, sem distorção dos diferentes fatos que ali ocorreram", destacou a coordenadora Galvina Fortes.

Na oportunidade, alunos e professores puderam compartilhar suas vivências e experiências como moradores do Povoado São do Mato. Os alunos do 4º ao 7º ano fizeram apresentações, representando algumas histórias do Povoado, contando como são os caminhos. Alunos do 8º ano escreveram um livro para contar suas histórias, com o título São do Mato, um Povoado em Transformação.

A realização contou com a presença de outros moradores da região, que de algum forma contribuíram para a formação do Povoado ou que fizeram parte de São do Mato. Os convidados compartilharam suas histórias e o que cada um representa para o Povoado.

Entre as convidadas, o secretário de Abastecimento e Saúde, resende a cidade no Povoado São do Mato. Também o secretário Cívico, os secretários Damião Fortes, Cida e Silveira, os assessores Carochablero, Dani Dourado e Flávia, o atual diretor da Escola Fortunato Ribeiro e, Alina Barros, o coordenador de Saúde, Damilene e o atual diretor Helton Sábido.

**Clique no link para saber mais**



**Facebook**

Atalaia Pop  
 11.797 seguidores

**Últimas**

**18 de Maio**  
 Prefeitura de Atalaia Vigi o por 11 dias a abertura do curso de 7 meses do curso de Dança em Goiás

**18 de Maio**  
 Sessão promovida pelo prefeito e equipe de manutenção social e preparo de alimentos

**18 de Maio**  
 Audiência Pública com o senhor Paulo Mantovani para a distribuição de Voto

**18 de Maio**  
 O Senhor Carlos Roberto

**18 de Maio**  
 Vereador Manoel Pereira Barros

**Maria**  
 Maria do Carmo

**1** Oportunidade  
 Sessão promovida pelo prefeito e equipe de manutenção social e preparo de alimentos

**2** 18 de Maio Atalaia  
 Audiência Pública com o senhor Paulo Mantovani para a distribuição de Voto

Figura 86- Reportagem sobre o projeto  
 Fonte: Atalaia Pop

## 5 RELATOS ORAIS: O POVOADO BOCA DA MATA CONDUZIDO PELAS MEMÓRIAS DOS SEUS HABITANTES.

O passado apresenta-se como um vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos é desafio possível de ser enfrentado.  
Lucilia Delgado

Nesta seção, retomo alguns dados citados anteriormente para coadunar e referenciar as informações a seguir. O povoado Boca da Mata fica às margens da rodovia BR 316 que dá acesso à cidade de Atalaia e próximo ao posto da Polícia Federal que antecede o município. O povoado se divide em dois bairros: A Boca da Mata que é o principal (centro) e a Sucupira que fica mais afastado. Na Boca da Mata tem a escola, as igrejas católica e Assembleia de Deus, o mini-posto de saúde (uma pequena casa), a escola Municipal D.D.C., uma *lan-house*, o posto de gasolina com uma churrascaria que também fica à margem da rodovia, pequenas bodegas e a rua principal é calçada. É na Boca da Mata que se concentram a maioria das casas. Na sucupira, segundo os meus alunos, “só tem mato”, poucas casas e não tem calçamento, mas tem um bar chamado “Bar da Dominga” muito falado por eles.

Em busca de dados precisos sobre o povoado, não obtive nenhum resultado para os dados atuais e nem para a história do povoado. Contudo, através da intervenção feita pelos grupos de alunos do 7º ano, por intermédio de entrevistas aos moradores mais antigos do povoado, obtivemos dados relevantes sobre a história do povoado como: a sua origem, as famílias, o trabalho, a educação e as brincadeiras /ou diversões relatadas ante a memória desses moradores. “[...] é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa”. (POLLAK, 1992, p. 8).

Neste sentido, recorro a esses relatos como instrumento para fundamentar esta pesquisa. Então, de acordo com o relato das memórias do senhor Sebastião Pereira Acioli de 73 anos, conhecido como Sebastião Batalha, o qual é morador do povoado desde o seu nascimento, o povoado surgiu por meio de sua própria família, pois os donos de todas aquelas terras eram da família de sua bisavó e que eles já as habitavam. Sendo esta família os primeiros moradores desse lugar, os quais permanecem até hoje. Segundo o relato histórico de

seu Sebastião, a origem do nome “Boca da Mata” se deu porque, antes, naquelas terras era uma mata fechada, então, ao iniciar o corte da madeira para se vender ficava o desfalque das árvores cortadas, com isso, criou-se uma faixa denominada de tabuleiro e, a esta área desmatada antes de adentrar à mata deu-se o nome de boca da mata, no qual as pessoas foram passando para as outras de que cortavam a madeira na boca da mata, a partir disso, surgiu o nome “Boca da Mata,” assim como também o povoado.

Segundo o senhor Sebastião, as primeiras moradias eram de taipa, palha e de madeira. Depois começaram a surgir as casas de tijolos, mas eram poucas. No início não existiam grandes construções como posto de saúde, escola, supermercados, igrejas, etc. e até hoje não existem, exceto a escola e o posto de gasolina. “A memória tenta explicar as relações de hierarquia e valores tanto entre as coisas como entre as pessoas, pois tudo o que nela acontece não é em vão nem tão pouco se perde, às vezes permanece ou se transforma, [...]”. (OLIVEIRA; GATTI, 2002, p.75).

“As famílias viviam de maneira simples, eram pobres, mas havia amor e respeito”, relata a senhora Maria Alda Acioli dos Santos de 69 anos, cuja mora no povoado a 69 anos. De acordo com suas memórias a educação familiar, na época em que ela era criança, era muito diferente da de hoje, porque os filhos eram obedientes aos pais e os respeitavam. Os filhos não saíam sozinhos; não dormiam fora de casa; iam para as festas de ano em ano; as meninas não podiam usar calça comprida e nem usar batom e todos iam para cama logo cedo.

As famílias eram numerosas, inclusive sua mãe teve 15 filhos, as crianças eram mais comportadas e mais obedientes aos pais. O namoro dos jovens era assistido pelos pais (o pai e a mãe sentavam ao lado do casal) até o dia do casamento. Dona Alda afirma que há muita diferença das famílias de antigamente para as de hoje, principalmente em relação à educação familiar e ao respeito. Ela também fala que as famílias de hoje são “ricas” em comparação com a pobreza das famílias de antigamente.

Dona Dulcinete Pereira da Paz Acioli de 63 anos, também nos lembra de como eram as famílias e o casamento. Ela diz que as famílias viviam mais unidas, se amavam e se respeitavam. A respeito do casamento, os jovens teriam que saber, primeiro, a procedência das famílias envolvidas. O casal namorava, noivava e casava, mas não saíam de casa; e até para se

dar um beijo teria que ser no escondido, porque os pais não permitiam, diferentemente de hoje em que o namorado dorme com a namorada e vice-versa, na casa dos pais.

Na educação familiar, os filhos tinham horário para trabalharem, estudarem e também para brincarem. Eles eram obrigados a estudarem e se não os quisessem, apanhavam. “A educação vem de casa”, afirma dona Dulcinete. Ela diz também, que não havia violência nem ladrões lá no povoado, pois as casas não tinham vigias e nem cachorros e ninguém mexia em nada. Dona Dulcinete confirma que há muita diferença entre as famílias de antigamente para as de hoje, em todos os sentidos. Segundo ela, as famílias, de hoje, estão desagregadas e os pais são permissivos.

Ainda consoante ao senhor Sebastião em alusão às memórias do trabalho, as famílias daquele lugar viviam do plantio da mandioca, do inhame, da bata doce, da cana, etc. inclusive sua família; também faziam carvão, uma vez que ali tinha muita madeira. Para aumentar a renda da família, o seu pai, ainda, trabalhava com aluguel dos animais. Como fora mencionado, aquelas terras eram da sua bisavó e, conseqüentemente, foram passadas para o seu pai e para os seus tios.

Na época da sua bisavó havia cangaceiros para fazerem o trabalho. Entretanto, na sua época todos trabalhavam, inclusive as crianças. Ele afirma que trabalhou demais para ajudar ao seu pai, igualmente seus irmãos e, que hoje, ninguém trabalha, praticamente! O seu trabalho era cortar cana, tirar lenha (madeira) e carregá-las na carroça de burro. A cana, eles a levavam para a Usina Uruba, a madeira para a cidade de Satuba e para o porto de Maceió e o carvão para a cidade de Atalaia e para a cidade do Pilar.

A respeito da escola, Oliveira e Gatti afirmam:

Entre as muitas fontes utilizadas para investigar as instituições educativas, consideramos relevante que o pesquisador recorra à História Oral para historiar uma instituição educativa, na perspectiva de estar compreendendo que os mais velhos ou as pessoas mais comuns envolvidas no processo, sabem mais a respeito de alguma coisa. (OLIVEIRA; GATTI, 2002, p. 75).

No tocante a isto, atentei para estas pessoas como fontes envolvidas neste processo do conhecimento vivido, as quais, perante as suas memórias relatam fatos históricos que coadunam o passado ao presente. Dessa maneira, o senhor Sebastião relatou que neste povoado não existia escola e que as crianças eram alfabetizadas até o terceiro ano primário na

casa do seu avó. Esta era uma casa grande de taipa, e a professora vinha de Atalaia para ensiná-los.

Não havia transporte escolar, as crianças iam a pé para escola. Logo, esta casa transformou-se em um grupo escolar com duas salas de aula, pois havia poucos alunos. O senhor Sebastião estudou até o quarto ano primário. Ele diz que teve uma vida dura, pois o seu pai os obrigavam a trabalharem em vez de estudarem, mas sua mãe não. Segundo ele, a educação de antigamente é diferente da de hoje, essencialmente, em relação ao respeito com os professores, como também ao ensino porque as crianças aprendiam mais, comparadas com as de hoje.

Ainda sobre a escola, de acordo com o relato do morador senhor José Pereira dos santos de 71 anos e, que também mora neste povoado a 71 anos (desde o seu nascimento), quando eles chegavam na escola, cumprimentavam a todos com bom dia e na sala de aula rezavam; a professora ensinava a fazerem o pelo sinal e depois iam cantar o hino nacional. Nesta fala, percebo que há uma tradição cultural, relevante, no fazer pedagógico, a qual perdera-se ao longo dos anos, sendo incomum aos nossos dias. Essa cultura flutua e se adapta à construção do processo educativo, ora com perdas e ora com ganhos, conforme afirma: “Pode-se agora reportar ao fato de que a escola como organização tende a ser considerada como cultura. Uma cultura que está em movimento e que se processa na interação dos vários sujeitos no cotidiano escolar”. (OLIVEIRA; GATTI, 2002, p. 75).

“As brincadeiras e/ou as diversões eram muito simples”!, afirma o senhor José Pereira. As crianças se reuniam para brincar de pular corda, de pular avião, de jogar pedras, de bôto, de carrinho de lata na rua, etc. Os meninos não jogavam bola, porque não tinham dinheiro para comprá-la. As festas tradicionais como carnaval, páscoa, dia das mães, etc., eles ficavam em casa, exceto nas festas do(a)s padroeiro(a)s, pois sempre iam para essas festas; como no Pilar, na Atalaia e até para Juazeiro do Norte no Ceará. Não era comum ganhar presentes nestas festas, nem mesmo no dia das crianças e nem no natal.

Consoante ao senhor José Pereiras e à sua esposa dona Maria Bernadete (61 anos), o modo de vida deles era simples, porém eles viviam felizes. Eles contam que as roupas eram simples e compostas, compradas uma vez ao ano para os filhos e quem tinha condições

comprava um chinelinho ou tamanco. Os mais velhos usavam chapéus e as roupas femininas eram as mães quem faziam em casa.

Eles também contam que há muita diferença das brincadeiras e do modo de vida de antigamente para os de hoje porque, antes, tudo era mais difícil como por exemplo a acessibilidade para irem fazer as compras ou para irem ao médico quando estavam doentes, etc., uma vez que não havia transportes, iam de burro. Contudo, as famílias eram mais unidas, existia mais amor, mais respeito e eles eram mais felizes. Sendo isto confirmado em todos os relatos.

## 6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para imergir nesta análise, repito a questão de pesquisa e seus objetivos para refletir sobre nossas propostas e ou sobre os resultados esperados.

Buscamos com esta pesquisa saber como a construção do conhecimento da história da comunidade e da sua realidade sociocultural podem modificar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do EF II de uma escola pública municipal e melhorar as práticas escolares a partir do ensino de Língua Portuguesa?

Nossos objetivos foram:

- Conhecer a realidade sociocultural dos estudantes, apreender a sua cultura para melhor interação professor-aluno, e também, mostrá-los sobre a importância social e cultural deles para um estímulo visionário e o fortalecimento de seus ideais.
- Considerar os multiletramentos inerentes à vida do educando, através da sua aquisição de mundo e integrá-los às práticas de ensino da Língua Portuguesa como meios de facilitar e ajudar a compreensão desse ensino, tornando-os mais acessíveis e interessados pelas aulas de português e pelo seu cotidiano escolar, dessa forma produzindo mudanças no ensino-aprendizagem dos alunos e da professora.
- Contribuir também para incentivar a escola às mudanças pedagógicas de acordo com a realidade que se apresenta, numa sequência de inovação a cada dia, com os novos letramentos para a transformação da prática através da educação.

Depois de uma longa caminhada na realização desta pesquisa, bem como em atender o passo a passo da sequência didática através da metodologia escolhida, consegui executar todas as atividades. Agora, disponho da análise desses resultados. Para tal, recorro à Análise do Discurso como ciência que visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos para e por sujeitos. Segundo Orlandi (1998), a AD se institui como uma teoria semântica que explica como os sentidos são produzidos na/pela materialidade da língua, o qual é seu principal objeto. Por isso, analiso os dados obtidos dentro desta concepção, posto que os atores desta pesquisa são os protagonistas de todas produções.

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da existência humana. (ORLANDI, 1999, p. 15).

Quanto a desmotivação dos alunos e a sua influência social, na qual eles absorvem como sujeito de um contexto extremamente fecundo quanto à sua vulnerabilidade sociocultural, e quanto à sua construção de identidade de acordo com a memória social em que estão inseridos, reflito sobre a fala de Morigi (2012), o qual diz que a memória é uma construção social, produzida pelos homens a partir de suas relações, seus valores e de suas experiências vividas. Ela não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída.

Dentro deste contexto, começo destacando alguns discursos pelos quais levaram-me na escolha deste tema, e conseqüentemente, retratam a memória sociocultural desses sujeitos, como por exemplo: “Homi, eu quero cortar cana como o meu pai mesmo”!; “estudar pra quê?”; “Eu não vou sair daqui não”!; “não precisa estudar para crescer na vida, olha aí o Aloísio Chulapa não tem estudo e é rico”!

Com estes dizeres “Homi, eu quero cortar cana como o meu pai mesmo”!, temos o efeito de sentido da construção da memória sociocultural deste sujeito que se justifica pelo fato de seu pai ser um cortador de cana, por habitarem em um ambiente rural numa região sucro-alcooleira com várias usinas instaladas, a qual é a principal fonte de trabalho desses sujeitos que não tiveram a oportunidade de estudar. Isto, não é desprestígio, contudo é relevante para a construção da identidade social desse aluno. Logo, este discurso produz uma memória que se constitui sob o efeito de sentido com a atualidade, através do que é dito.

De igual modo, está também este outro discurso “estudar pra quê?”; “Eu não vou sair daqui não”!, que revela a falta de perspectiva deste aluno. Pois, ela é marcada pelas relações e pelos valores em que lhes são transmitidos como relações imaginárias e ideológicas. A materialidade linguística dessas falas expõe as formações ideológicas desses sujeitos no que diz respeito ao modo de dizer-se e de posicionar-se enquanto sujeito nas suas esferas sociais. “[...] o sujeito se submete à língua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se – em um gesto, um movimento sócio

historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia”.(ORLANDI, 2007, s/p. apud NUNES; SILVA; KARIM; MOTTA, 2016, p.327).

Ainda, neste discurso, “não precisa estudar para crescer na vida, olha aí o Aloísio Chulapa não tem estudo e é rico”!, antes de analisar esta fala, disponho de uma breve explicação sobre quem é Aloísio Chulapa. Trata-se de uma referência positiva para os alunos e presentifica uma certa influência na relação com estes sujeitos. Aloísio é um ex-jogador de futebol, nascido no município de Atalaia, de origem humilde, conta-se pela cidade que ele não gostava de estudar e que se sucedeu na vida através do esporte. Atualmente, ele ainda mora na cidade de Atalaia, criou um espaço sócio-recreativo com uma escolinha de futebol para treinar as crianças pobres da região, inclusive alguns dos meus alunos fazem parte desta escolinha. Com isso, a imagem e a história desse jogador causa um efeito de sentido sociocultural, o qual repercute no comportamento e se materializa constituindo marcas de um discurso intersubjetivo com estes sujeitos.

Desta forma, comprova-se, como este fato é significante na memória dos alunos e como ele exercita relações de subjetivação dos sentidos neles envolvidos, ou seja, como este fato ressignifica os sentidos que conformam a memória neles instituídas. Então, é ante a esses movimentos discursivos que me coloquei em uma escuta atenta aos deslocamentos e aos efeitos de sentido que a realidade sociocultural desses alunos produziu e ainda produz sobre a vida deles.

Nesta direção, cumprindo a metodologia e a sequência didática proposta para esta pesquisa, analiso o transcorrer de sua aplicação a partir das experiências e da relação professor-aluno, assim como os demais envolvidos na efetivação deste trabalho. É preciso dizer que a nossa primeira conversa sobre a pesquisa foi de impacto negativo. Houve recusa e muita rejeição, em vista de que, eles nunca haviam participado de atividades como esta, entretanto, à medida que íamos projetando as atividades, íamos conquistando os nossos objetivos. Sobre as dificuldades encontradas na execução de cada atividade eu as relatei nas subseções de cada atividade. Aqui, explico os resultados dessas atividades.

A primeira atividade desenvolvida foi a pesquisa interventiva através das entrevistas com alunos e moradores da comunidade. Trago alguns discursos dos alunos como Feedback desta atividade, por intermédio do questionário que lhes apliquei. (anexos F ao N). Para isso,

resgato três das oito perguntas do questionário por entender que elas são mais relevantes para o estudo em questão:

1- O que você(s) acharam em fazer esta pesquisa interventiva?; 6 - O que acharam em conhecer as histórias antigas do lugar, os costumes, as lembranças diferenciadas de antigamente para as de hoje? Qual a importância desses relatos para vocês?; 8 - Gostariam de fazer outras atividades extraclasse? Quais?

Para a pergunta de número 1, temos as seguintes respostas:

- a) “Achei muito bom porque foi um dia diferente...” (M. S.);
- b) “Foi muito bom a gente saiu para pesquisa a gente andamos pelo povoado todo”. (W. M.);
- c) “eu achei ótimo porque eles falaram das pessoas antigas das necessidades das pessoas...” (Y. C.);
- d) “eu achei bom, porque eu não conhecia a história da Boca da Mata, eu não sabia o que existia antes aqui, mas a gente fez uma pesquisa e o sr. Sebastião contou tudo...” (M. E.);
- e) “gostei sim porque a gente aprendeu mais...aprendi várias coisas...gostei muito de fazer esta pesquisa gostaria de fazer novamente porque assim a gente aprende mais sobre o passado...” (N. V.);
- f) “eu achei muito bom saber como era antigamente a nossa cidade...” (F. E.);
- g) “eu achei muito ruim de ir para casa do povo abusar e passar vergonha e saímos no sol quente”. (I. A).

Observa-se que em geral, todos gostaram de fazer a pesquisa interventiva, exceto um aluno que achou ruim. Sendo assim, saliento alguns trechos desses discursos para análise como: “...foi um dia diferente”, Este discurso relata sobre a importância de inovar e de transformar as práticas pedagógicas rotineiras e metódicas em práticas interativas e dinâmicas. Na resposta da letra b, temos a relevância da pesquisa interventiva através do deslocamento do sujeito-aluno ao encontro com o outro. Na letra c, saber sobre as necessidades das pessoas é importante porque produz um efeito de introspecção de sua realidade, ou seja, o sujeito se identificou com os problemas de antigamente tendo em vista sua formação sócio histórica.

Na letra d, o conhecimento da história deste indivíduo é significativa para que ele se signifique enquanto sujeito deste meio, conforme afirma Orlandi (1996), a ideologia é efeito da relação do sujeito com a língua e a história para que assim se signifique, sendo o sujeito historicamente constituído de significação. Dessa feita, conhecer a sua história pode contribuir para mudanças ideológicas desse sujeito. Na letra e, e na letra f, o fato de aprender mais sobre o passado, traz marcas para necessidade de que este sujeito tem em conhecer a sua história, em situar-se enquanto ser, em se significar, em posicionar-se em relação ao passado/presente. Isto, possibilita ver como esta memória é atualizada diante deste conhecimento sociocultural e histórico.

Portanto, corroborando com esta análise,

[...] vemos os efeitos do passado no presente, ou seja, os sentidos do passado se significando no discurso presente do sujeito, ao assumir uma posição que deixa transparecer sentidos que tanto memorizam um funcionamento ideológico de uma época quanto se materializam, no presente sua posição-sujeito. (NUNES; SILVA; KARIM; MOTTA, 2016, p.329).

Para a pergunta de número 6, temos as respostas:

- a) “eu achei interessante porque aqui no povoado não tinha água e as pessoas sofria para ir buscar água nos rio”. (I. A.).
- b) “porque não tinha maloqueragem...Hoje em dia é tudo poluído o meio ambiente...Hoje de menor não pode trabalhar só podia namorar depois de 18 anos”. (F. E.).
- c) “...foi assim que eu descobri como era as coisas... como se a resposta estivesse numa caixa de segredo eu amei as respostas era tudo que eu queria saber”. (N. V.).
- d) “foi muito bom conhecer as histórias de antigamente os costumes as lembranças... as coisas mudou muito, de antigamente para os tempos de hoje”. (M. E.).
- e) “porque não tinha transporte para leva os estudantes para escola...” (M. S.).
- f) “...é porque tinham muitas coisas diferentes eles quando iam comprar roupas eles iam de jumento porque não tinha transporte”. (W. M.).
- g) “...foi muito bom eles falou da cana-de-açúcar... eles fazia as farinhas e também eles falou que trabalha muito”. (R. S.).
- h) “...tinha muito trabalho e estudo...” (E. R.).

i) “eu achei muito interessante as histórias de antigamente das moradias das pessoas... tem muita diferença de antigamente para hoje porque seus filhos respeitava suas mães mas agora não respeita nem nada...” (Y. C.).

Em todos os discursos, eles relatam sobre a importância de “conhecer” as histórias de antigamente; de saberem como seus antepassados viviam; de ressaltarem o valor para fatos singulares a eles como: a água, o transporte, as moradias, os costumes, o estudo, o trabalho, o meio ambiente e até o comportamento dos jovens e das crianças. Percebemos que há uma regularidade neste dizer e descobrir tudo isto, traz à memória discursiva deste aluno a materialidade linguística, na qual ele se situa e relaciona estes fatos do passado ao presente. Este deslocamento atualiza a memória discursiva desse sujeito, a qual se constitui através das condições de produção deste discurso.

As palavras mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra e não podem ser apreendidas senão em função das condições de produção, das instituições que as implicam e das regras construtivas do discurso. Por isso, não se diz uma coisa qualquer, num lugar qualquer, num momento qualquer. (GREGOLIN, *Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos*, p.26).

Em relação a essas descobertas, eles se surpreenderam por saberem que antigamente as condições de vida eram mais difíceis que as de hoje, mas que as pessoas eram mais felizes e que se respeitavam mais. Comumente a isto, reflito sobre a importância de conhecer as nossas origens na construção de nossa identidade. De acordo com Fritzen (2012), a identidade do ponto de vista histórico e não biológico, não possui um núcleo fixo, seja ela social ou cultural, mas se refaz se deslocando, num processo de construção que ganha forma nas relações com o outro.

Então, justifica-se o discurso dos alunos sobre a importância de saberem da sua história, pois nesta interação com os moradores mais antigos, eles interiorizaram e processaram a memória internalizada advinda da sua realidade sociocultural. Desse modo, observa-se o papel do sujeito na constituição dos sentidos, e deste com o mundo, conforme Orlandi (1998, p. 47): “Esse papel se define diferentemente no transcurso da história, uma vez que a própria estruturação dos sujeitos, sua concepção de linguagem e de mundo, se modificam ao longo do tempo, pois as formas das sociedades não permanecem as mesmas nas diferentes épocas”.

Para a pergunta de número 8, a maioria respondeu que sim, que gostariam de fazer outras atividades extraclasse como: visitar outras cidades; conhecer os museus; conhecer as igrejas em Marechal; visitar rios, praias e fazendas; visitar as escolas, etc. Também, houve uma sugestão de atividade que chamou-me a atenção, “eu gostaria de fazer outra pesquisa falando do colégio onde eu estudo a escola D. D. C. sobre o acontecido”. Este acontecido refere-se ao incêndio da escola, pois nos marcou muito, tornando-se assim uma memória coletiva, por vezes traumática, por se tratar de um espaço social de vivência escolar.

Apoiada na teoria desta pesquisa, reflito sobre a fala de Von Simson (2006), a memória coletiva ou social é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Assim, este fato, pode ficar esquecido como registro, mas ficará guardado nos “lugares da memória” que segundo Pollack (1992), são lugares da memória particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante; como pode ser uma memória mais pública.

Ainda, nesta análise trago as considerações finais de cada um dos alunos quanto a confecção do livro como resultado final das atividades. Elas estão registradas no final do livro produzido por eles:

- a) “A construção desse livro foi importante porque relatou as memórias de antigamente que nós não sabíamos e agora, com isso nós conhecemos a nossa história”! (W. M.).
- b) “Este livro é importante para que todos leiam quando forem para biblioteca e para que as pessoas saibam mais sobre a Boca da Mata”. (E. S.).
- c) “Eu gostei muito fazer esse livro, porque eu conheci a história dos meus antepassados, e de como surgiu a origem do nome Boca da Mata... foi bom conhecer como eram as brincadeiras e diversões, de como eram as famílias, o comportamento das crianças, o namoro e etc. Então, existe uma diferença muito grande de como era antigamente para os dias de hoje, porque as coisas evoluíram e as pessoas também”. (M. E.).
- d) “Eu gostei de fazer o livro, porque ele volta ao passado e conta como tudo começou como a origem, brincadeiras, diversões e trabalho. Foi bom também porque as pessoas podem conhecer como era o nosso povoado”. (N. V.).

- e) “Foi muito bom!... ficou muito lindo e bonito e fiquei feliz em fazer esse trabalho”. (R. C.).
- f) “Foi importante para mim conhecer as histórias do povoado, das famílias e muitas coisas... foi isso”! (R. A.).
- g) “Eu achei muito bom, porque nós nunca tínhamos feito um livro. Essa é a primeira vez. Eu achei muito bom, por causa dos meus desenhos”. (M. S.).
- h) “Fazer este livro está sendo muito ótimo, tanto para mim como para as outras pessoas para sabermos da origem do nosso povoado, como surgiu... e, também está sendo ótimo para nós que não sabíamos de nada do povoado”. (Y. E.).
- i) “Eu gostei de fazer o livro, porque foi muito bom para mim e a nossa turma do 8º ano. Foi importante para saber do nosso povoado de antigamente dos nossos bisavós”. (F. E.).

Nestes discursos, os alunos expressam felicidade e afirmam que gostaram muito de fazer o livro, e também realçam a relevância para eles e para as pessoas que irão ler o livro em conhecer o povoado Boca da Mata. O conhecimento da memória sociocultural dos alunos causa efeitos de sentidos para as suas existências por meio dessas memórias, as quais servem de mediadoras na construção desses sentidos. Com isso, ela se descola numa linha de tempo em busca de se reconstruir e se relacionar com a história, para assim, significar estes sujeitos. Convergindo com este pensamento, Delgado (2003), diz que a memória ultrapassa o tempo de vida individual, pois através desse conhecimento sócio-histórico e cultural transmitidos pelas histórias de famílias, das tradições, das histórias contadas e de outras narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa.

Ressalto o discurso do aluno na letra g, pois o mesmo foi o ilustrador principal do livro, ou seja, quase todos os desenhos foram feitos por ele. Este aluno, está fora de faixa para a turma do oitavo ano, tem dificuldades na escrita e na leitura, mostra desinteresse pelas aulas em virtude dessas dificuldades, entretanto, neste processo de construção do livro mostrou sua habilidade na arte, ou seja, mostrou ter outros letramentos.

A respeito disso, o seu discurso mostra que ele sente-se orgulhoso em ilustrar o livro, quer ser visto de outra maneira, quer ser reconhecido. Esta outra maneira é a de não ser visto como o sujeito desmotivado, que não sabe de nada, que não tem valor. Ele chama a atenção para a sua importância enquanto sujeito daquele contexto, independentemente de ter o

conhecimento da escrita e da leitura ou não. Este dito se constitui pelas condições de produção que compreende o sujeito e a situação em que ele está inserido, ou seja, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico e ideológico e se reproduz na materialidade linguística causando efeitos de sentido. Conforme explica, Orlandi (1999), os dizeres são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, como também como com o que não é dito e como o que poderia ser dito e não foi.

Concernente a isto, os alunos expressavam entusiasmo e orgulho em produzir um livro e ademais um livro contando a sua própria história como no dizer de uma das alunas “o nosso foi o melhor porque fomos nós quem fez”, esta foi a resposta quando eu os perguntei qual dos livros ficou melhor referindo-me a um livro feito por mim e ao livro deles. Assim também, na culminância do projeto via-se a alegria e a satisfação deles em poder apresentar o livro contando a história do seu lugar. O efeito de sentido produzido nestas condições, mesmo com o não dito, são determinadas através de suas expressões, as quais nos transmitem uma mensagem de contentamento e de que eles estão envaidecidos com o resultado de seus trabalhos.

Assim, de modo igual, está o discurso dos alunos quando eles chamam a atenção para o conhecimento do lugar em que eles vivem e de como isto foi interessante para eles. Esses alunos fecundados por essas condições de produção expressam-se através de seus discursos gerando em nós os seguintes efeitos de sentidos: que eles também existem, que eles têm uma história, que o seu lugar existe e que também é interessante, assim como os outros lugares os são e que ele seja conhecido por todos. Este entusiasmo demonstra que os resultados da pesquisa surtiram efeitos. Nessa perspectiva, Portugal e Oliveira afirmam:

Diante da realidade desses espaços, as escolas rurais necessitam considerar os anseios da população desses territórios, criando um ambiente educativo que recupere, forme e fortaleça os valores humanos e, assim valorize o meio onde vivem, para que possam interagir melhor nesses espaços e reconhecê-los como resultantes dessas interações. (PORTUGAL; OLIVEIRA, 2012, p.308 apud FONSECA; 2017, p. 84).

Portanto, diante destes resultados, analiso a proposta desta pesquisa como positiva e que os objetivos elencados foram alcançados, principalmente, na contribuição em transformar a práxis, não apenas da professora pesquisadora, mais também de toda escola. Ademais,

encontrei a resposta para a questão de pesquisa que resultou neste trabalho, cuja resposta é profícua, é de que a construção do conhecimento da história da comunidade e da sua realidade sociocultural podem sim, modificar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do EF II de uma escola pública municipal e, conseqüentemente, melhorar as práticas escolares a partir do ensino de Língua Portuguesa.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existirá um porvir verdadeiro para humanidade e não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um “coração antigo”, isto é, se o futuro não se basear na memória do passado”. (DELGADO, 2003, p. 10 apud DISTANTE, 1998, p. 84).

Diante da trajetória desta pesquisa desde o início das minhas inquietações sobre os problemas encontrados em sala de aula e, até a finalização desta, deparei-me com um grande desafio o de mergulhar na práxis e desenvolver a metodologia, assim como, a sequência didática proposta para fomentar as atividades e torná-las significantes para os meus alunos como ensino de Língua Portuguesa.

Essas inquietações levaram-me a refletir sobre a realidade sociocultural dos alunos, dado que, são muitos os problemas encontrados em sala de aula, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem. Entretanto, a falta de perspectiva, a desmotivação e a passividade comprometem o aprendizado como um todo. Nesse sentido, busquei encontrar as respostas para a questão levantada como hipótese através da intervenção metodológica pelo viés da pesquisa-ação. Esta possibilita o pesquisador levar em conta a voz do sujeito, visto que, ele fará parte da tessitura da metodologia da investigação.

Sendo assim, por levar em conta a voz dos alunos em situação de depreciação com as aulas, bem como com a importância do ensino, projetei este trabalho de pesquisa com a finalidade de contribuir para a transformação e melhoria do ensino-aprendizagem, tal qual de motivá-los para a relevância dos estudos e, também, de despertar a escola para a pesquisa e produção de conhecimento na educação básica.

Os primeiros momentos de interação com os alunos sobre a proposta de fazermos esta pesquisa tendo-os como atores protagonistas das atividades foi de não aceitação. Foi difícil a inserção das ideias levantadas, foi difícil o início da aplicação da sequência didática em pauta, uma vez que eles nunca participaram de projetos como este. Em alguns momentos foi desanimador devido à resistência deles em confrontar-se com o novo, com os desafios de uma prática pedagógica inovadora e inusitada. Entretanto, tive o apoio da equipe pedagógica, dos outros professores e, também dos moradores que participaram desta pesquisa dando uma das

principais contribuições para que ela acontecesse, pois os relatos orais desses moradores foi o fundamento desta e o embasamento para efetua-la.

Ao passo em que as atividades se desenvolviam, os alunos também se inebriavam com as mudanças pragmáticas das aulas. Dessas atividades, duas foram mais apreciadas por eles: o passeio pelo povoado para fotografá-lo e a produção do livro como autores de sua própria história. O passeio pelo povoado foi interessante, apesar de eles o conhecerem, mas nunca daquela forma, porque viram-no de uma outra forma, como importante, pois alguém se interessava em conhecer o lugar deles, e mostrá-lo, para eles foi prazeroso. Diante da dimensão desta metodologia, Ghedin e Franco (2011, p.223), “[...] há que caminhar para uma metodologia que instaure no grupo uma dinâmica de princípios e práticas dialógicas, participativas e transformadoras”.

A respeito dessa dinâmica, conhecer o povoado, sair com os alunos, interagir com os moradores e conhecer a história daquele lugar foi para mim significativo e transformador. Significativo porque aprendi e aprendi da cultura, da história, do modo de vida (antigamente e de hoje) e das condições socioculturais dos alunos. Transformador porque agora vejo-os com um outro olhar: um olhar mais compreensivo, um olhar mais humanizado, um olhar mais acolhedor. Esse outro olhar possibilita-me melhorar a minha relação professor-aluno e conseqüentemente as minhas práticas pedagógicas. Conforme afirma Von Simson (2006, p.5), “Esse mergulhar conjunto no passado nos faz emergir mais conscientes quanto aos problemas contemporâneos da vida da comunidade estudada e geralmente nos conduz naturalmente a ações conjuntas e politicamente conscientes visando sua superação”.

Quanto à produção do livro foi um processo a princípio meticuloso e ímprobo, mas no decorrer das produções e dos resultados de cada página escrita ou desenhada, via-se um sorriso, um gesto de aprazimento. Os relatos orais feitos pelos moradores aos alunos e que resultou na matéria-prima do livro, propiciaram a eles uma consciência de encontro com as suas identidades e com as suas existências, ou seja, situaram-se como sujeitos daquelas histórias, uma vez que em seus dizeres revelavam palavras ou frases em que se reconheciam naqueles relatos através das histórias vivenciadas por seus pais, como: “é verdade minha vó disse que antigamente, aqui, era só mata”!

É essa interação e compartilhamento de experiências entre os mais velhos com os mais jovens que mantêm a integridade de sua cultura. Sendo assim, Morigi (2012), “a memória

desempenha um papel fundamental na construção da história das comunidades, visto que, ela está atrelada aos modos de vida que atuam como guias, fornecendo modelos para o comportamento das gerações com o passar dos anos”.

Fazer esta pesquisa foi mais do que atender ao regimento do PROFLETRAS em finalizar o curso com um trabalho com os nossos alunos. Foi desafiador, mas foi meritório, pois tive o privilégio de atender às minhas expectativas através do conhecimento adquirido na realização desta. Também por poder contribuir direta e indiretamente para mudanças no processo de ensino-aprendizagem dos alunos; na melhoria da didática do ensino em sala de aula; bem como nas práticas pedagógicas da escola, através da interdisciplinaridade que esta promoveu no âmbito escolar.

Ainda a este respeito, André (1995), afirma que a participação ativa dos alunos nas aulas, assim como o seu interesse, vem apenas demonstrar que o aluno da escola pública não é apático e desinteressado como afirmam alguns. Para ela, o que acontece, é que descobrimos formas de trabalhar com eles. Posto isto, encontrar formas diferenciadas para facilitar e melhorar o ensino-aprendizagem em sala de aula deve ser um meio praticado por todos os envolvidos neste processo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papirus, 2012.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e prática**. São Paulo: Parábola, 2010.
- BAKTHIN, Mikail. BRAIT, Beth. **Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, p. 65/68. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC\\_19dez2018\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf)> acesso em: janeiro de 2018.
- BRASIL. Decreto-lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, DF, 1996.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016.
- CALIL, Eduardo. **Marcas de letramento: Efeitos Equívocos de um funcionamento**. Escola Viva – Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- CAVALCANTE, Vandete Pacheco. **Atalaia, Último Reduto dos Palmarinos**. Atalaia, 1980.
- CENPEC – Instituto C&A – **Prazer em Ler**, 2006.
- CENPEC – **Se bem me lembro**. Caderno do professor: orientações para produção de textos. Equipe de produção: Regina Andrade Clara, Ana Helena Altenfelder e Neide Almeida. São Paulo: CENPEC, 2014. (Coleção da Olimpíada).
- DELGADO, L.A.N. **História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades**, HISTÓRIA ORAL, 6, 2003. p. 9-25.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da Língua Portuguesa/** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FONSECA, Sara Rodrigues. **A Festa de São João em uma colcha de retalhos: memórias de uma comunidade rural**. Dissertação de mestrado. PROFLETRAS/UFAL, 2017.
- FRANCISCO FILHO, Geraldo. **A Educação Brasileira no Contexto Histórico**. Campinas: Alínea, 2001.

FRITZEN, Maristela Pereira. O olhar da etnografia no fazer pesquisa qualitativa: algumas reflexões teórico-metodológicas. In: FRITZEN, M.P.; LUCENA, M. I. P. (Orgs). **O olhar da etnografia em contextos educacionais**: interpretando práticas de linguagens. Blumenau: Edifurb, 2012.

GARCIA, Ana Luisa. Produção de textos na escola: perspectivas teórico-metodológicas, tendências e desafios, PUC/SP, 2010.

GERALDI, Maria Grisolia; RIOLFI, Claudia Rosa; GARCIA, Maria de Fátima. **Escola Viva: Elementos para a construção de uma educação de qualidade social - Marcas de Letramento: Efeitos Equívocos de um funcionamento**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p.335;

GHEDIN, Evandro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**/ Evandro Ghedin, Maria Amélia Santoro Franco – 2. ed. São Paulo: Cortêz, 2011.

GREGOLIN, M. R. V. Análise do discurso: **lugar de enfrentamentos teóricos**. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003a. p.21-34.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2013.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010 e 2015. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/atalaia/panorama>> Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

KLEIMAN, Angela. B.; CAVALCANTI, Marilda C. **Linguística Aplicada**: suas faces e interfaces. Campina: Mercado das Letras, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**, Vanda Maria Elias. São Paulo: Contexto, 2009.

MARX, Karl. **Cultura, Arte e Literatura**: textos escolhidos. São Paulo: Expressão popular, 2010.

MATURANA, Humberto R. **Amar e Brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MORIGI, Valdir. ROCHA, Carla. SEMENSATTO, Simone. **Memória, representações sociais e cultura imaterial**. Morpheus, Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Ano 9, n. 14, 2012.

NUNES, Silvia Regina. / Silva, Agnaldo Rodrigues da. / Karim, Jocineide Macedo. / Motta, Ana Luiza Artiaga R. (Orgs) **Sujeito e memória: lugares constitutivos**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

OLIVEIRA, João Batista Araujo, et al. **Usando textos na sala de aula: tipos e gêneros textuais** / 3.ed. rev.- Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2008, (ABCD).

OLIVEIRA, Lúcia Helena. GATTI JÚNIOR, Délcio. **História das Instituições Educativas: um novo olhar historiográfico. Cadernos de História da Educação** - v. 1. - n. 1, p73, jan./dez. 2002.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola, 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos** / Eni P. Orlandi. - Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A leitura e os leitores**/ Eni Pulcinelli Orlandi (organizadora) – Campinas: Pontes, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 5, v.10. n. 200, p.2012.

RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista Abralín**, v.8, n.1, p. 15-38, jan./jun.2009;

RIBEIRO, Vera Masagão. **O Conceito de letramento e suas implicações pedagógicas**. Simpósio 18 – LETRAMENTO. Ação Educativa / São Paulo, 1999.

ROJO, Roxane. **Pedagogia dos Multiletramentos: Diversidade cultural e de linguagens na escola**. (2012)

ROJO, Roxane. **A Teoria dos Gêneros Discursivos do Círculo de Bakhtin e os Multiletramentos**. (2010).

ROSSA, Adriana. PEREIRA, Vera Wannmacher. **Leitura e alfabetização**. Letra Hoje, Porto Alegre, 2008, p. 47-51.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho** / Heleieth I.B. Saffioti. --Sao Paulo: Moderna, 1987. (Coleção polemical).

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Leitura:** abordagem cognitiva/ Maria Inez Matoso Silveira, Francisco Jailson Dantas de Oliveira. - Maceió : EDUFAL, 2015.

*Site* Sindáucar <<http://www.sindacucar-al.com.br/>>

*Site* Atalaia pop - **História de Atalaia** <<https://www.atalaiapop.com/>>

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 1999;

SOUZA, Renata Junqueira de. COSSON, Rildo. **Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula**. UNESP- Universidade Estadual Paulista;

STREET, Brain. **Letramentos Sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Letramento e conhecimento linguístico**. Letras & Letras.

Uberlândia: Instituto de Letras e Linguística / Universidade Federal de Uberlândia, v. 31, n.3, p. 158-172, (jul/dez. 2015) – ISSN 1981- 5239. **João Arthur Sampaio\***

TERZI, Sylvia Bueno. Transformações do letramento nas práticas locais. In: KLEIMAN, Angela B.; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs). **Linguística Aplicada:** Suas faces e interfaces. Campina: Mercado das Letras, 2007.

VON SINSOM, Olga Rodrigues. **Memória, Cultura e poder na sociedade do esquecimento:** o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. (2006, p. 1-8).

*Site* Tudo na Hora <[www.tnh1.com.br/.../so-uma-sala-de-aula-ficou-intacta-apos-incendio-que-destruiu-esco...](http://www.tnh1.com.br/.../so-uma-sala-de-aula-ficou-intacta-apos-incendio-que-destruiu-esco...)> João Arthur Sampaio - Atualizado em 01/11/2017 - 12:25

## ANEXOS

Anexo A – Transcrição das entrevistas em áudios feitas aos moradores com o tema: trabalho.

Nome: Sebastião Pereira Acidy Batalha  
 idade: 73  
 quanto tempo mora aqui no povoado 73

Entrevistador: Qual era o trabalho dos seus pais?

Entrevistado: plantava mandioca, plantava, cana e soja  
 couva

Entrevistador: O que eles fazia para sobreviver

Entrevistado: era nessa época ele trabalhava com  
 animal e papai tinha um bocado de animal aqui  
 alugava e tirava o sustento e tirava macaxeira  
 batata inhame

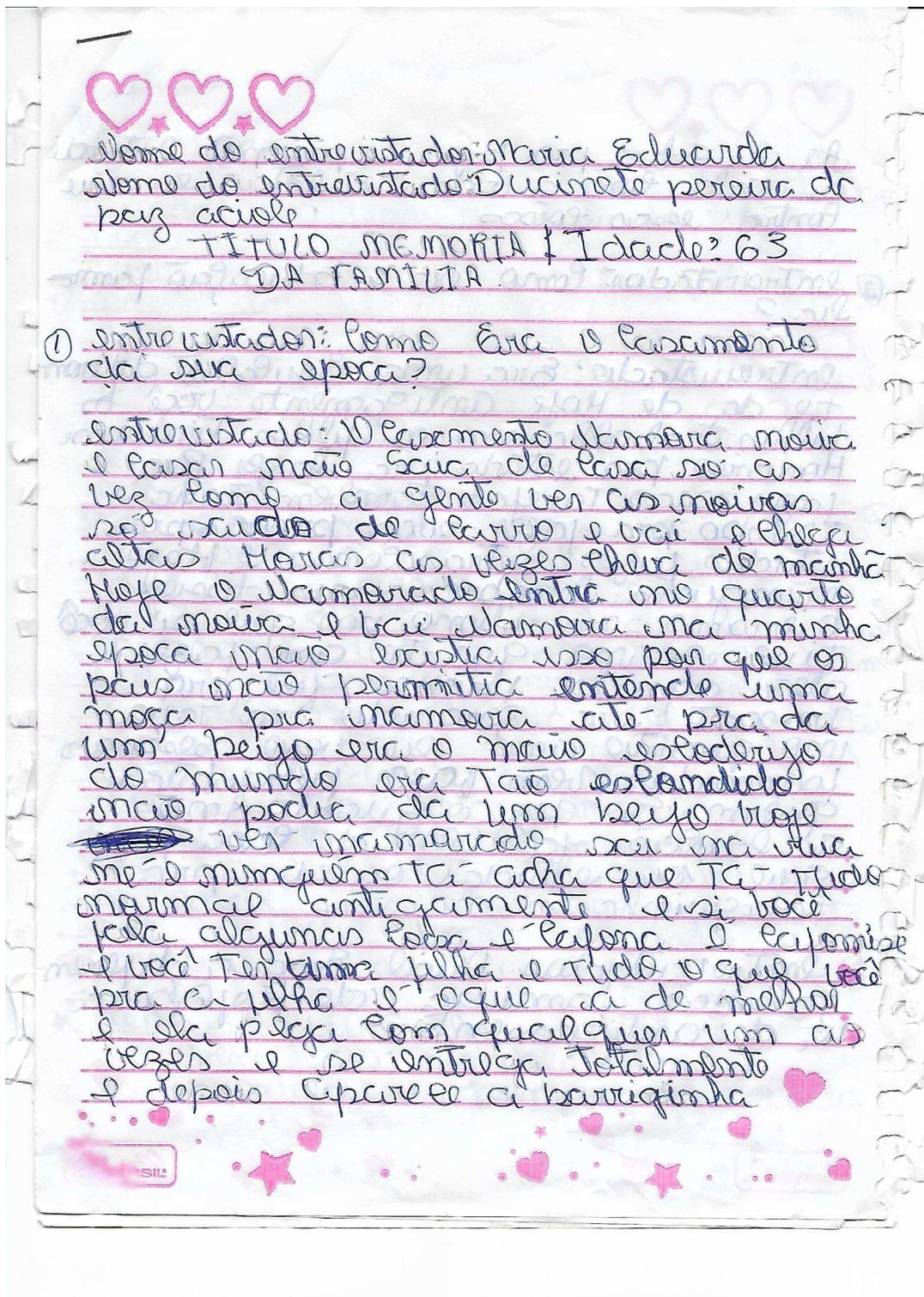
Entrevistador: A terra era deles (dos seus pais)?  
 era do meus avós dele também, também ele tinha  
 mas essa terra aqui todinha era da minha  
 bira só tudo por aqui até a mangabeira

Entrevistador: Qual era a fonte de trabalho tinha algum  
 alguma comércio alguma ~~indústria~~ fabrica fazenda

Entrevistado: não não tinha nada fazenda tinha mas  
 a gente não tinha nessa tinha capreiro mas era  
 na época da minha só mas fazenda grande não tinha



## Anexo C - Transcrição das entrevistas em áudios feitas aos moradores com o tema: Família.



Anexo D - Transcrição das entrevistas em áudios feitas aos moradores com o tema: brincadeiras e diversões.

27/11/14

moradora

Nome: MARIA BERNARDETE: 63  
 Nome: JOSÉ PEREIRA dos SANTOS: 71  
 morador a 71 anos

Memória de trabalho brincadeiras  
 e diversões

intrevistado: Wesley.

① Como era as brincadeiras da sua  
 infância antigamente?

Ele <sup>disse</sup> que. <sup>bôto</sup>  
 Pula corda prima de <sup>bôto</sup>  
 Pula Avião prima de roda  
 Joga Pedra Peba pandeira  
 como na comemorados.

② Como era Festeados as datas  
 comemorativas?

\*  
 Você passa com a onde a Páris  
 A Páris agente passava em  
 casa mesmo São João passava  
 em casa o dia dos Pais também  
 passava em casa o dia das  
 Mãe passava em casa o natal  
 em casa

Wesley 7º ano  
 Prof: Roseta  
 Guilherme

credeal

## Anexo E - Transcrição das entrevistas em áudios feitas aos moradores com o tema: educação

Naily

**PLAYBOY**      DOM   SEC   TER   QUA   QUI   SEX   SÁB   /   /

nome: Sr. Bastião Pereira Acnel Batalh  
 idade: 73.  
 Quanto tempo mora no povoado: 73  
 As crianças frequentava a Escola de Pí antigamente era difícil ter transporte toda as criança ia de Pí frequentava eu e meus primos a escola mãe era muito longe a escola era uma casa de meu avô era uma casa de taupa tinha duas sala tinha Professores diretores tinha pouco alunos meu Pai em e Su Jacqui era difícil escola aqui a mais antiga era era quase ainda esta viva da O. Senho se ameci oue mãe foi? Sim e o senho desistiu Porque? Porque só tinha o 4 ano a muito diferença da Educação de antes Pra de hoje? achou que sim Porque os alunos de hoje não respeito os Professora Por que estudei até o 4 ano eu levei uma Bixa de tabaco de fogo Porque fugia Para não leva uma Bixa Pra mãe apasnar era uma vida dura e muito diferente de hoje os



© 2015 PLAYBOY and Rabbit Head Design are registered trademarks of Playboy Enterprises International, Inc. and used under license by Sao Domingos Industria Grafica S.A.

## Anexo F – Feedback da entrevista professor x aluno. (W. M.).

- 1- Foi muito bom agente sair para pesquisa agente andamos pelo povoado todo.
- 2- agente utilizou telefone e chegamos na porta de cada um pedimos pra entrar eles deixaram mais entrar fizemos muitas perguntas foi muito bom.
- 3- As dificuldades foi o calor que aqui no povoado boca da mata é muito quente os cachorros também quando agente chegava os cachorros latiam.
- 4- os moradores foi muito legal com agente agente entrevistou cada um eles gostaram da nossa pesquisa.
- 5- ~~ela~~ eles falaram muitas coisas de antes eles disse que trabalhavam na cana trabalhava vendendo mandioca faziam tudo.
- 6- A importância da gente é porque tem ham muitas coisas diferentes eles quando iam compra roupa eles iam de fumento porque não tinha transcritor
- 7- o que mais chamou a nossa atenção foi falar sobre o nosso povoado BOCA DA MATA foi fazer uma pesquisa nas casas dos moradores mais velhos.
- 8- eu gostaria de fazer outra pesquisa falando sobre o colégio onde eu estudo a escola DR. DOMINGOS CARREIA sobre o acontecido.

## Anexo G - Feedback da entrevista professor x aluno. (E. R.).

- Enriano da SILVA
- 1) R: eu achei muito bom que eles falaram de antigamente que eles trabalhavam muito eles iam para a roça ajudar o pai e a mãe deles.
  - 2) R: a professora deu os papéis para nós nós fomos para a casa do seu Sebastião para entrevistar ele. nós utilizamos, cadernos, lápis, canetas, borrachas, e celulares nós fomos recebidos muito bem pedimos licença e eles nós receberam muito bem.
  - 3) R: Não por que nós não encontramos dificuldade alguma por que os entrevistados nos atenderam bem e respondeu todas as nossas perguntas.
  - 4) R: a reação do seu batizma foi que ele ficou muito alegre por receber todos ele falou mais do que ~~o~~ estava escrito no papel.
  - 5) R: sim por que ela falou sobre sua família como era antes ela trabalhava muito com seus pais e depois já estuda.
  - 6) R: eu achei muito bom por que naquele tempo não tem o que tem hoje antigamente tinha muito trabalho e estudo eles estudavam muito do que trabalhavam.
  - 7) R: ela disse que naquele não podia namorar porque os pais não deixavam namorar hoje em dia podem namorar casar e até noivar.
  - 8) R: gostaria de conhecer os museus e ir para matrechal conhecer as igrejas os parques e etc.

## Anexo H - Feedback da entrevista professor x aluno. (M. S.).

- 1) Achei muito bom porque foi um dia diferente.  
porque nós foi fazer uma pesquisa  
sobre Carra era antiga mente
- 2) mais utiliza aparelho de celular utilizamos  
caderno lápis Caneta
- 3) achei dificuldade porque nós saímos da Escola no  
sal algumas pessoa não quis fazer  
a pesquisa sabere o tempo de antiga mente
- 4) a resaca dele foi Relembra os tempo  
antiga e Carra era o passado não  
Tinha Escola não tinha encarnamento
- 5) de perguntas como
- 6) porque não tinha traz porle para  
leia os Estudante para Escola porque  
não tinha condição para estudar em  
ATALAIA
- 7) achei interessante que nesse povoado  
não tinha casa e so mata  
e agora e um povoado Baca da Mata
8. garatara de foga Bola anda de Bicicleta  
anda de carro visita AS paisina visita -  
AS Escola foga vole visita AS praia

## Anexo I - Feedback da entrevista professor x aluno. (I. S.)

- 1- Eu achei muito ruim de ir para casa do povo abusar e passar vergonha e traíremos no nos quente
- 2- O que nos fizemos para entrevista as pessoas nos foi até a casa dos povos para fazer um pesquisa sobre como era o povoado antigamente, e nos utilizamos os foi caderno datar e celular
- 3- achei porque nos ficou com vergonha de ir para casa do povo de levar um ser
- 4- Teria um mulher que recebeu nos mas o Sebastian recebeu nos bem falou as coisas todo que ele sabia de antes.
- 5- O que eu achei interessante porque aqui no povoado não tinha água e as pessoas teria pra ir buscar água no rio
- 6- as diferenças de hoje para antigamente é muito até as brincadeiras de antes
- 7- não mim chama atenção não porque eu achei muito ruim essa pesquisa.
- 8- Eu não quero afintades mais assim não porque eu tenho vergonha de fazer pesquisa o povo



## Anexo K - Feedback da entrevista professor x aluno. (Y. C.).

- 1.) Respostas: eu achei ótimo porque eles falaram das pessoas antigas das necessidades das pessoas. como vive alimentava porque para eles comer tinha que plantar batata macaxeira tinha que ir para a mata para colher para cozinhar porque não tinha fogão para cozinhar comida eles tinham que ir de caçula trabalhava não ganhava o suficiente para comer.
- 2.) Respostas: fazer a sua a cora de melancolia utilizar o celular a lanterna e outros de sair nos treinamentos para não fazer só a profissão mas ajudar várias vezes foi bom de mais meus estudos de muitas coisas de antigamente.
- 3.) Respostas: eu não tenho dificuldade nenhuma eles me atenderam muito bem me sorriam eu fiz as perguntas e eles me responderam muito bem pra me. Foi ótimo de mais.
- 4.) Respostas: a maioria deles foram naturais porque eu acho que eles gostaram de participar para falar sobre antigamente de pessoas das das pessoas situações. eles mantiveram pra me eles gostaram.

Yasmin

22 05 18

5º Respostas: sim porque as perguntas dizem parte das respostas para responder todas na base não teve dificuldade nenhuma, tudo normal. e tudo pra me foi muito interessante com base nas perguntas.

6º Respostas: eu achei muito interessante sobre o histórico de antigamente das mercuriais das pessoas antes a base da mata era uma mata mais agora tomam carros e tem muita diferença de antigamente para hoje porque antigamente seus filhos respeitava suas mães mais agora não respeito nem nada e é muito importante filhos respeito suas mães pai não é muito importante.

7º Respostas: o nome do meu grupo foi muito importante porque foi sobre a origem do lugar como era sua sua mãe mais agora tá tudo mudado.

8º Respostas: gostaria para conhecer a cidade. fiz as perguntas



lados em  
era mim  
formais e  
pesquisa

## Anexo L - Feedback da entrevista professor x aluno. (E. S.).

1- Eu acho bom porque, eu não conhecia a L Da Boca Da mata, eu não sabia o que antes aqui, mais agente fez uma pesquisa. Seu Sebastião Batalha, contou tudo sobre a origem da Boca Da mata, ele falou sobre o trabalho de antigamente sobre a educação de antigamente, como as meninas eram com antigamente, elas namoravam, com pai e mãe e eles. As coisas de antigamente, são muito diferentes das coisas de hoje. Como a educação, o namoro as brincadeiras.

2- Nos fomos para sua, e fomos entrevistar o seu Sebastião Batalha, e entrevistamos o celular, caderno e lápis. Para entrevistar, o seu Sebastião Batalha, ele falou sobre tudo, que aconteceu antigamente na Boca Da mata, o foi bom porque eu conheci a História De antigamente, como era a brincadeira de antigamente.

3- Eu encontrei dificuldade porque a pessoa que eu fui entrevista ela estava muito culpada, aí ela não pode falar direito. Por isso que eu fui entrevista o seu Sebastião Batalha.

4- Os moradores nos receberam muito bem principalmente o seu Sebastião Batalha, ele nos recebeu muito bem, ele e sua esposa fizeram a entrevista com todo carinho e ela foi muito legal com a gente...

5- As perguntas facilitaram por que eles falaram tudo o que agente precisava, e eles falaram muito mais, eles falaram sobre tudo o que a gente precisava, eles falaram muito e facilitou tudo pra gente.

6- Foi muito bom conhecer as histórias de antigamente os costumes as lembranças. Foi importante conhecer porque a gente ainda não conhece as histórias de antigamente, e a gente passou a conhecer as histórias de antigamente, e as coisas mudaram muito de antigamente, para os tempos de hoje.

7- O que mais chamou atenção no meu grupo foi sobre a educação de antigamente para a educação de hoje, porque antes eles, estudavam em casa, e ensinavam de raiz na mão...

8- Gostaria porque foi muito bom fazer essas entrevistas, e eu gostaria de fazer de novo.

## Anexo M - Feedback da entrevista professor x aluno. (N. S.).

- 1- gostei sim Porque agente aprendeu mais Eles falaram do tempo antigo como era as Ruas igrejas eu apreli varias coisas assim a Professora Josefa ajudou agente gostei muito de fazer essa Pesquisa gostaria de fazer novamente Porque assim agente aprende mais sobre o passado Como era as Ruas Seu Bastião ajudou muito Com o que ele falou ele deu informações muito importa
- 
- 2- Eu utilizei o celular e os nossos materiais escolar agente foi na casa das pessoas Para mais conhecer agente Foi gravou foi assim que agente entrevistou Conseguimos a entrevista.
- 
- 3- a maior dificuldade foi Porque Eu não sabia os nome de moradores mais depois agente foi descobrido o nome de cada um.
- 
- 4- O Seu Bastião ele acuto faz a entrevista Porque ele falou com era antes e depois Como era as casas igrejas Escolas ele falou tambem as Cidades Com era a cidade de Antis e tempo Passou e tudo muni

5- As Perguntas Fei básica com a resposta ele respondeu como agente Precitava com as minha Pesquisa todos os relatos ele falou o que nós estava precisando.

6- Eu achei tão importante com a história de Antigamente Por que Fei assim que eu descobri como era as coisa Fei como um descobrir como assim a resposta estivesse numa forma de segredo eu achei as resposta era tudo que eu queria saber.

7- O que mais chamava Atenção Fei relato o que ele falou sobre que tudo mandava as pessoas mundava as pessoas respeitava as mães os pais todo mundava até as casas os Bairros Cidades isso foi mas importante.

8° assim gostava muito de fazer movimento Por que assim eu descobri as coisa como era a cidade, Escola, e outra coisa importante

## Anexo N - Feedback da entrevista professor x aluno. (R. S.).

1 eu acho muito bom porque eles falaram mu-  
 to bem eles não foi ingenuos não.  
 2 A Professora foi como nós para e pra-  
 casas de porco e lá eles falaram muito bem  
 a Professora trouxe nós para falar como eles.  
 3 nós nós pensamos que era mais não foi  
 bem nós pensamos que era muito diferente  
 mais não foi.  
 4 eles falaram sobre o porco que ia pra  
 feira que não tinha carne pra e pra fazer  
 que ia de cavalo e de burro e ia a pe-  
 5 sim sobretudo ela falou muito bem  
 falou tudo sobre ela falou muito bem.  
 6 O eu foi muito bom o Barstão foi muito  
 bem ele falou da casa de aluga foi também  
 que eles fazem mais farinha e também eles  
 falou que trabalha muito.  
 7 eu acho o grupo de educação que ela foi pro  
 caso da mulher e ele falou que trava muit  
 ocupada muito.  
 8 sim mais aqui não é bom sobre cidades  
 pra nós conhecere as cidades  
 Rainara Costa Silva

## Anexo O – Considerações finais sobre o livro – alunos: W. M e R. S.

Este livro é importante porque  
 foi importante para mim conhecer os costumes  
 do passado e muitas coisas de  
 lá das pessoas lá isso.

Porque foi muito bom porque o professor falou pra  
 nós pra aí nós fez mais foi muito e também nós não  
 ia fazer mais nós fez mais ficou muito lindo e  
~~bom trabalho~~ ~~trabalho~~ fiquei feliz esse  
 trabalho

## Anexo P - Considerações finais sobre o livro – aluno: E. S.

Eu gostei muito de fazer esse livro, porque eu conheci a  
 história dos meus antepassados, e de como surgiu a  
 origem do nome Boca da Mata, foi ~~bom~~ bom conhecer  
 como era as brincadeiras e diversões, e de como era  
 as famílias de antigamente, o comportamento das crian-  
 ças de antigamente é diferente do comportamento de hoje.  
 O nome também era muito diferente, porque hoje as meni-  
 nas de 13 e 14 anos já tem filhos, e antigamente não, as  
 meninas não ~~ia~~ andava sozinha com seus namorados.  
 Então, existe uma diferença muito grande, de antigamente  
 pra os dias de hoje, porque as coisas evoluíram e as  
 pessoas também ~~evoluíram~~

Anexo Q - Considerações finais sobre o livro – aluno: N. S.

Eu gostei de fazer o livro porque ele volta a passagem e conta como tudo começou como os origens, brincadeiras e diversões e trabalho, foi bom também porque as pessoas pode conhecer como era o nosso povoado

Anexo R - Considerações finais sobre o livro – aluno: F. L.

Esse livro foi muito importante para todo mundo saber como era antigamente no povoado Boca da Mata. Foi muito importante para mim como ~~o~~ era o passado para gente saber o passado da Boca da Mata.

" Eu gostei de fazer o livro porque foi muito bom para eu e minha turma do 3º ano foi muito importante para saber de nosso povoado de antigamente de nossos bisavós 4 Franklin



## Anexo S - Considerações finais sobre o livro – aluno: Y. C.

Foiz em geral livro ~~o~~ isto sempre  
 muito ótimo como para mim ou  
 para as outras pessoas para saber  
 da origem do nome Poluado como  
 era como surgiu tudo e também  
 foiz em geral livro isto sempre uma  
 ótimo curso para nós que não  
 sabiam de nada do Poluado?

## Anexo T - Considerações finais sobre o livro – aluno: M. S.

eu achei muito bom porque nos  
 nunca tinha feito um livro era  
 a primeira vez eu achei muito  
 bom made ~~o~~ desenhar  
 melhor

## Anexo U: Livro



## Apresentação

Este livro fala sobre o povoado Boca da Mata no Estado Alagoas. A história relata sobre a origem o trabalho a educação, a família e as brincadeiras e diversões de antigamente deste povoado.

Ao criar este livro eu e a minha turma do sexto ano de reunião para conhecer e relatar os relatos dos moradores, mais antigos deste povoado.

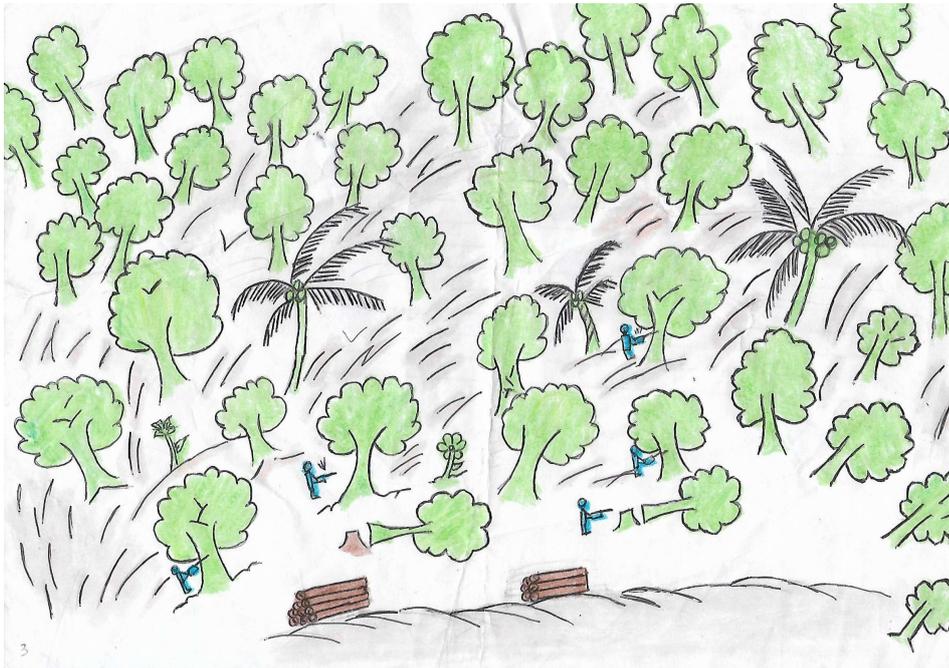
A partir desses relatos nós começamos a criar este livro: um aluno desenhando o autor escrevendo, outro pintando e assim nós começamos a criar o livro do povoado Boca da Mata.

A construção deste livro foi importante por que relatou as memórias de antigamente que nós não sabíamos e agora com isso nós conhecemos a nossa história.

Wesley matheus

8º ano

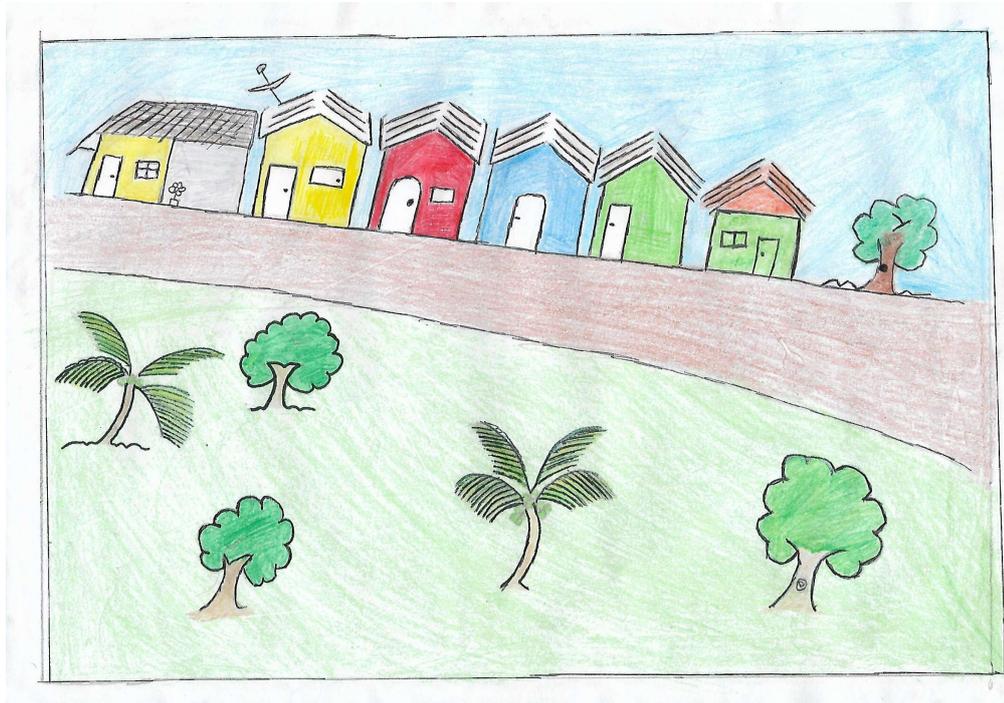
Proj. Boca



### A Origem Da Boca Da Mata

Ola, eu vim aqui contar um pouco da minha origem. Pra vocês. Antes eu era uma mata, cheia de frutos e animais. Tudo parecia normal. Mas de repente apareceu uns homens brancos que começaram a cortar a minha lenha, e levaram minha madeira para vender. Com isso ficaram os desfalques, das minhas árvores cortadas. Dessa forma ficou-se

uma faixa denominada de Tabuleiro, porque essa área desmatada antes de abrir a mata, ficou sendo chamada de Boca Da Mata, então as pessoas ficaram contando para as outras, que cortavam lenha em minha mata, e por isso as pessoas começaram a me chamar de Boca Da Mata.



As minhas Festas eram tradicionais como o Carnaval, a Páscoa, o dia das mães. As pessoas ficavam em casa, e também tinha Festa das Padroeiras pois sempre elas iam para essas Festas.

Como também no Pilar e em Atalaia eles viajavam para o fazendeiro do norte no Ceará, não era comum ganhar presentes nestas Festas nem mesmo no dia das crianças e também nem no natal.

O modo de vida da gente era simples: Porém nós viviam felizes mas contavam que as condições eram simples e confortáveis, elas eram comemoradas uma vez ao ano. Para os seus filhos e quem teria condições para comemorar um chinelinho de um tamarco de as mais velhas usavam chapéus e as reuniões femininas eram as mesmas mães que faziam em casa.



### As brincadeiras e diversões

Vou contar um pouco sobre as festas, brincadeiras e diversões eram todas muito simples: As crianças se reuniam para brincar de carrinho, pular corda e pular de um de lugar pedras na rua.

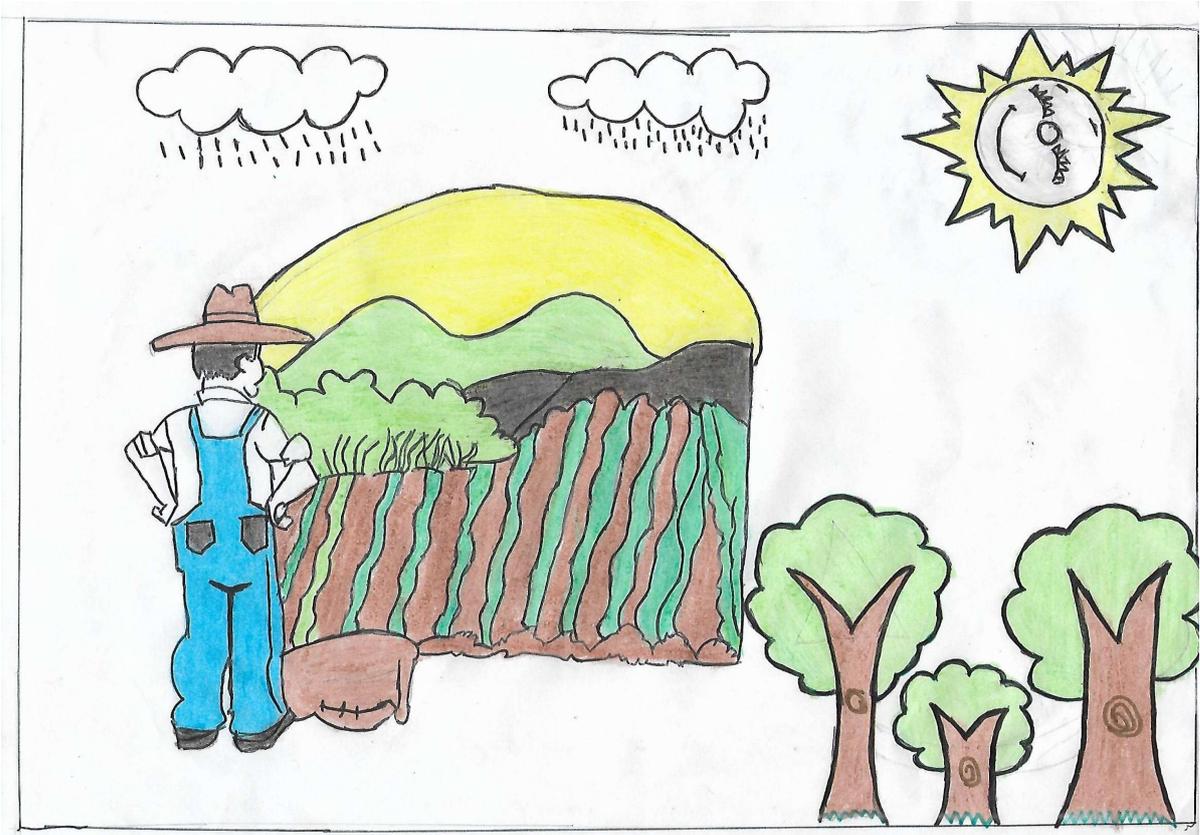
Os meninos não jogavam bolas por que não tinham muito dinheiro para comprar as bolas.

Mas também contam que há muita diferença das brincadeiras e do mesmo modo de vida de antigamente para os de hoje por que antes, tudo era mais difícil como por exemplo a acessibilidade para nós ir em ao médico quando nós estavam doentes, uma vez que não havia transportes nós iam de burro felizes sendo isto confirmando em todos os nossos relatos.



O Trabalho como sempre era  
 feito com a serra (madeira)  
 e cortado na casa de Barros  
 e Indústrias de São Paulo a usina  
 usava e de lá os trabalhadores  
 iam trabalhar os madeira para  
 a cidade de Curitiba e os cortado  
 levavam para a cidade de Atalaia  
 e do Pilar

Hoje muitos trabalhadores daqui  
 do meu Estado trabalham  
 fora em outras atividades pois  
 aqui ainda não tem fonte de  
 trabalho com indústria ou  
 comércio.

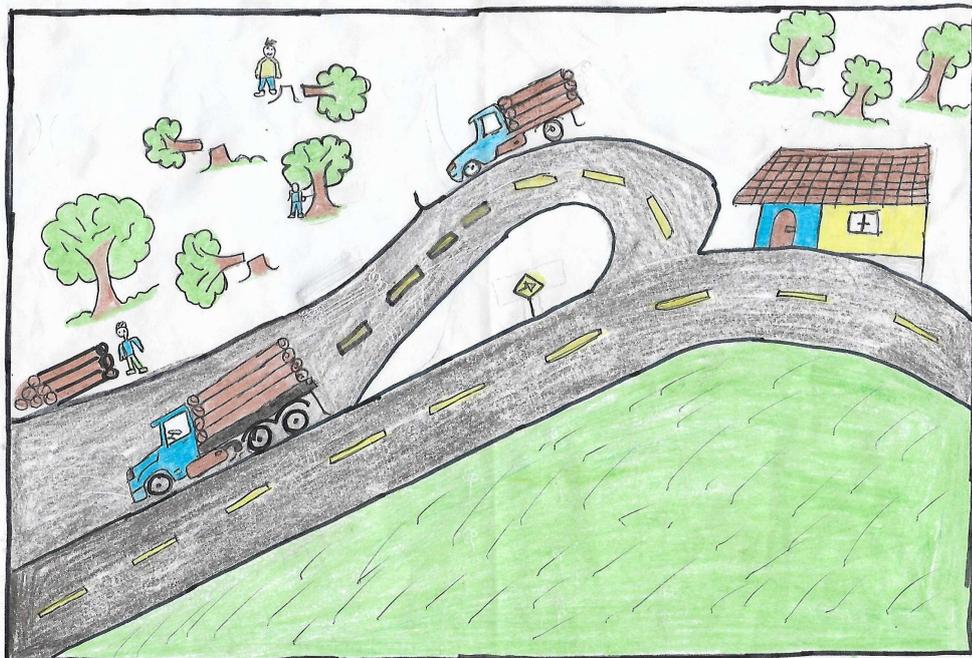


Na época de férias buscou  
 muita companhia para fazer  
 o trabalho, sobretudo as crianças  
 que trabalhavam para ajudar  
 os netos pais.



## O Trabalho

Agora, eu quero falar do Trabalho do meu Paísado. Aqui era na agricultura: Cortar cana, Cortar mandioca... e APLOANTOÇÃO de Mandioca, Inhame e Batata doce. As Famílias Também faziam Pólvora... Para vender, e receber um troco de... Muitos Pais trabalhavam com alguns dos animais, e outros outros eram de outros Pais e de outros Pais.



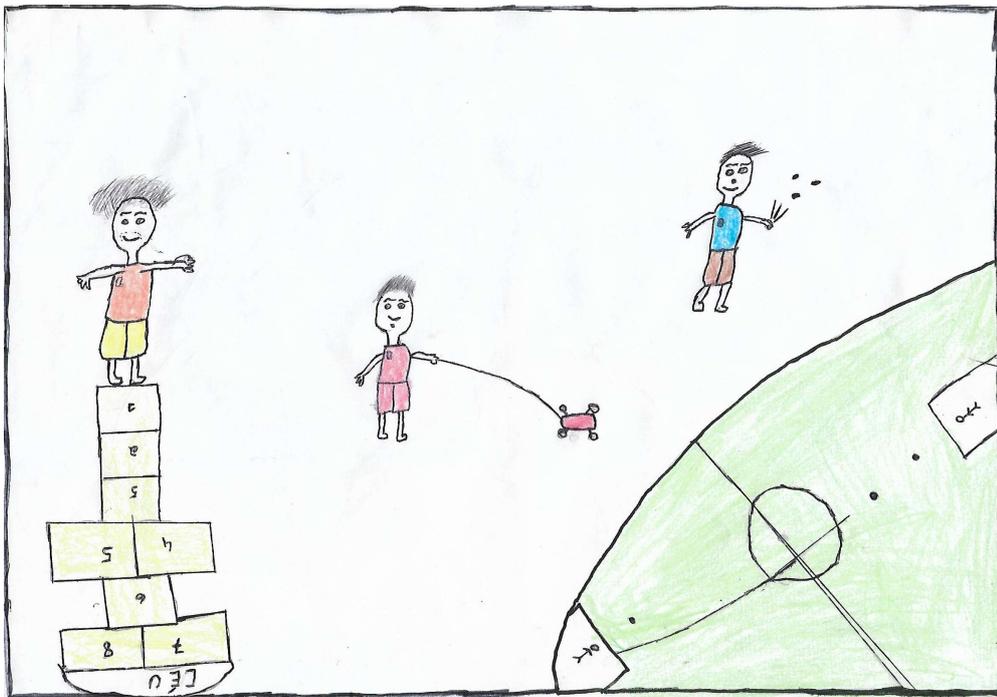
## A Educação

Agora se vou falar, como era minha educação antigamente. Antes neste período não havia escolas, e as crianças era alfabetizadas até o terceiro ano primário na casa do seu avô.

A casa era grande e de taipa e a professora tinha de trazer para as crianças. Não havia transporte escolar, as crianças iam a pé para a escola. Logo esta casa transformouse em um grupo escolar com duas salas de aula, pois havia poucos alunos.

A educação de antigamente era diferente de hoje, essencialmente em relação ao respeito com os professores como também ao ensino porque as crianças aprendiam mais.

Ainda falando sobre a minha educação quando os alunos chegavam na escola, cumprimentavam a todos com um "Bom Dia", e na sala de aula todos rezavam. A professora ensinava a fazerem o pelo sinal e depois iam cantar o hino nacional.



## As Famílias

As famílias daqui, eram pobres mais havia amor e respeito. A Educação Familiar, naquela época era diferente da de hoje.

Os filhos eram obedientes aos Pais e os respeitavam, Os filhos não Saíam sozinho não dormiam fora de casa, iam para Festa de Aniversário em Aniversário; as meninas não Podiam usar calça comprida e nem usar Batom e todos iam para cama logo cedo.

As minhas famílias elas eram, muito numerosas. As Crianças eram comportadas e mais obedientes aos Pais. O namoro dos meus jovens era assistido Pelos Pais (O Pai e a mãe sentavam ao lado do casal) até O dia de seu casamento. Há muito diferença das famílias de Antigamente Para as de hoje, Principalmente em relação a Educação Familiar e o Respeito as minhas de hoje São "ricas" em comparação com a Propriedade das famílias de Antigamente



Deste modo surgiu as  
 primeiras moradias, em minhas terras.  
 Essas casas eram feitas com minhas ma-  
 deiras e com as palhas de meus coqueiros.  
 Depois começaram a fazer essas casas com  
 tijolos. O tempo foi passando, e cada vez  
 mais, a minha mata foi sumindo, e cada  
 vez mais, foi surgindo moradias.  
 Hoje sou o Povo do Boca Da Mata com  
 várias moradias, Posto de Saúde, igrejas,  
 escolas, churrascaria e mercados, tudo mu-  
 dou de um tempo pra lá.

## Anexo V: Livro versão final

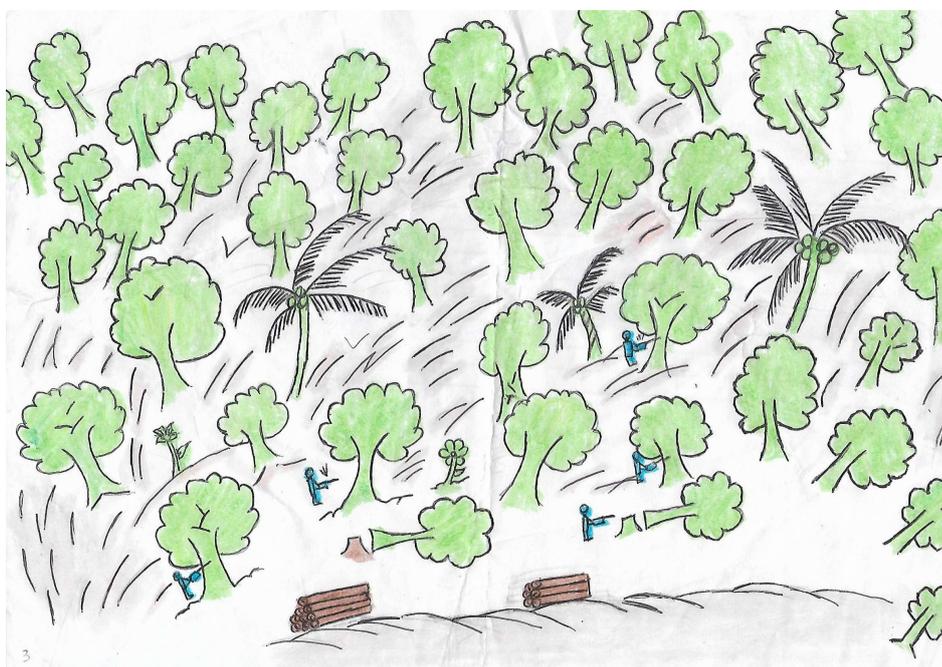


## APRESENTAÇÃO

Este livro fala sobre o povoado Boca da Mata, Atalaia/Alagoas. Ele relata a história da origem, do trabalho, da educação, das famílias e das brincadeiras e diversões de antigamente deste povoado.

Ao criar este livro, nós da turma do oitavo ano da escola Dr. Domingos Correia, sob a orientação da professora Josefa Maria dos Santos, nos reunimos para conhecer e colher os relatos orais das memórias dos moradores mais antigos deste lugar. À partir desses relatos, nós produzimos este livro: uns escreviam, outros desenhavam e outros pintavam. Dessa forma, segundo os relatos do Sr. Sebastião Batalha, dona Dulce e outros moradores, nós conseguimos criar o livro do povoado Boca da Mata.





### A Origem do povoado Boca da Mata

Olá, eu venho aqui contar um pouco da minha origem para vocês. Antes, eu era uma mata, cheia de frutos e animais, tudo parecia normal. Mas, de repente, apareceu uns homens brancos que vieram cortar a minha lenha, e levaram minha madeira para vender. Com isso, ficaram os desfalques das minhas árvores cortadas. Dessa forma, criou-se uma faixa denominada de tabuleiro. A essa área desmatada, antes de adentrar a mata, ficou sendo chamada de Boca da mata. Então, as pessoas foram contando para as outras que cortavam lenha em minha mata e, a partir disso, as pessoas começaram a me chamar Boca Da Mata.





Desse modo, surgiram as primeiras moradias em minhas terras. Essas casas eram feitas com minhas madeiras e com as palhas do meus coqueiros. Depois, começaram a fazer essas casas com tijolos. O tempo foi passando, e cada vez mais, a minha mata foi sumindo..., e cada vez mais foi surgindo as moradias.

Hoje, sou o povoado Boca Da Mata, “um povoado em transformação,” com várias moradias, posto de saúde, igrejas, escolas, churrascaria e mercado, tudo mudou de uns tempos para cá.





### As famílias

As famílias daqui eram pobres, mas havia amor e respeito. A educação familiar, naquela época, era diferente da de hoje. Os filhos eram obedientes aos pais e os respeitavam. Os filhos não saíam sozinhos, não dormiam fora de casa, iam para as festas de ano em ano juntamente com a família; as meninas não podiam usar calça comprida e nem usar batom e todos iam para cama logo cedo.

As minhas famílias eram muito numerosas. As crianças eram comportadas e mais obedientes. O namoro dos meus jovens era assistido pelos pais (o pai e a mãe sentavam-se ao lado do casal) até o dia do seu casamento.

Há muita diferença das famílias de antigamente para as de hoje, principalmente, em relação a educação familiar e ao respeito. As famílias de hoje são “ricas” em comparação com a pobreza das famílias de antigamente.





### A educação

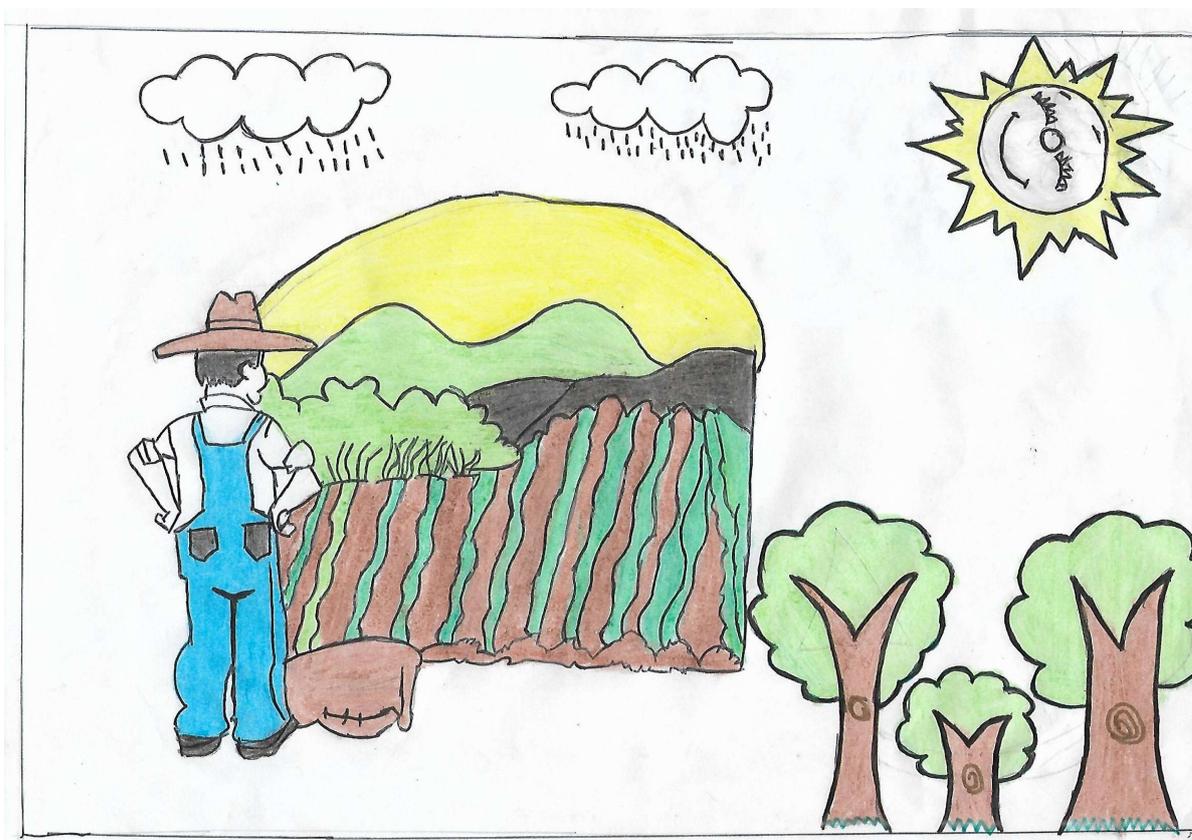
Agora eu vou falar como era a minha educação. Antes, neste povoado não existiam escolas, e as crianças eram alfabetizadas até o terceiro ano primário na casa do meu bisavó (primeiro morador e dono dessas terras).

A casa era grande, de taipa e a professora vinha de Atalaia para ensiná-los. Não havia transporte escolar, as crianças vinham a pé para a escola. Logo, esta casa transformou-se em um grupo escolar com duas salas de aula, pois havia poucos alunos.

A educação de antigamente era diferente da de hoje, essencialmente, em relação ao respeito com os professores, como também ao ensino, porque as crianças aprendiam mais.

Ainda falando sobre a minha educação: quando os alunos chegavam na escola, cumprimentavam a todos com um “bom dia”, e na sala de aula todos rezavam. A professora ensinava a fazer o pelo sinal e depois iam cantar o hino nacional.

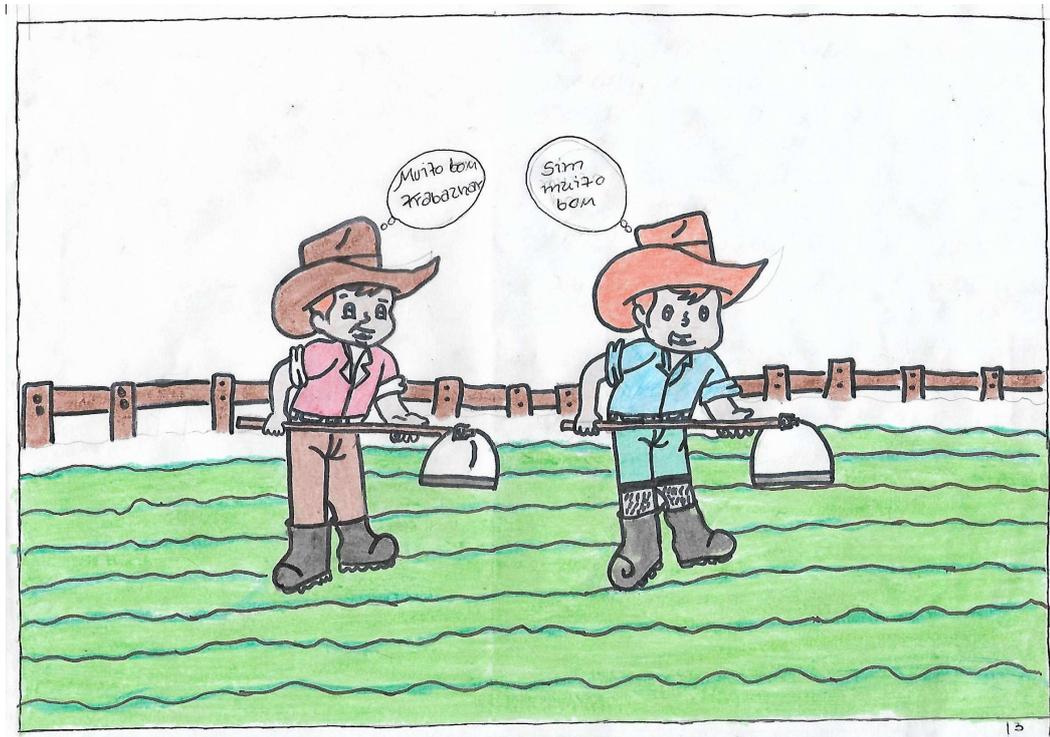




### O Trabalho

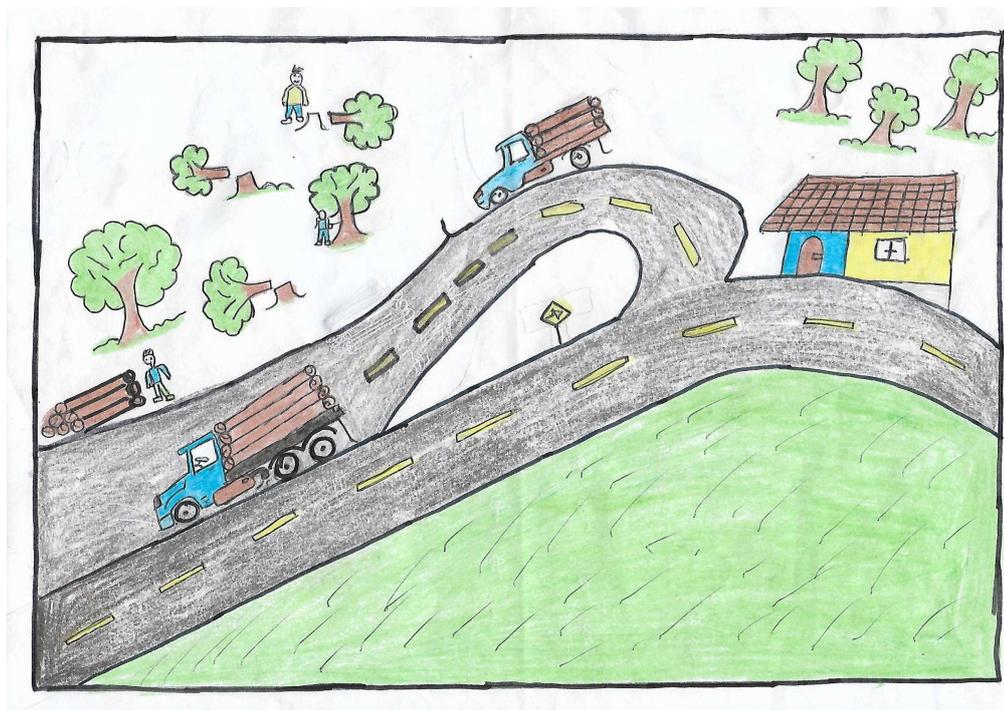
Agora, eu quero falar do trabalho do meu povoado, o qual era na agricultura: cortar cana, cortar madeira, plantar mandioca, inhame e batata doce. As famílias, também, faziam carvão para vender e receber um trocado. Nossos pais trabalhavam com aluguel dos animais. Essas terras eram dos nossos pais e dos nossos tios.





Na época do nosso bisavó havia cangaceiro para fazer o trabalho, entretanto, as crianças trabalhavam para ajudar aos nossos pais.

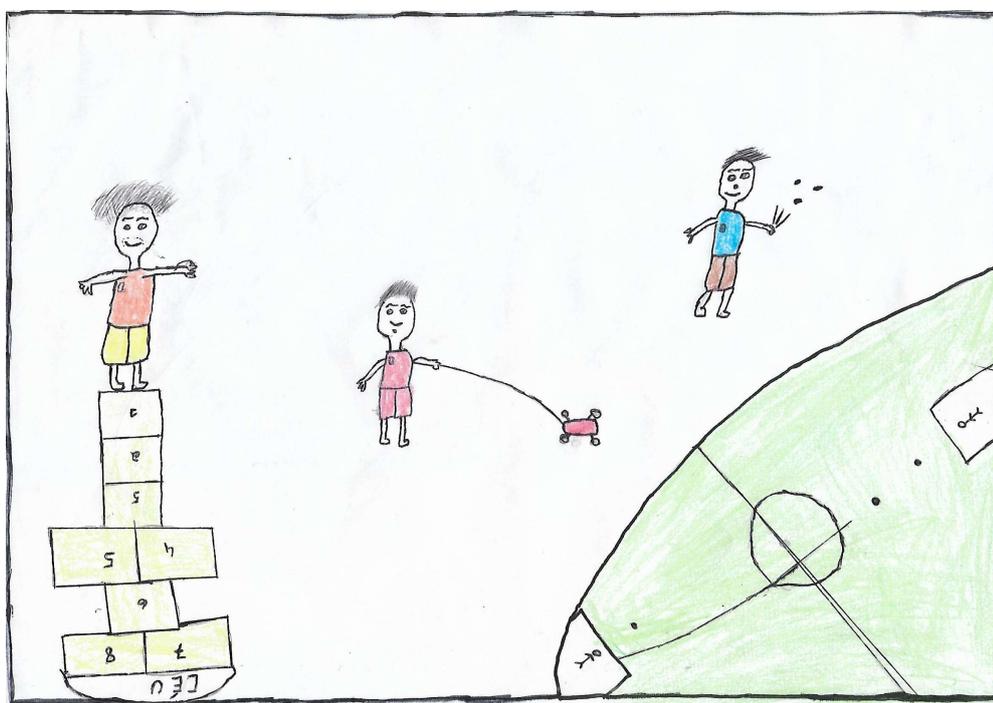




O trabalho, como sempre, era cortar cana, tirar lenha (madeira) e carregar em carroça de burro e, inclusive, levar para a Usina Uruba e de lá os trabalhadores levavam as madeiras para a cidade de Satuba e o carvão para a cidade de Atalaia e do Pilar.

Hoje, muitos trabalhadores daqui do meu povoado trabalham fora em outras atividades, pois aqui, ainda, não tem fonte de trabalho como indústria ou comércio.





### As brincadeiras e diversões

Vou contar um pouco sobre as nossas festas, brincadeiras e diversões. Todas eram muito simples: as crianças se reuniam para brincar de carrinho, de pular de corda, de pular de avião, de jogar pedras e de brincadeiras na rua.

Os meninos não jogavam bola porque não tinham muito dinheiro para comprar as bolas. Há muita diferença das brincadeiras e do nosso modo de vida de antigamente para os de hoje, porque, antes, tudo era mais difícil, como por exemplo a acessibilidade para irmos ao médico. Quando nós estávamos doentes íamos de burro, uma vez que não havia transportes. Mas éramos felizes!





As minhas Festas eram tradicionais como o carnaval, a páscoa, o dia das mães, etc., as pessoas ficavam em casa. Também, tinha a festa das padroeiras, pois sempre íamos para essas festas em Pilar, em Atalaia e até viajávamos para o Juazeiro do Norte no Ceará. Não era comum ganhar presentes nestas festas, nem mesmo no dia das crianças e nem no Natal.

O modo de vida da gente era simples, porém nós vivíamos felizes. As nossas roupas eram simples e compostas, elas eram compradas uma vez ao ano; e poucos tinham condições para comprar um chinelinho ou um tamanco. Os mais velhos usavam chapéus e as roupas femininas eram as nossas mães que faziam em casa.



### Considerações Finais

“A construção desse livro foi importante porque relatou as memórias de antigamente que nós não sabíamos e agora, com isso nós conhecemos a nossa história.” (Wesley Matheus)

“Este livro é importante para que todos leiam quando forem para biblioteca e para que as pessoas saibam mais sobre a Boca da Mata” (Erivan da Silva)

“Eu gostei muito fazer esse livro, porque eu conheci a história dos meus antepassados, e de como surgiu a origem do nome Boca da Mata... foi bom conhecer como eram as brincadeiras e diversões, de como eram as famílias, o comportamento das crianças, o namoro e etc. Então, existe uma diferença muito grande de como era antigamente para os dias de hoje, porque as coisas evoluíram e as pessoas também.” (Maria Eduarda)

“Eu gostei de fazer o livro, porque ele volta ao passado e conta como tudo começou como a origem, brincadeiras, diversões e trabalho. Foi bom também porque as pessoas podem conhecer como era o nosso povoado.” (Naely Vitória)

“Foi muito bom!...ficou muito lindo e bonito e fiquei feliz em fazer esse trabalho” (Rainara Costa)

“Foi importante para mim conhecer as histórias do povoado, das famílias e muitas coisas... foi isso!” (Roberto Alexandre)

“Eu achei muito bom, porque nós nunca tínhamos feito um livro. Essa é a primeira vez. Eu achei muito bom, por causa dos meus desenhos”(Maciel da Silva)

“Fazer este livro está sendo muito ótimo, tanto para mim como para as outras pessoas para sabermos da origem do nosso povoado, como surgiu..., e, também está sendo ótimo para nós que não sabíamos de nada do povoado.” (Yasmim Emanuele)

“Eu gostei de fazer o livro, porque foi muito bom para mim e a nossa turma do 8º ano. Foi importante para saber do nosso povoado de antigamente dos nossos bisavós.” (Franklin Eduardo)



Turma do 8º ano da Escola D□D□□□□□□□□□□, escritores e ilustradores.